



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

PATRÍCIA MONTEIRO LIMA CHAGAS

SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS
ESCOLAS

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense visando
à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Profa. Dra. Edicléa Mascarenhas Fernandes



NITERÓI

2017

PATRÍCIA MONTEIRO LIMA CHAGAS

**SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS
ESCOLAS**

Trabalho desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense. Submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFF

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Profa. Dra. Edicléa Mascarenhas Fernandes

C433 Chagas, Patrícia Monteiro Lima

Sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual : proposição do tema nas escolas/ Patrícia Monteiro Lima Chagas – Niterói: CMPDI/UFF, 2017.

148 p.

Dissertação – (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

1. Processo de ensino-aprendizagem. 2. Material didático. 3. Deficiência Intelectual. 4. Sexualidade I. Título.

CDD 371.9

PATRÍCIA MONTEIRO LIMA CHAGAS

SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS ESCOLAS

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Banca Examinadora:

Profª Drª EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES - CMPDI/UERJ
Nome do Completo – (Orientadora/Presidente)

Profª Drª MARIA ÂNGELA MONTEIRO CORRÊA – Departamento de Fundamentos da Educação/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Nome Completo – Departamento – Instituição

Profª Drª DAGMAR DE MELLO E SILVA – CMPDI/UFF
Nome Completo – Departamento – Instituição

Profº Drº HÉLIO FERREIRA ORRICO – CMPDI/SUS
Nome Completo – Departamento – Instituição

Profª Drª GLAUCA TORRES ARAGON – CMPDI/UENF
Nome Completo – Departamento – Instituição (Suplente)

Esse trabalho é dedicado a uma grande professora paraense, Maria de Jesus da Conceição Ferreira Fonseca (in memoriam) que me ensinou sobre conhecimento e humildade, pesquisa e inclusão, vida e educação.

AGRADECIMENTOS

Durante a construção desta pesquisa muitas pessoas contribuíram de forma direta e indireta para que se tornasse um sonho possível. Acredito que a possibilidade de usufruir das experiências obtidas no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI/UFF me trouxe novos olhares, permitindo conviver e aprender com a diversidade, em uma experiência inclusiva para além da sala de aula.

Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade de conviver com gente, eu gosto de gente! Gente com histórias que inspiram, fascinam e aguçam meu compromisso de olhar para além das aparências.

Agradeço a minha família, por cada etapa vencida, pelo tanto de torcida e pelas muitas horas em que minha presença se fez ausente. Meus pais, irmãos e sobrinhos amados. Meu tão amado marido, que ao se aposentar foi meu ombro, minha força e grande companheiro de jornadas entre o Rio e Niterói. Meus filhos Carolina e Leonardo, presentes de Deus. Carolina, minha Mestre em Serviço Social, com você aprendi tanta coisa, mas sobretudo que mulher nasceu foi para ter o seu lugar no mundo; obrigada pelos conselhos, ensinamentos, amor e paciência diante de uma mãe mestranda. Leonardo, Pedagogo, colega de profissão, com você tenho aprendido que na vida é necessário termos leveza e que não é preciso levar tudo tão a sério, com sua teoria do “relaxa mãe”.

Agradeço a minha orientadora e Professora Doutora Edicléa Mascarenhas Fernandes pela oportunidade e privilégio de ser sua aluna e poder compartilhar sua forma risonha de ser no e com o mundo, sem falar em todo o conhecimento. Agradeço por acolher o meu interesse de estudo. Meus sinceros agradecimentos.

A turma de 2015 do CMPDI. Foram muitos os amigos conquistados durante este período. Enquanto o meio acadêmico se faz competitivo, nós mostramos que é possível sermos generosos e compartilharmos conhecimento e experiências, ainda que diante de tamanha diversidade e inclusão! Portanto, que existe sim vida além do lattes e que disputas nem sempre fazem parte da academia. Em especial ao meu querido amigo (filho do meio, do coração) Pedro Rafael, sigo na certeza de que seremos amigos para toda a vida, sua amizade é preciosa para minha família.

Aos alunos, pessoas que fazem parte da minha história. Que ao permitirem nosso encontro no espaço da sala de aula ou da escola, fizeram nascer a professora que vive em mim. Com vocês aprendi que não posso parar de estudar, e que o aprendizado que me proporcionam está para além dos livros, pois é preciso também estar atenta aos detalhes.

Aos alunos, familiares e professores participantes desta pesquisa, meu agradecimento mais que especial. Há momentos em que as palavras são desnecessárias, descabidas, intrometidas, até. Como é preciosa a sorte de encontrar alguém que veja naquilo que dizemos algo que ilumine, inquiete, provoque, derrube certezas, desperte.

Aos *amig@s* da Favo de Mel, meu muito obrigada! Grandes profissionais que me incluíram e muito tem ensinado ao longo destes sete anos. Entre estes, a uma jovem muito especial, Thatyane Jatobá, que foi fundamental na construção do produto do mestrado.

Aos professores do CMPDI, muito obrigada!

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos	IX
Lista de Tabelas	X
Lista de Ilustrações – Figuras	XI
Resumo	XII
Abstract	XIII
1.Introdução	14
1.1 Apresentação	14
1.2 Revisão da Literatura	17
1.2.1 Formação de Professores, currículo e inclusão	17
1.2.2 A pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual e sexualidade	21
1.2.3 O Paradigma de Suporte da AAIDD	25
1.2.4 O jogo na escola: interface de comunicação	28
2.Objetivos.....	31
2.1 Objetivo geral.....	31
2.2 Objetivos específicos	31
3.Materiais e Métodos.....	32
3.1 Sujeitos	32
3.2 Instrumentos e procedimentos para coleta dos dados	34
3.3 Procedimentos para análise dos dados	36
3.3.1 Análise e Interpretação dos Dados	38
3.3.2 Discussão dos Resultados	75
3.3.3 O Produto do Estudo	100
4. Considerações Finais	104
4.1 Conclusões	104
4.2 Perspectivas	108
5.Referências Bibliográficas.....	110
6. Apêndices e Anexos	116
6.1 Apêndices	117
6.2 Anexos	140

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AAIDD - American Association on Intellectual and Developmental Disabilities

CCSE – Centro de Ciências Sociais e Educação

DI – Deficiência Intelectual

DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis

NECAPS – Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais

NEEI - Núcleo de Educação Especial e Inclusiva

PENTA – Problema; Elaborar alternativas; Negociar Consequências; Tomar decisão; Agir e avaliar

RJ – Rio de Janeiro

SIS – Supports Intensity Scale (Escala de Intensidade de Suportes)

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TMT – Transição para o Mundo do Trabalho

TPM – Tensão pré-menstrual

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Identificação dos Professores participantes	p.33
TABELA 2	Identificação dos Alunos jovens e adultos participantes	p.33
TABELA 3	Grupos Focais	p.38
TABELA 4	Categorias Temáticas	p.71
TABELA 5	Confluências e Congruências considerando as categorias temáticas, nas situações-problemas abordadas nos PENTAS	p.73
TABELA 6	Disciplinas já cursadas	p.136
TABELA 7	Produções e Publicações	p.137

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1	100
Figura 2	101
Figura 3	101

RESUMO

O projeto “Sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual: proposição do tema nas escolas” parte de uma experiência vivida no Norte do Brasil, considerando a adolescência e a sexualidade. Tem por objetivo produzir um jogo pedagógico, como tecnologia assistiva, para desenvolver nas escolas o debate sobre o tema sexualidade para jovens e adultos com deficiência intelectual. O jogo como interface de comunicação em práticas inclusivas que consideram a ludicidade e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual age a favor do contexto educacional, atendendo de maneira dinâmica a apresentação de um conteúdo descrito no currículo. Assim, a justificativa desta pesquisa se pauta na importância e necessidade de ampliarmos os estudos no campo educacional acerca de adaptações curriculares e propostas pedagógicas que contemplem o público alvo desta pesquisa, considerando o tema sexualidade, a fim de efetivar reflexões educacionais que promovam mudanças significativas no que é ofertado ao aluno jovem e adulto com deficiência intelectual, nas escolas. Este estudo considera a importância do paradigma de suporte da American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD) na defesa da não segregação e acesso aos suportes, no favorecimento à inclusão social e oportunidades da pessoa com deficiência intelectual expor seus desejos e necessidades, com vistas ao pleno desenvolvimento. Os participantes da pesquisa são alunos jovens e adultos com deficiência intelectual e professores especialistas em Educação Especial de um Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional para pessoas com deficiência intelectual/RJ. Para tanto, elegemos a pesquisa-ação, uma vez que os sujeitos envolvidos compõem um grupo com objetivos e metas comuns, com vistas a planejar as formas de transformações de suas ações e das práticas institucionais, criando na escola uma cultura de análise das práticas que são realizadas. Portanto, a reflexão sobre o fazer educacional que atenda as especificidades para inclusão social do aluno com deficiência intelectual torna-se prerrogativa para o princípio de educar na diversidade.

Produto: Jogo Pedagógico – Sexualidade nas Trilhas da Inclusão

Palavras-chave: Educação; Sexualidade; Inclusão; Pessoa com deficiência intelectual.

ABSTRACT

The "Sex and the person with intellectual disabilities: the me proposition in schools" comes from na experience in Northe of Brazil, considering adolescence and sexuality. It aims to develop schools in the debate on the subject sexuality to young people and adults with intellectual disabilities, from an education al game, asassistive technology. The game as a communication interface for inclusive practices that consider the play fulness and young students and adults with intellectual disabilities acts in favor of the educational context, Suporting dynamically presenting acontent described in the curriculum.This way, ther ationale of this research is guide dont heim portance of broaden the studie sin the educational Field about curricular adaptations and teaching proposals that a ddress the target audience of this research, considering the theme sexuality, making effective educational reflections that promote significant change sin what isofferedto the student young adult with intellectual disabilitie sin schools.This study considers the Association of American support paradigm on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD) importante in defense of desegregation and Access to the media in favor of social inclusion and individual opportunities with intellectual disabilities expose their wants and needs, wishing their own development. The participants are young students and adults with intellectual disabilities and specialist teachers in Special Education who stud and workata Support Center Specialist to Professional Education for people with intellectual disabilities/RJ. We chose the action research, since the subjects involved make up a group with common goal sand targets, in order to plan form sof transformations of their actions an dinstitutional practices, creating the cultural analysis of practices that are carried out in the school. There fore, there flectionon the educational doing that meets the specifics for social inclusion of students with intellectual disabilities becomes prerogative to the value of educatingin diversity.

Product: Educational Game

Keywords: Education; Sexuality; Inclusion; Person with intellectual disability

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

O estudo a seguir faz parte de uma trajetória acadêmica iniciada no ano 2001, no curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Pará, a partir do ingresso no Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais - Necaps/CCSE/UEPA. Neste espaço de promoção de pesquisa e saberes eram promovidas as Jornadas Científicas de Educação. Tais Jornadas ocorriam internamente, quando alunos de escolas públicas próximas ao campus eram convidados à participação neste projeto de extensão, bem como externamente, quando os bolsistas voluntários e professores do Núcleo se deslocavam para escolas das periferias e situadas em comunidades ribeirinhas no entorno de Belém.

A participação dos bolsistas/voluntários nestas Jornadas se dava em diferentes frentes. Uma das atuações que mais despertavam o interesse do público alvo, alunos de escolas públicas cursando o segundo segmento do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, eram as oficinas pedagógicas promovidas que versavam sobre diferentes temas. Um fator interessante e que contribuía substancialmente para a qualidade do trabalho oferecido nas oficinas, era o fato de bolsistas e voluntários de diferentes cursos de graduação se unirem na promoção de um tema, dando-lhe um caráter interdisciplinar.

Nesse tocante, pensando já naquela época em organizar uma oficina sobre sexualidade, considerando a realidade apresentada, na qual muitas pré-adolescentes e adolescentes engravidavam, planejamos a oficina “Adolescência e Sexualidade: Encarando prazeres e desafios”. Esta oficina pedagógica se desenvolveu sob o olhar atento e fundamentado de três integrantes do Núcleo: eu, aluna do curso de Pedagogia, uma aluna do curso de Formação de Professores e um aluno do curso de Medicina.

É imprescindível dizer que as experiências vivenciadas a cada dinamização, em espaços e com público bem diverso, fundamentaram a formação acadêmica e profissional de cada um dos envolvidos para muito além do que poderiam supor. Os relatos e ensinamentos contribuíram com a

constituição de novos sujeitos, na certeza de que uma proposta educacional que aborde o tema sexualidade, apresentada a partir do lúdico, pode orientar os jovens a serem os agentes transformadores de suas histórias.

Portanto, neste alicerce, a proposta aqui apresentada pretende desenvolver caminhos para que no contexto educacional inclusivo, com o uso de um jogo pedagógico, o tema sexualidade seja desenvolvido junto ao público jovem e adulto com deficiência intelectual, considerando o paradigma de suporte da Associação Americana de Deficiência intelectual e Desenvolvimento (AAIDD, 2010).

O aluno jovem e adulto com deficiência intelectual passa a integrar a motivação para o estudo há sete anos, quando ingressei via concurso público em um Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional para Pessoas com Deficiência Intelectual, no Estado do Rio de Janeiro. Considerando as escutas e imersa na reformulação da proposta pedagógica da unidade de ensino, bem como na produção científica acerca de temas voltados à pessoa com deficiência intelectual, surge esta pesquisa.

A partir da criação de um recurso, configura-se a hipótese central de investigação desta pesquisa, de que a produção de um jogo pedagógico sobre sexualidade atende ao paradigma de suporte, possibilitando as escolas promoverem discussões de temas relacionados à sexualidade, efetivando e ampliando o debate acerca das pré-concepções sobre a temática.

A incipiência de propostas curriculares no campo da sexualidade que atendam ao desenvolvimento de competências e habilidades a serem alcançadas por jovens e adultos com deficiência intelectual pode indicar a necessidade de ampliação do debate e proposição do tema nas escolas.

Assim, a justificativa da pesquisa se fundamenta na importância de ampliarmos os estudos no campo educacional acerca de adaptações curriculares e propostas pedagógicas que contemplem o público-alvo desta pesquisa, considerando o tema sexualidade, efetivando reflexões educacionais que promovam mudanças significativas no que é ofertado ao aluno jovem e adulto com deficiência intelectual, nas escolas. Neste contexto o objetivo principal deste estudo é produzir um jogo pedagógico, como tecnologia assistiva, para desenvolver nas escolas o debate sobre o tema sexualidade para jovens e adultos com deficiência intelectual

O lócus da pesquisa se concentrará em um Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional – RJ. Participaram da pesquisa professores especialistas em Educação Especial e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual. Formamos grupos de discussão focal com a participação dos sujeitos, elencando as necessidades e prioridades emanadas do cotidiano da sala de aula no fazer educacional a respeito do tema sexualidade. Para isto, os envolvidos participaram de dinamizações com uso de um método de proposição e resolução de situações-problema, produzido como recurso de tecnologia assistiva de baixo custo. Posteriormente à aplicação deste recurso, disparador dos grupos focais, os discursos foram revisados permitindo que a partir dos dados levantados, partíssemos para a análise e posterior produção final do jogo pedagógico, produto a ser compartilhado com a sociedade.

Para tanto, esta pesquisa se dividirá em quatro subitens, assim descritos:

- 1) Formação de professores, currículo e inclusão;
- 2) A pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual e sexualidade;
- 3) O paradigma de suporte da AAIDD
- e 4) O jogo na escola: interface de comunicação.

1.2 REVISÃO DA LITERATURA

1.2.1 Formação de professores, currículo e inclusão

Ao longo dos anos, o campo de estudos voltado à formação de professores tem se constituído no debate propositivo em busca de uma educação pública, de qualidade, que atenda a diversidade do todos que compõe a escola.

Segundo Vitaliano (2010), duas concepções descrevem o professor do século XXI: a que o compreende como técnico-especialista comprometido em dominar e aplicar o conhecimento científico para dar conta da prática docente; e a que o considera um profissional autônomo, reflexivo, capaz de tomar decisões e de criar, durante seu próprio agir, diversas possibilidades pedagógicas para atender as necessidades que emergem do cotidiano escolar.

Nesse sentido, esta pesquisa se coloca em consonância com este professor que cria durante seu próprio agir, na medida em que compreende que teoria e prática são fatores indissociáveis ao contexto educacional¹. No que se refere à escolarização de um aluno com deficiência intelectual, cabe ao professor, em um contexto inclusivo, compreender a necessidade de prover adaptações curriculares que contemplem acesso ao currículo, como fator fundamental ao processo de ensino-aprendizagem, pois será na compreensão dos conhecimentos prévios, experiências vividas, necessidades e dúvidas, considerando a interação com objetos, meio físico e pessoas², que se dará a experimentação de mundo para este aluno.

1 Acredita-se que se faz necessária a superação da concepção de que “na prática, a teoria é outra”. Essa falsa afirmação se assenta na ideia de que a teoria só possui valor se conseguir dar respostas imediatas à realidade social. Nesta medida, compreende-se que a prática “não é mera atividade irrefletida, reiterativa, tradução do (certo) *automatismo* típico das experiências cotidianas dos indivíduos, modos de os mesmos operarem rotineiramente as tarefas simples da vida” (FORTI e GUERRA, 2011, p. 7, grifos das autoras). A prática não pode por si só gerar o saber teórico, pois a essência da realidade se pauta no conhecimento dado pela teoria. Logo, “a teoria não se gesta, não brota da prática, mas da apurada reflexão sobre ela. Tampouco, se pode dizer que a teoria produz transformações práticas” (FORTI e GUERRA, 2011, p. 16). O que ela transforma “[...] são as ideias, as consciências, as percepções e as concepções – ou seja, elementos necessários e que também são parte da realidade” (FORTI e GUERRA, 2011, p. 19).

² Para Fernandes (1999) a teoria do conhecimento sóciointeracionista de Vigotsky defende que a pessoa com deficiência constrói conhecimentos e se apropria das concepções de mundo em situações de interação social.

Tais adaptações, segundo Fernandes e Orrico (2012) se constituem em ofertar suporte, meios de acessibilidade, adaptações, modificações ou apoios. Esta assertiva considera as condições necessárias ao aprender, prevendo e provendo no contexto escolar os recursos, instrumentos e estratégias exigidas para o processo de ensino-aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual.

No que se refere a prover ao aluno com deficiência intelectual meios de apropriar-se dos conteúdos propostos no currículo escolar, Fernandes e Orrico (2012) defendem que na atualidade, a ausência de acessibilidade submete os socialmente excluídos à exclusão pela argumentação do isolamento do discurso de não se saber lidar com a diferença, ou a de que não existe tecnologia apropriada. Tal discurso, ainda a ser superado no cotidiano escolar, colabora substancialmente com o não reconhecimento do outro como sujeito, que deve ser partícipe do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo o Comitê de Ajudas Técnicas (2009), a Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, com característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, com vistas à autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. Visa, portanto, garantir a inclusão ao aluno em situação de deficiência, ampliando suas possibilidades de aprendizado e acesso ao currículo escolar, componente fundamental para esta pesquisa.

Considerando a premissa de que os alunos jovens e adultos com deficiência intelectual têm direito aos saberes promovidos na escola, entendemos que o currículo define o caminho desta escola, permitindo aos seus segmentos construir estratégias que possibilitem a (re)construção da escola como instrumento de valorização do ser social, com vistas ao pleno exercício da cidadania.

Na escola lócus da pesquisa, a construção do currículo tem envolvido professores, instrutores, pesquisadores, responsáveis e o aluno, por meio de uma metodologia a partir do reconhecimento do outro, utiliza o ensino individualizado com vista ao preparo por excelência do indivíduo no campo educacional e profissional, com metas alinhadas ao currículo escolar a partir

da proposta de Chagas e Pacheco (2014), com a implementação do Programa Curricular de Transição para o Mundo do Trabalho (TMT) e Programa de Autogerenciamento. Ambos objetivando o desenvolvimento de competências acadêmicas, sociais e práticas, e ainda do senso de autonomia, autogerenciamento e autodefensoria para o processo de transição para vida adulta e inclusão laboral.

O Programa Curricular de Transição para o Mundo do Trabalho (TMT) surgiu nesta escola a partir da necessidade de adaptações curriculares que contemplassem a realidade educacional/laboral do aluno desta Instituição de Ensino. As áreas do conhecimento no currículo do Programa de Transição para o Mundo do Trabalho contemplam: aperfeiçoamento profissional, considerando aspectos a serem melhorados; estudo do cálculo e da linguagem tendo em vista o mundo do trabalho; programa de capacitação cognitiva que atende aos aspectos de memória, concentração e atenção; tutoria, que tem como eixo pedagógico a discussão sobre imagem pessoal, habilidade social e responsabilidade laboral; programa de condicionamento físico que através da prática esportiva de alto rendimento prevê a inclusão da pessoa com deficiência no esporte.

Portanto, trata-se de uma proposta curricular inclusiva, prevista pela Lei nº 11.741/2008, que trata da Educação Profissional com vistas à inserção de cursos profissionais, em conformidade com a Deliberação nº 291/04, art. 18:

As escolas e/ou instituições das redes regulares de Educação Profissional, públicas e privadas, devem atender alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a promoção das condições de acessibilidade, a capacitação de recursos humanos, a flexibilização e adaptação do currículo e o encaminhamento para o trabalho, contando, para tal, com a colaboração dos setores responsáveis pela Educação Especial e pela Educação Profissional das respectivas Secretarias (Deliberação nº 291/04 , art. 18).

Isso, ainda, objetivando atender ao processo de transição da vida escolar para a vida adulta do aluno com deficiência, como recomenda a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) e em consonância com o Decreto 7611 (BRASIL, 2011), que afirma que deve haver a adoção de estratégias de apoio

individualizado para o desenvolvimento acadêmico e social, seguindo a meta de inclusão plena. Porém, é preciso destacar que:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possíveis, comprometendo seus atores e autores. (GADOTTI, 2000, p.38)

Luckesi (1990) diz que cabe ao educador se questionar permanentemente sobre o objetivo de seu trabalho, sobre os sujeitos de sua prática, sobre o sentido dos procedimentos que utiliza, sobre o que é conhecimento, sua efetividade, seus métodos, conteúdos e tantos outros objetos que estão comprometidos com sua prática. A partir desta análise, cabe aos sujeitos que estão na escola a reflexão radical sobre a realidade educacional, com vistas a execução de uma proposta curricular de ação coletiva.

A construção coletiva de uma proposta pedagógica sempre representa um grande desafio. Também se constitui em uma decisão política das mais relevantes, pois assumir a defesa de que a pessoa com deficiência intelectual viva plenamente o exercício de cidadania, levando em conta ações educacionais norteadas pelos princípios da convivência e da responsabilidade diante das atitudes, é transitar por um caminho complexo, ainda pouco explorado, em busca de alternativas que posicione a sociedade a buscar novos paradigmas diante da formação de um sujeito-aluno(a) consciente, crítico(a) e autônomo(a).

Segundo Maia (2010), é visível que os cursos de formação em licenciaturas e Pedagogia desconsideram ou minimizam o tema da sexualidade e da educação sexual em seu currículo formador. Diante disto, é imprescindível que a educação, e neste caso mais especificamente a Educação Especial, se atente para a necessidade de formação acadêmica do professor, inicial e continuada, inserindo em suas propostas curriculares programas de educação sexual, uma vez que haverá o encontro dentro dos muros das escolas com um público jovem e adulto cheio de dúvidas e expectativas.

Afirma a autora que “se a educação não ocorre por meio de uma contínua reflexão e se não desenvolve a autocrítica, oferecem condições que favorecem o preconceito” (MAIA, 2010, p. 27), ao abordar as dificuldades encontradas por professores na proposição do tema sexualidade, considerando seus desconhecimentos e, ainda, preconceitos fundamentados em valores pessoais.

Os trabalhos de orientação em sexualidade nas escolas ainda são escassos e, quando existem, muitas vezes, priorizam os aspectos biológicos e preventivos, o ensino sobre os aparelhos reprodutores, as diferenças físicas dos gêneros, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e métodos anticoncepcionais, explorando a sexualidade natural, desconsiderando a problematização necessária sobre as constituições históricas da sexualidade. (MAIA, 2010, p. 26)

Assim, a educação em uma perspectiva dialética, está relacionada ao processo de transformação social, adquirindo uma dimensão política. Pensar sobre o espaço de construção de representações e identidades que é a escola, o currículo, implica pensar, também, sobre o papel do educador e educando no processo educacional e social. A representação construída em torno do aluno jovem e adulto com deficiência intelectual, neste estudo, busca apresentar um recurso pedagógico que atenda o conteúdo curricular sobre sexualidade humana para que este aluno possa desenvolver habilidades e competências que o torne agente de sua emancipação.

1.2.2 A pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual e sexualidade

A Deficiência Intelectual, segundo a Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento - AAIDD (2010), caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior à média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), que ocorrem antes dos 18 anos de idade.

Ao considerarmos as especificidades no desenvolvimento de uma pessoa com deficiência intelectual, uma referência fundamental encontra-se nas contribuições de Vygotsky (1993) quando este autor, em sua abordagem sócio-

histórica, concebe o desenvolvimento do ser humano considerando aspectos biológicos, intrínsecos ao indivíduo, conjuntamente aos aspectos circundantes do meio social, no qual o indivíduo está inserido, relacionando-se e interagindo.

Neste entendimento, a escola lócus da pesquisa, que é um centro de apoio especializado em educação profissional para pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual, propõe em seu Projeto Político Pedagógico uma proposta educacional de caráter propositivo, pois define concepções e princípios que enfatizam a convivência e a aprendizagem na diversidade como melhor forma para a construção do conhecimento, promoção da cidadania e afirmação da democracia social.

Ainda na incessante busca de atender as especificidades do aluno com deficiência intelectual, tendo em vista o processo educacional, a inclusão social, a profissionalização e inclusão laboral, tem no fazer pedagógico o sujeito como centro do processo, na busca de que o mesmo desenvolva habilidades e competências na transição para vida adulta, mundo do trabalho, autogerenciamento e autodefensoria. Com isto, o tema sexualidade inevitavelmente perpassa a vivência deste currículo, precisando ser melhor explorado.

Cabe na perspectiva deste estudo a investigação a partir de situações-problemas com temas ligados à sexualidade, conhecer as opiniões, os conhecimentos prévios, atitudes, experiências, sentimentos, dúvidas, necessidades, etc. de jovens e adultos com deficiência intelectual. As temáticas foram tratadas de forma abrangente, priorizando a busca pelas unidades de significado na fala dos sujeitos, afinal a interação e a socialização são fatores que alicerçam a inclusão.

As expressões da sexualidade são múltiplas e variadas tanto para deficientes como para não-deficientes [...] é importante lembrar que em diferentes momentos da vida dificuldades e facilidades vão ocorrer em maior ou menor grau para todos. Entre as pessoas com deficiência o mesmo acontece e seria injusto generalizar, rotular e estigmatizar quem é a pessoa com deficiência – seus potenciais e seus limites – em função de rótulos sem considerar o contexto social, econômico, educacional em que o sujeito se desenvolve e sem considerar a diversidade entre as pessoas com deficiências (MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 160)

Sendo assim, a despeito do tema sexualidade humana como proposta curricular para alunos jovens e adultos com deficiência intelectual, Saviani (2007) afirma que a educação refere-se à produção do saber, de ideias, conceitos, valores, hábitos e atitudes. Portanto, a educação é a base para humanização dos indivíduos e a escola é lugar de construção de conhecimentos e superação de crenças que interferem na maneira como as pessoas com deficiência intelectual são vistas em relação à sexualidade.

Para Chauí³, Guimarães⁴ e Nunes⁵ (1985; 1995; 1987 apud MAIA e ARANHA, 2005, p. 103) entende-se por sexualidade; [...] um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho social e histórico. A sexualidade envolve, então, uma amplitude de condutas humanas, para além de sua genitalidade e não deve ser entendida, exclusivamente, como sinônimo de sexo, relação sexual, orgasmo, órgãos sexuais, mas sim, na sua dimensão ampla e cultural que abrange diferentes aspectos como o amor, relacionamentos afetivos e sexuais, a sensualidade, o erotismo e o prazer, a expressão da identidade e dos papéis sexuais.

Ao analisarmos o currículo escolar na proposição do tema educação sexual é possível identificar que este abarca discussões sobre os aspectos biológicos do corpo humano, sem enfatizar a sexualidade. A partir dos estudos⁶ de Lipp (1986); Ribeiro e Maia (2010); Deslandes e Bastos (2005); Oliveira e Maio (2011); Silva e Maia (2013); Leme e Cruz (2008); Maia e Marques (2013) e Pinheiro (2004), entre outros, percebemos que ainda há muitos mitos em relação à sexualidade da pessoa com deficiência intelectual e que, portanto, é fundamental que o tema seja proposto nas escolas em espaços de discussão que abordem temas como relacionamento (namoro, casamento, união, etc.), autocuidado, desafios e responsabilidades na vida adulta, métodos contraceptivos, partes genitais do corpo feminino e masculino, puberdade, abuso sexual, relação sexual, mitos, entre outros.

³ CHAUI, M. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985. Apud MAIA; ARANHA, 2005, p.103.

⁴ GUIMARÃES, I. Educação sexual na escola: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995. Apud MAIA; ARANHA, 2005, p.103.

⁵ NUNES, C. A. Desvendando a sexualidade. Campinas: Papyrus, 1987. Apud MAIA; ARANHA, 2005, p.103.

⁶ Os estudos dos referidos autores serviram de base teórica para o desenvolvimento desta pesquisa, na medida em que estes objetivam pesquisar o tema sexualidade e pessoa com deficiência.

Maia e Ribeiro (2010) categorizam os mitos que costumam estigmatizar as pessoas com deficiência, mitos estes forjados a partir de uma visão preconceituosa e limitante acerca da sexualidade, ainda mais dura diante da deficiência intelectual. Entre os mitos mencionados pelas autoras supracitadas, encontramos:

- Mito 1: pessoas com deficiência são assexuadas: não têm sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais;
- Mito 2: pessoas com deficiência são hiperssexuadas: seus desejos são incontroláveis e exacerbados;
- Mito 3: a expressão sexual explícita para quem tem deficiência é uma perversão;
- Mito 4: pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de conquistar um parceiro amoroso e manter um vínculo estável de relacionamento amoroso e sexual;
- Mito 5: pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo normal que é espontâneo e envolve a penetração seguida de orgasmo, por isso, são pessoas que têm sempre disfunções sexuais ao desejo, à excitação e ao orgasmo e;
- Mito 6: a reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática porque são estéreis, geram filhos com deficiência e ou não têm condições de cuidar deles.

Estes mitos se fundamentam em um olhar de desconhecimento e, muitas vezes, de preconceito, refletidos na maneira como a sociedade, de uma forma geral, percebe a sexualidade da pessoa com deficiência e, no caso deste estudo, da pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual. Assim,

Segundo Silva⁷ (2006, p. 425, apud MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 163), o preconceito materializa um mecanismo de defesa diante do encontro entre as pessoas quando um é ameaça ao outro por ser algo novo, diferente e temeroso e em decorrência disso temos a propensão a generalizar utilizando estereótipos sobre as possíveis problematizações que “são simplificações que respondem à demanda imediata do pensamento, valendo-se de conteúdos e juízos de valor incorporados, conforme a condição e posição hierárquica social”.

⁷SILVA, Luciene. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006. Apud MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 163.

Essa pesquisa preconiza que a pessoa com deficiência intelectual é capaz de elaborar conceitos acerca do tema sexualidade a partir de suas vivências, sentimentos e necessidades, permitindo a sociedade eliminar a concepção de negação ou repressão em relação à sexualidade da pessoa com deficiência intelectual, fato que sempre estigmatizou e inferiorizou esta população a partir de mitos e crenças infantilizantes ou exageradas. Caberá ao professor nas escolas prever adequações e uso de recursos na apresentação do tema sexualidade, considerando o aluno com deficiência intelectual sujeito capaz de refletir e opinar sobre sua sexualidade.

1.2.3 O paradigma de suporte da Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento

O estudo encontra-se em consonância com os objetivos delineados pela Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (AAIDD, 2010), principalmente quando esta expressa a necessidade de se promover o desenvolvimento de uma sociedade que inclua integralmente pessoas com deficiência intelectual, garantindo todos os direitos humanos, igualdade, dignidade individual, escolha e respeito.

Para Fernandes (2010), há destaque ao atual paradigma da AAIDD (2010) em relação às práticas clínicas e pedagógicas dispensadas à pessoa com deficiência intelectual por abordar aspectos para além da defasagem cognitiva, a partir de considerações acerca das capacidades, habilidades funcionais e suportes oferecidos como promotores do desenvolvimento destas pessoas. A AAIDD apresenta a escala de intensidade de suportes (SIS), considerando as necessidades individualizadas dos sujeitos com deficiência intelectual.

De acordo com a AAIDD (2010), a escala SIS mede a necessidade de suporte ao indivíduo, a fim de identificar e descrever os tipos de suporte e a intensidade em que serão utilizados. Considera, portanto, um planejamento individualizado em diferentes áreas de atuação do sujeito, inclusive a educacional.

Assim, a partir do paradigma de suporte, fundamentado nos estudos da Associação Americana de Deficiência intelectual e Desenvolvimento (AAIDD,

2010) e tendo como foco jovens e adultos com deficiência intelectual, preconiza-se que cabe à sociedade oferecer as pessoas com deficiência intelectual garantias de serviços em diversas áreas, inclusive física, social e educacional, independentemente do nível de comprometimento do indivíduo, oportunizando a todos, independente de habilidades ou limitações intelectuais, participação em atividades e experiências que fazem parte da vida, a cada fase/idade, entre as quais temas relacionados à sexualidade humana.

No que se refere ao campo educacional, a AAIDD (2010) defende o uso da Escala de Intensidade de Suporte – SIS na escola por esta ser uma ferramenta que não se baseia no déficit da pessoa, e sim em quais suportes deverão ser planejados, e em qual medida serão aplicados, considerando atividades acadêmicas, de vida diária, aspirações e plano de transição, traçados previamente dentro dos objetivos para cada sujeito.

Em sua atual versão para adultos, traz 85 itens de avaliação das áreas médica, comportamental e de vida, e é aplicável a alunos com idade acima de 16 anos, avaliando áreas da vida no lar, vida comunitária, aprendizagem ao longo da vida, emprego, saúde e segurança e atividades sociais. Todos os itens da Escala são classificados por frequência, tipo e duração do suporte necessário, de forma que a ferramenta identifica exatamente quais apoios são necessários diariamente para permitir que a pessoa viva o mais independentemente possível. Esta escala encontra-se em validação no Brasil.

As dimensões de suporte ou apoio, segundo a AAIDD (2010) são divididas em cinco áreas, a saber: 1) Habilidades Intelectuais – refletindo a capacidade para compreender o ambiente e reagir a ele adequadamente. 2) Habilidade Adaptativa – que engloba competências ligadas a habilidades conceituais (linguagem receptiva e expressiva, letramento e escrita, numeração, uso do dinheiro, autonomia e independência, etc.); habilidades sociais (interpessoais, responsabilidade social, observância de regras e leis, cautela, solução de problemas, entre outras); habilidades práticas (autocuidado – alimentação, higiene corporal, deslocamentos, habilidades ocupacionais, uso de transporte coletivo, uso assertivo do telefone, entre outras). 3) Saúde – referindo-se ao estado de bem estar físico, mental e social. 4) Participação – se refere ao desempenho da pessoa nos domínios da vida social, papel que desempenha na comunidade, interações na vida familiar, no trabalho, na

educação, no lazer, etc. 5) Contexto – Envolvendo pelo menos três níveis: espaço social imediato (família e cuidadores), vizinhança, comunidade, escola; serviços de apoio; e influências culturais, sociopolíticas e societárias mais ampla. As influências contextuais são significativas, pois costumam determinar o que a pessoa faz, onde faz, com quem faz e quando faz. O contexto implica, assim, as múltiplas e interrelacionais condições nas quais a pessoa com deficiência intelectual vive seu cotidiano.

Ainda de acordo com a AAIDD (2010) a intensidade de apoio pode ser classificada como: Apoio Intermitente – demanda circunstancial feita pelo sujeito, oferecido episódica ou momentaneamente, em geral durante fase de transição. Apoio limitado – solicitado por tempo limitado, com temporalidade delimitada. Apoio contínuo – há regularidade de apoio (diário, semanal, mensal) necessário em um ou mais ambientes, aplicando-se o atendimento educacional seja em domicílio, itinerante, sala de recurso; Apoio pervasivo – apoio caracterizado por constância e alta intensidade, em todos os ambientes e áreas, podendo incluir medidas de manutenção da própria vida.

Tanto as dimensões de suporte ou apoio, quanto à intensidade em que ocorre, estão diretamente relacionadas à promoção da funcionalidade humana e inclusão. Estudos como os de Aranha (2001) analisam que o paradigma de suporte⁸ defende a não segregação, favorecendo a inclusão social e oportunizando a pessoa com deficiência expor seus desejos e necessidades.

Assim dimensionadas, destacamos a proposta curricular e o papel do professor como de fundamental importância, pois neste estudo, partindo da análise dos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, com observação do cotidiano da sala de aula e escola, propõem-se à produção de um jogo pedagógico que aborde o tema da sexualidade humana, com confecção e uso de recursos que atendam as competências a serem alcançadas pelos alunos.

Ao realizar a revisão literária, Carvalho (2000); Aranha (2001); Glat (2007; 2004 e 1992); Vitaliano (2010); Pletsch (2009 e 2012); Fernandes e Orrico

⁸ De acordo com Aranha (2001) no paradigma de suportes se contextualiza a ideia da inclusão por prever intervenções decisivas e incisivas no processo de desenvolvimento do sujeito e no processo de reajuste da realidade social. Tem por objetivo primordial e de curto prazo, a intervenção junto às diferentes instâncias que contextualizam a vida do sujeito na comunidade, promovendo os ajustes (físicos, materiais, humanos, sociais, legais, etc..) que se mostrem necessários para que a pessoa com deficiência possa imediatamente adquirir condições de acesso ao espaço comum da vida na sociedade.

(2012); Fernandes (1999 e 2010); Fernandes e Corrêa (2008); Garcia (2012); Maia (2010) e Rodrigues (2011) constata-se que o propósito de assegurar plenamente os direitos das pessoas com deficiência caminha lentamente, pois, ainda que tenhamos amparo legal, nem sempre os mesmos são providos.

Logo, os argumentos de culpabilização individual, que recaem tanto sobre a escola, o professor e a família, tanto quanto sobre o aluno em situação de deficiência, se tornam verdadeiros entraves para o desenvolvimento de potencialidades e habilidades, colaborando com a não transformação da realidade educacional e, por conseguinte, social, dos sujeitos envolvidos no contexto escolar.

1.2.4 O jogo na escola: interface de comunicação

“Vi terras da minha terra. Por outras terras andei. Mas o que ficou marcado no meu olhar fatigado, foram terras que inventei...” - Manuel Bandeira⁹.

Estudos na educação já discorrem sobre o fato de que reconhecidamente jogos são recursos que oportunizam ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades, estimulando as múltiplas inteligências, o estímulo à curiosidade, melhorando a concentração e atenção, a autonomia e a autoconfiança, entre outros aspectos.

No contexto educacional inclusivo, quando o professor apresenta um conteúdo e opta por promover adequações com uso de recursos que apresentem o novo conhecimento a partir de jogos, permite que o estudante vivencie o conhecimento a partir de uma maior interação com o conteúdo e com os demais colegas de sala de aula.

O jogo como interface de comunicação em práticas inclusivas que consideram a ludicidade e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual, está para além de seu uso na vida cotidiana uma vez que:

Em seu sentido primeiro, vida cotidiana diz respeito às coisas que ocorrem na sucessão de todos os dias. Refere-se, portanto, ao que é habitual, corriqueiro, comum. Talvez, por isso, se construam algumas

⁹ ROSENBAUN Yudith. Manoel Bandeira: uma poesia da ausência. 2 ed. – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2002, p.138.

vezes em torno dela associações com aspectos de pouca ou nenhuma importância, inscrito no que é banal, pura trivialidade. Algo semelhante parece acontecer com as práticas lúdicas, não raro encaradas como contraponto de seriedade, reino de tudo que é inútil, improdutivo, vazio. Coisas para entreter quem não tem mais o que fazer (BRUNHS, 1997, p.11).

A partir desta análise, em contrapartida, neste estudo o lúdico age a favor do contexto educacional, atendendo de maneira dinâmica a apresentação de um conteúdo descrito no currículo. Tal adaptação exige do professor profundo conhecimento e planejamento na execução da proposta de atividade lúdica objetivando construir um ambiente de aprendizagem com colaboração e cooperação.

Para Vygotsky (1991), o fazer educacional que desperta e internaliza nos alunos processos internos de aquisição do conhecimento, acaba por promover o desenvolvimento independente do educando. No encontro entre o ser/fazer do professor e o ser/conhecer do aluno, em uma proposta didática pautada na ludicidade, se estabelece a reinvenção do fazer educacional pautado em práticas inclusivas que atendam as especificidades do aluno jovem e adulto com deficiência intelectual a partir de uma experiência compartilhada.

Com isto, uma estratégia educacional que se utiliza de recursos que permitem modificar a tradicional sala de aula em uma concepção que explora os conteúdos a partir da dinamização de um jogo pode se configurar em um novo modo/espço de estímulo ao aprendizado dentro dos que se têm nas escolas. Pode-se afirmar que:

O lúdico e a ludicidade só serão compreendidos no seu acontecer. O lúdico se parece a uma sinfonia: ela precisa ser executada para ser vivida. Não é uma idéia intelectualizada que nos dá a compreensão da sinfonia. Ela não foi criada para se tornar conceito, mas para ser vivenciada mediante sua execução. O ato lúdico coloca-se na mesma esteira e, ainda, com uma grande diferença. Ele não precisa de partitura. Cada ato lúdico é novo e original, jamais repetido (SANTIN, 1994, p.87).

O lúdico e o criativo são elementos indispensáveis à constituição da vida humana, “que conduzem o viver para formas mais plenas de realização, do homem como sujeito, ser único, singular, mas que prescindem dos outros homens para se realizar, como ser social e cultural” (BARTHOLO, 2001, p.92).

O jogo como interface de comunicação em práticas inclusivas proposto nesta pesquisa, pretende considerar a ludicidade, a aprendizagem, o pensar e as experiências trazidas pelos sujeitos colaboradores. Será composto por um tabuleiro com figuras e números; peões; dado; e cartas com as figuras encontradas no tabuleiro, que trarão em seu conteúdo temas relacionados à sexualidade elencados nos grupos focais.

Importante destacar que o caráter ativo do sujeito na dinamização do jogo recairá no fato das figuras que compõem o tabuleiro/cartas interagirem com os participantes uma vez que indicam bônus (ex: avançar duas casas), ônus (ex: ficar uma rodada sem jogar) e o que chamo de “Fique de olho”, que se expressa em uma figura que apresenta uma informação relevante sobre o tema; e sua metodologia de desenvolvimento e aplicação se dará em forma de trilha. Assim, trata-se de um jogo de uso coletivo, desenvolvido para ser mediado por professores em sala de aula, considerando o aluno jovem e adulto com deficiência intelectual.

E diante de situações de interação e comunicação promovidas no contexto da sala de aula, destaca-se a figura do professor que ao investir em uma proposta pedagógica lúdica, com uso de um jogo, para jovens e adultos com deficiência intelectual na proposição do tema sexualidade, tende a despertar o interesse dos sujeitos, uma vez que o ato de jogar promove o pensar, imaginar, interpretar e criar.

O lúdico é um fator fundamental, pois de forma leve, prazerosa e significativa, promove o ensinamento, bem como a possibilidade dos alunos ouvirem sobre temas importantíssimos para suas vidas, que muitas vezes nunca foram discutidos. Estes fatores contribuem para a construção da autonomia, análise crítica e tomada de decisão. Configurando-se o jogo como fonte importante de aprendizado sistematizado e significativo, uma vez que o aprendizado se efetiva na interação entre os sujeitos.

Assim, esta proposta de estudo sobre sexualidade e a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual pautada em atividades lúdicas, busca se inserir como diferencial na educação, especialmente na reformulação e vivência de um currículo que promova o aprendizado, a partir do reconhecimento do direito legítimo de todo ser humano a conhecer-se, intensificando seus significados sociais para o avanço das experiências.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir um jogo pedagógico a fim de desenvolver nas escolas o debate sobre o tema sexualidade para jovens e adultos com deficiência intelectual.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levantar bibliografias acerca do tema.

Promover a partir da dinamização de grupos focais a discussão de temas sobre sexualidade com participação de alunos jovens e adultos com deficiência intelectual e professores especialistas em Educação Especial.

Identificar os temas relacionados à sexualidade que serão tratados no jogo pedagógico.

Confeccionar um manual de uso do jogo.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O propósito maior desta pesquisa é produzir um jogo pedagógico sobre sexualidade e a pessoa jovem e adulta com DI, desenvolvendo nas escolas estudos sobre o tema. Entendendo para isto que a escola é local de investimento e participação efetiva dos sujeitos nela inseridos, considerando os aspectos afetivos e cognitivos das relações humanas.

Com este objetivo discutimos, no contexto educacional, o tema sexualidade com participação de professores especialistas em Educação Especial e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual, buscando identificar nos grupos focais os temas relacionados à sexualidade. A partir disto, foi produzido um jogo pedagógico sobre o tema sexualidade e a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual que servirá como recurso na proposição do tema nas escolas.

Assim, configuramos o problema: A incipiência de propostas curriculares no campo da sexualidade que atendam ao desenvolvimento de competências e habilidades a serem alcançadas por jovens e adultos com deficiência intelectual pode indicar a necessidade de ampliação do debate e proposição do tema nas escolas.

A investigação do problema acima foi tratada nesta pesquisa com a participação dos envolvidos em grupos focais dinamizados a partir de situações-problemas sobre os assuntos: Sexualidade, sexo e relação sexual; Segurança Pessoal; Namoro; Inibição Social – “Freio Social”; Vida Adulta e o corpo; Afeto e Relações Interpessoais.

3.1 SUJEITOS

Participaram do estudo 4 professores Especialistas em Educação Especial¹⁰ e 15 alunos com deficiência intelectual, de ambos os sexos, do Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional Favo de Mel, da

¹⁰ Durante a proposição dos grupos focais ocorreram greves e situações de licenças envolvendo algumas professoras especialistas em Educação Especial participantes da pesquisa.

Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro. A faixa etária dos alunos varia de 18 a 40 anos de idade, sendo todos os indivíduos solteiros. Os critérios de inclusão foram: ser aluno jovem ou adulto, participar da proposta curricular de transição para o mundo do trabalho e autogerenciamento; ser maior de 18 anos e menor que 40 anos. Todos os alunos participantes preencheram os critérios de inclusão.

As tabelas abaixo mostram dados dos participantes da pesquisa:

Tabela 1 – Identificação das professoras participantes

Docente	Sexo	Tempo de atuação docente com jovens e adultos com DI
01	Feminino	07 anos
02	Feminino	20 anos
03	Feminino	10 anos
04	Feminino	20 anos

Tabela 2 – Identificação dos alunos jovens e adultos participantes

Aluno jovem/adulto com DI	Sexo	Idade
01	Feminino	35 anos
02	Feminino	29 anos
03	Feminino	29 anos
04	Feminino	18 anos
05	Feminino	32 anos
06	Feminino	34 anos
07	Masculino	30 anos

08	Masculino	28 anos
09	Masculino	20 anos
10	Masculino	31 anos
11	Masculino	29 anos
12	Masculino	33 anos
13	Masculino	26 anos
14	Masculino	24 anos
15	Masculino	27 anos

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS

Para que fosse pesquisada a produção do jogo e proposição do tema sexualidade na escola utilizamos a técnica de coleta de dados denominada grupo focal, pois o problema investigado exigia que os docentes e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual explanassem sobre o assunto, sendo escutados pela pesquisadora. Isso permitiria conhecer com mais detalhes suas opiniões, conceitos, impressões, etc.

O contato com os sujeitos se deu na instituição mencionada, iniciando pela apresentação do Termo de Assentimento, que consta em anexo. Todos os sujeitos envolvidos na pesquisa tomaram conhecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado nos apêndices, contendo os objetivos do estudo, o convite à participação na pesquisa, a garantia do anonimato e sigilo dos participantes, além de explicações adicionais sobre a pesquisa.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ, através da Plataforma Brasil, termo em anexo, e conta com a permissão da instituição lócus através do termo de assentimento. No espaço da sala de aula se deu a organização dos

grupos focais, com o objetivo de contextualizar as discussões acerca do tema sexualidade, considerando o paradigma de suporte, confrontando e analisando os discursos, a fim de que os temas abordados integrem o jogo pedagógico. As sessões de grupos focais foram gravadas (gravação de voz), a fim de levantar as unidades de significado nas falas dos sujeitos.

Os disparadores utilizados nos grupos focais pautaram-se no método de resolução de problemas PENTA¹¹, nos apêndices. Nesta proposta, os participantes refletiram sobre onze situações-problemas, expressando-se verbalmente. Quando houve necessidade, prontamente adaptamos o discurso encontrado nas situações-problemas à linguagem e atitude do sujeito. As temáticas abordadas a partir deste método incluem: sexualidade, sexo e relação sexual; afeto e relações; vida adulta e o corpo; inibição social – “freio social”; namoro; segurança pessoal, autodefensoria e autogerenciamento. Os problemas introdutórios a cada grupo focal a partir do método PENTA foram criados pela pesquisadora considerando os propósitos de discussão pertinentes ao tema sexualidade e pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual. Os grupos focais ocorreram em um clima de bastante descontração.

O pré e pós testes foram elaborados a partir de dois questionários, um para os alunos jovens e adultos com deficiência intelectual, produzido a partir de perguntas com múltiplas escolhas nas respostas e outro para os professores especialistas em Educação Especial, composto por perguntas abertas. O pré teste foi aplicado aos participantes antes de iniciarmos as sessões de grupo focal, com a finalidade de determinar o nível de conhecimento dos mesmos acerca do tema pesquisado.

O roteiro de entrevista disponibilizado aos professores especialistas em Educação Especial apresentava cinco questões abertas que indagaram sobre o tempo de atuação com alunos jovens e adultos com deficiência intelectual; sobre o planejamento de aulas sobre o tema sexualidade para este alunado; temas abordados nestas aulas; conteúdos e recursos relevantes ao abordar o tema sexualidade para este alunado. A entrevista realizada com os alunos

¹¹Segundo Sánchez e Gómez (2007), PENTA é um programa que auxilia na elaboração mental para resolução de problemas da vida diária, sendo P = Problema; E = Elaboração de alternativas positivas e negativas; N = Negociação; T = Tomada de decisão e A = Avaliação. Elaborado por Diana Cabezas e Luz Perez Sanches, da Fundación Síndrome de Down de Madrid.

jovens e adultos com deficiência intelectual foi composta por questionário com perguntas fechadas que discorreram sobre temas ligados a sexualidade e educação sexual.

As entrevistas com professores e alunos foram realizadas na instituição de ensino. Utilizou-se um roteiro de entrevista para registrar tudo que era dito pelo docente e sinalizar as respostas dadas pelos alunos. Estas tiveram a duração em média de 30 a 40 minutos.

Durante todas as entrevistas, a pesquisadora teve uma atitude de ouvinte ativa frente aos pesquisados, pois esclarecia quaisquer dúvidas que surgissem durante as perguntas. Tudo isso foi feito tentando deixar os professores especialistas em Educação Especial e os alunos jovens e adultos com DI o mais à vontade possível para que pudessem falar abertamente sobre o assunto pesquisado.

Ao final das sessões dos grupos focais os participantes responderam a um pós teste com as mesmas perguntas feitas inicialmente. Neste momento as professoras que participaram incluíram assuntos sobre sexualidade e pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual que não abordaram inicialmente. A comparação entre as respostas dos pré e pós testes serviram para avaliar a formação durante os grupos focais e à coleta de dados/assuntos a serem tratados no jogo pedagógico.

Os participantes foram identificados como aluna mulher 1 (aluno homem 8), aluna mulher 3 (aluno homem 9) e assim sucessivamente e, os professores especialistas em Educação Especial foram identificados como professor 1, professor 2, até professor 4.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Foram utilizados como destaque critérios qualitativos a partir da pesquisa-ação que, segundo Pimenta (2006), tem como princípio criar nas escolas uma cultura de análise das pesquisas que são realizadas, a fim de possibilitar que os seus professores transformem suas ações e as práticas institucionais com observação do sujeito em questão no contexto da escola, em uma perspectiva

de investigação-ação, a qual pode ser definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática.

Os dados obtidos, oriundos dos relatos dos sujeitos nos grupos focais, levaram a análise dos aspectos idiográficos¹². Estes permitem levantar pontos de investigação da experiência individual, tendo a descrição como modo de obtenção dos dados que partem de uma interrogação formulada. Segundo BICUDO (2000) é o ponto de maior importância nesta modalidade de pesquisa, pois indica a trajetória a ser percorrida pela pesquisa, definindo procedimentos e sujeitos e apontando a direção da análise e respectiva interpretação.

Assim, a pesquisa foi realizada por meio de levantamento de temas relacionados à sexualidade, a partir dos registros e análise dos dados coletados nas sessões de grupo focal, indo em busca das unidades de significado¹³ nas falas dos alunos jovens e adultos com deficiência intelectual e dos professores especialistas em Educação Especial. As discussões abordadas e respectivos assuntos levantados serviram para compor os temas que integram o produto do Mestrado, um jogo pedagógico sobre o tema sexualidade, produzido como tecnologia assistiva de baixo custo, buscando contribuir com a proposição do tema nas escolas.

Os dados foram submetidos ao método de análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2011), é um conjunto de técnicas que permite analisar a comunicação através de procedimentos sistemáticos, com descrição do conteúdo permitindo inferir sobre os conhecimentos acerca do tema em estudo. As sessões de grupo focal foram transcritas na íntegra, sucedidas de exaustivas leituras a fim de levantar as unidades de significado dos discursos. Desta maneira foram evidenciadas as temáticas sobre sexualidade que compuseram o jogo pedagógico.

Na fase final da análise buscamos traçar a interface entre os dados analisados nas sessões de grupo focal com os referenciais teóricos da pesquisa, de acordo com a hipótese e os objetivos apresentados.

¹² Trata-se, segundo Bicudo (2000), da organização das unidades de significado nos discursos dos sujeitos.

¹³ De acordo com Bicudo (2000), unidades de significado são unidades da descrição ou do texto que fazem sentido para o pesquisador a partir da interrogação formulada.

3.3.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir da leitura e releitura das descrições, surgiram as unidades de significado relevantes para esta pesquisa.

A tabela abaixo traz os relatos dos sujeitos da pesquisa ao vivenciarem uma situação problema e, permitem, segundo Bicudo (2000) indicar-nos as categorias temáticas implicadas no fenômeno estudado a partir do depoimento oral.

Tabela 3 – Grupos Focais

Grupos Focais Disparador	Discurso dos sujeitos	Unidades de significado
<p>PENTA 1 Na época do Carnaval você viu na televisão uma propaganda sobre camisinha feminina e camisinha masculina. Não deu para entender muito bem como é utilizada e você ficou com algumas dúvidas e perguntou ao seu(sua) irmão(ã). Mas ele(a) não soube lhe responder. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas A B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas A (+) A (-) B (+) B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p>“o problema é que <u>camisinha é complicado!</u>” (aluna mulher 2) Pesquisadora ao perceber que os demais não se pronunciaram sobre o problema, busca trazer mais informações acerca do problema proposto no PENTA 1, propondo pesquisarmos os tipos de camisinha. Apresenta a camisinha masculina e a feminina, demonstrando os procedimentos para abrir os produtos, indicando de que material é formado, sua lubrificação, como devem ser utilizadas. Apenas uma aluna (5) disse já ter visto a camisinha feminina no posto de saúde com sua médica. Ao explicar como a camisinha feminina deve ser utilizada, aluna mulher 2 pergunta: “mas dói?”; se há vida sexual o normal é que não doa (pesquisadora). Projetamos figura do canal vaginal e de como é introduzida a camisinha feminina, explicando que a camisinha feminina é introduzida no canal vaginal uma vez que fica dentro do corpo e que na relação sexual o homem introduzirá o pênis já com a camisinha dentro da vagina; a camisinha masculina fica externa ao corpo pelo fato do pênis ser para fora do corpo, então a camisinha recobre o</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Camisinha é complicado 2. Não pode abrir com a boca 3. Peguei a camisinha na UPA, mas minha mãe não sabe. 4. A família não pode saber 5. Na hora de colocar a camisinha tem que apertar a ponta 6. E se a camisinha furar 7. Tem que ser depois do casamento ou pode ser antes? 8. Eu não converso com a minha mãe sobre isso e com o meu pai também não 9. Eu fugi do assunto 10. Então converso com as paredes

	<p>pênis. Todos os alunos pedem para manusear os objetos.</p> <p><u>“Não pode abrir com a boca.”</u> (aluno homem 11)</p> <p>Professora 2: “Verdade, pois corre o risco da camisinha furar”.</p> <p><u>“Peguei a camisinha na UPA, mas minha mãe não sabe”</u> (aluno homem 14)</p> <p>“Tem gente que tem camisinha em casa, mas <u>a família não pode saber</u>”.</p> <p>Pesquisadora: A família não pode saber?</p> <p>Todos os alunos riem com a pergunta.</p> <p>“É muito complicado.” (aluna mulher 2)</p> <p>“Eu sei que <u>na hora de colocar a camisinha tem que apertar a ponta.</u>” (aluno homem 12)</p> <p>Pesquisadora: Mas você sabe pra quê?</p> <p>“Não”. (aluno homem 12)</p> <p>Pesquisadora: Pois nesta parte da ponta (demonstra) é onde ficará depositado o sêmen depois que o homem ejacular. Projeta-se figura que demonstra como se utiliza a camisinha masculina e ainda com uso de um frasco procedemos a demonstração do uso da camisinha masculina.</p> <p><u>“E se a camisinha furar?”</u> (aluna mulher 5)</p> <p>Professora 3: Se a camisinha furar e o sêmen entrar na vagina pode acontecer a gravidez, esperada, indesejada ou inesperada e também a contaminação por alguma doença sexualmente transmissível, que são doenças transmitidas no ato sexual. Projetou-se imagens que ilustram alguns tipos de DST's (sífilis, gonorréia, HPV) e falamos sobre HIV (AIDS). Enfatizando que relação sexual com preservativo (camisinha) evita gravidez e principalmente doenças</p>	
--	---	--

	<p>sexualmente transmissíveis e que todo jovem precisa saber disso para não haver gravidez indesejada e nem pegar doenças.</p> <p>“E no namoro?” (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Se no namoro vai rolar ou já há intimidade é sempre preciso se cuidar, ir ao médico, pensar as maneiras que existem de evitar gravidez indesejada e doenças, ter bons hábitos de higiene. Também é muito importante conversar com a família, com alguém da família que seja mais fácil de conversar.</p> <p><u>“Tem que ser depois do casamento ou pode ser antes?”</u> (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: O quê?</p> <p>“O negócio, a relação sexual” (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: É preciso conversar, o casal tem que conversar, tem que conversar com aquela pessoa de confiança que eu falei, lembra? Tem que pensar que método usar para não engravidar.</p> <p><u>“Eu não converso com a minha mãe sobre isso e com o meu pai também não”.</u> (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora sugere: fala com jeito, mais ou menos assim, “mãe eu estou namorando o XX, a gente pode falar sobre isso?” E assim você percebe se é um bom dia para conversar, para falar de coisas que estão lhe preocupando, suas dúvidas, afinal vocês dois já têm 29 anos e suas famílias sabem disso. Fala assim, “mãe um dia a gente precisa conversar” que a mãe já vai se preparar entendeu.</p> <p>“Ai babou, minha mãe não sabe de nada”. (aluno homem 11)</p> <p>“Preciso de coragem para conversar, uma vez minha mãe quis falar, mas <u>eu fugi do assunto</u>”. (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Então aproveita e</p>	
--	--	--

	<p>toma coragem, sem fugir do assunto, para tirar suas dúvidas, ainda mais que sua mãe chegou até você. Diz assim “mãe eu vou conversar sobre isso, mas talvez eu fique com vergonha” e ela vai ajudar você.</p> <p>“De namoro eu só converso com meu irmão”. (aluna mulher 1)</p> <p>“Eu converso com as paredes, meu pai não dá pra falar isso, ele mais fica fora de casa do que dentro, com minha mãe não dá, <u>então converso com as paredes</u>”. (aluno homem 12)</p> <p>“Converso com meu pai”. (aluno homem 11)</p> <p>“Eu converso com meu pai também” (aluno homem 9)</p> <p>“Não converso com ninguém” (aluno homem 8)</p> <p>“Converso com minha avó e minha tia” (aluna mulher 5)</p> <p>“Com ninguém” (aluno homem 14) que prossegue relatando sobre um vídeo que viu em uma rede social com imagens de crianças nuas. Falamos neste momento sobre pornografia infantil, que é crime e que não podemos compartilhar, salvar ou assistir. Que uma criança é um ser indefeso, que deve ser protegida. Enfatizando a questão como crime, buscamos reportagens na internet sobre o que acontece com quem divulga e compartilha esse tipo de imagem/vídeo. (o assunto fugiu ao PENTA, mas diante da dúvida e complexidade do relato a pesquisadora escolheu tratar o assunto naquele momento, com todos os sujeitos).</p>	
<p>PENTA 2 Você está na rua e uma pessoa (homem ou mulher) estranha chega perto. Essa pessoa estranha oferece a você um</p>	<p>“O problema é não tomar cuidado na rua” (aluna mulher 6)</p> <p>“O problema é a pessoa má, estranha, que não conheço” (aluna mulher 2)</p> <p>Professora 2 cita exemplo de presente que o estranho pode</p>	<p>11. Se não conhece a pessoa, não pode aceitar o presente</p> <p>12. Não ir nunca com o estranho</p> <p>13. A pessoa pode abusar de você</p>

<p>“presente” se você for até a casa dele(a). Qual é o problema?</p>	<p>oferecer “um estranho oferece um celular novo, mostrando a caixa”.</p>	<p>14. Ficar esperto, se afastar, sair</p>
<p>P Qual é o problema?</p>	<p>“Então <u>se não conhece a pessoa, não pode aceitar o presente</u>”.</p>	<p>correndo, pegar táxi, pedir ajuda</p>
<p>E Elaborar alternativas</p>	<p>(aluna mulher 6) “A decisão é <u>não ir nunca com o estranho</u>”. (aluno homem 9) “Eu vou”. (aluno homem 8)</p>	<p>15. Isso é assédio sexual</p>
<p>A</p>	<p>Pesquisadora: Explica novamente a situação problema e o aluno</p>	<p>16. Eu falei não e o outro cara me ofereceu uma</p>
<p>B</p>	<p>homem 8 decide. “Ah, não vou não”.</p>	<p>bebida, eu senti medo e atravessei a rua. Minha mãe não</p>
<p>N Negociar consequências positivas e negativas</p>	<p>“<u>A pessoa pode abusar de você, pode ser assalto</u>”. (aluna mulher 2)</p>	<p>estava perto de mim, eu estava voltando sozinha</p>
<p>A (+)</p>	<p>Pesquisadora: Quais as alternativas, então?</p>	<p>17. A segurança pessoal da gente pode estar sempre em risco</p>
<p>A (-)</p>	<p>“<u>Ficar esperto, se afastar, sair correndo, pegar táxi, pedir ajuda</u>”</p>	<p>18. Vocês acham que em uma situação como a do problema, vocês correriam algum risco sexual?</p>
<p>B (+)</p>	<p>(alunos homem 9, 11 e 12 e alunas mulheres 2 e 5, respectivamente).</p>	<p>19. Sim</p>
<p>B (-)</p>	<p>“Chamo a polícia ou alguém conhecido”. (aluna mulher 1)</p>	<p>20. Estupro</p>
<p>T Tomar a decisão (A/B)</p>	<p>“Eu saia de perto”. (aluno homem 9 e aluna mulher 1)</p>	<p>21. Muitos nunca ouviram falar, as pessoas vão conseguir enganar</p>
<p>A Agir e Avaliar</p>	<p>“Eu saia de perto, saia andando, entrava no primeiro ônibus”. (aluno homem 12)</p>	<p>22. Até do homem?</p>
	<p>“Eu saia correndo, pegava um pedaço de pau”. (aluno homem 14)</p>	<p>23. O crime de estupro pode ser cometido por homem ou mulher.</p>
	<p>“Enquadra logo!”. (aluno homem 8)</p>	
	<p>“Também podemos chamar a polícia, ir lá na cabine”. (aluna mulher 2)</p>	
	<p>“Eu vi um estranho alisando a perna da moça no ônibus”. (aluno homem 8)</p>	
	<p>“<u>Isso é assédio sexual</u>”. (aluno homem 9)</p>	
	<p>Pesquisadora retoma a situação problema ao aluno homem 8: Você iria aceitar presente de estranho?. “Não”.</p>	
	<p>Avaliação do grupo: Segurança pessoal é se proteger de qualquer perigo, que nesse problema é a má intenção da pessoa estranha.</p>	
	<p>Aluno homem 9 cita o “boa noite</p>	

	<p>cinderela é quando um estranho coloca remédio na bebida que faz a pessoa dormir, para roubar, fazer maldade”.</p> <p>Aluna mulher 2 faz relato sobre o tema – “Um estranho me chamou quando eu estava voltando da capoeira, me chamou para ir ao bar, me dizendo que ia pagar uma comida, <u>eu falei não e o outro cara me ofereceu uma bebida, eu senti medo e atravessei a rua. Minha mãe não estava perto de mim, eu estava voltando sozinha</u>”.</p> <p>Professora 4: Pois é, nem sempre vamos estar acompanhados de pessoas que podem nos defender ou ajudar e é nessa hora que precisamos saber o que fazer. Você se sentiu em perigo?</p> <p>“Sim”. (mas não soube explicar)</p> <p>Pesquisadora: Hoje você ainda sai sozinha? “Não”.</p> <p>Contou para seus pais? “Não”.</p> <p>Aluno homem 14 faz relato “No assalto os bandidos seguiram o carro do meu tio e falaram “perdeu”, levaram o telefone de todo mundo, menos o meu porque eu coloquei dentro da roupa, eu estava ligado, só eu que não fiquei sem celular”.</p> <p>Pesquisadora: Essas situações que os colegas nos contaram foram de medo, insegurança, seja um estranho lhe chamando para ir a um lugar que você não quer ir ou um bandido armado, são exemplos de violência, acontecendo muito nos tempos em que vivemos.</p> <p>Pesquisadora: <u>A segurança pessoal da gente pode estar sempre em risco</u> e precisamos ficar como falou o colega “ligados”.</p> <p>Aluno homem 11 se levanta e tenta mostrar aos participantes um vídeo que recebeu de bandidos em uma tentativa de assalto, que foram carbonizados. Pesquisadora</p>	
--	---	--

	<p>intervém e pergunta se é comum receberem vídeos em rede social retratando aquela situação, os alunos afirmam que é comum e neste caso foi a mãe que mostrou o vídeo. Indicando que não é necessário que os demais vejam aquelas imagens neste momento e aluno guarda o celular.</p> <p>Pesquisadora: <u>Uma pergunta, vocês acham que em uma situação como a do problema, vocês correriam algum risco sexual?</u></p> <p>Todos: <u>“Sim”</u>.</p> <p><u>“Estupro”</u>. (Aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Todos sabem o que é estupro? “Sim” (respondem)</p> <p>Pesquisadora: Vocês acham que todos os alunos aqui da escola de vocês saberiam se defender e proteger de uma tentativa de estupro?</p> <p>Todos: <u>“Não”</u>.</p> <p><u>“Uns 20%. Muitos nunca ouviram falar, as pessoas vão conseguir enganar”</u>. (Aluno homem 12)</p> <p><u>“Não iam saber falar”</u>. (Aluna mulher 1)</p> <p>Pesquisadora: É preciso ficar muito atento, pois pessoas com má intenção podem querer usar o corpo de uma pessoa indefesa, homem ou mulher, para ato sexual sem consentimento, que é estupro.</p> <p><u>“Até do homem? Por quê?”</u> (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Existem homens e mulheres que podem sim tentar uma relação forçada com um homem, já vi um caso no qual a mãe de um aluno com deficiência seduziu um amigo do filho, que era menor de idade, com deficiência intelectual e não sabia ainda se defender, ela usou esse menino sexualmente. <u>O crime de estupro pode ser cometido por homem ou mulher, é mais comum</u></p>	
--	--	--

	<p>que homem cometa, claro que não são todos os homens, entendem. No estupro de um homem contra outro homem pode acontecer a violação (quando uma coisa é forçada), do ânus (que é onde sai o cocô (fezes). O estupro é crime. Uma pessoa má intencionada pode cometer atos muito graves contra o corpo do outro.</p>	
<p>PENTA 3 Uma amiga está namorando sério com um rapaz. Em uma festa, sem o namorado, encontrou um colega de escola que não via há muito tempo. Rolou um clima e sua amiga resolveu trocar de namorado, mas não avisou ao namorado sobre sua decisão e ficou com o colega. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas</p> <p>A (+)</p> <p>A (-)</p> <p>B (+)</p> <p>B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p>“O problema são as brigas, o ciúme”. (aluno homem 10) e continua “<u>é ruim, porque se ela tinha um namorado, antes de trocar de namorado tem que conversar</u>”.</p> <p>“Não pode namorar duas ao mesmo tempo? Não, não dá”. (aluna mulher 3)</p> <p>“Eu já tive uma namorada muito ciumenta, pegava no meu pé e aí não deu certo, terminei, aí eu comecei a namorar ela (aponta para a namorada e recorre ao calendário para ver o dia em que o namoro começou)”. (aluno homem 13)</p> <p>“<u>No namoro eu fiquei com ciúmes, reclamei, ficamos um tempo separados, eu não tive outro namorado, voltamos e eu não falei para minha família, eles não deixam</u>”. (aluna mulher 4)</p> <p>Pesquisadora: As questões de família muitas vezes são difíceis, neste caso a gente pode pensar uma coisa, quem cria você é sua avó, não é? (afirma que sim) e com isso, ela já com idade (“mais de 80 anos”, ela responde), você com 18, não tem uma pessoa mais nova, entre vocês, para ser a balança entre duas gerações, uma nova e outra idosa. Como fazer isso ser mais fácil? Qual a solução? A família não quer, é preciso tentar conversar, buscar</p>	<p>24. Se ela tinha um namorado, antes de trocar de namorado tem que conversar</p> <p>25. No namoro eu fiquei com ciúmes, reclamei, ficamos um tempo separados, eu não tive outro namorado</p> <p>26. Eu não falei para minha família, eles não deixam</p> <p>27. Namorar escondido não é uma boa solução</p> <p>28. É difícil conversar em casa</p> <p>29. Minha avó tem medo de eu ficar grávida</p> <p>30. Para não fazer o(a) namorado(a) sofrer</p>

	<p>saber, tentar conversar sobre os defeitos que a família vê no namorado, como por exemplo: “ah, ele é muito agitado”, afirma a aluna mulher 4. Então, conversar sobre isso, quem sabe ele não tenta ser mais calmo, mais paciente.</p> <p>“O tempo pode ajudar, <u>namorar escondido não é uma boa solução</u>”. (aluno homem 13)</p> <p>“<u>É difícil conversar em casa</u>, as vezes quero falar uma coisa que minha avó não quer ouvir”.(aluna mulher 4) e continua “<u>minha avó tem medo de eu ficar grávida, igual minha mãe</u>”.</p> <p>Professora 1: Mas ela tem razão em ter medo?</p> <p>“Tem”. (aluna mulher 4)</p> <p>“Minha mãe já teve muito medo de eu ficar grávida, conversamos muito”. (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: Será que é fácil engravidar sem ter como sustentar o filho, e o que pensam do casamento? (todos afirmam querer casar)</p> <p>“Mas para casar tem que ter o material para fazer a casa, ter trabalho, ter como sustentar a família”. (aluno homem 10)</p> <p>Pesquisadora: E como vamos agir para responder ao problema? Avaliam que não pode ficar com outro sem terminar <u>para não fazer o(a) namorado(a) sofrer</u>.</p>	
<p>PENTA 4</p> <p>Você estava na praia com sua namorada. Era um sábado de sol, a praia estava cheia. Vocês começaram a se beijar, abraçar e o clima foi esquentando. As pessoas começaram a olhar para vocês dois de</p>	<p>“É que não pode.” (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Não pode o quê?</p> <p>“Beijar.” (aluna mulher 2)</p> <p>“<u>Na praia é proibido</u>.” (aluno homem 13)</p> <p>“Beijar e abraçar muito na praia não é bom, <u>por que pode rolar mais alguma coisa</u>.” (aluno homem 10)</p> <p>Pesquisadora: O que o casal tem</p>	<p>31. Na praia é proibido</p> <p>32. Por que pode rolar mais alguma coisa</p> <p>33. Procurar um motel</p> <p>34. Pode ficar ruim se avançar o sinal</p> <p>35. Todo mundo vai olhar o casal</p>

<p>uma maneira estranha. Qual é o problema?</p>	<p>que fazer nessa situação quando parece que vai rolar mais alguma coisa?”</p>	<p>fazendo as coisas</p>
<p>P Qual é o problema?</p>	<p>“<u>Procurar um motel.</u>” (aluno homem 10)</p>	<p>36. O melhor é a coisa esfriar, a praia não é lugar</p>
<p>E Elaborar alternativas</p>	<p>Pesquisadora: Ah ok. Mas se ainda estão na praia, o que podem fazer?</p>	<p>37. Sim, só os dois, na cama de casal</p>
<p>A</p>	<p>“Por que a gente tem que saber disso?” (aluna mulher 2)</p>	<p>38. No cinema também não pode</p>
<p>B</p>	<p>Pesquisadora: Vocês vão à praia?</p>	<p>39. Tem câmera e várias pessoas</p>
<p>N Negociar consequências</p>	<p>“Vamos”. (Todos)</p>	
<p>positivas e negativas</p>	<p>Pesquisadora: Então saber disso é importante para quando vocês estiverem com o (a) namorado (a)</p>	
<p>A (+)</p>	<p>na praia, para aqueles momentos em que o namoro esquenta, para saber que as pessoas ao redor podem se aborrecer com o comportamento de um casal trocando intimidades em público, o que você acha?</p>	
<p>A (-)</p>	<p>“Ah, entendi agora”. (aluna mulher 2)</p>	
<p>B (+)</p>	<p>Pesquisadora: O que tem de positivo em namorar na praia?</p>	
<p>B (-)</p>	<p>“Poder abraçar”. (aluno homem 13)</p>	
<p>T Tomar a decisão (A/B)</p>	<p>Pesquisadora: E o que tem de negativo em namorar na praia?</p>	
<p>A Agir e Avaliar</p>	<p>“<u>Pode ficar ruim se avançar o sinal</u>”. (aluno homem 10)</p>	
	<p>Pesquisadora: Avançar o sinal na praia é ruim por quê?</p>	
	<p>“Porque <u>todo mundo vai olhar o casal fazendo as coisas</u>”. (aluna mulher 2)</p>	
	<p>Pesquisadora: Então se o namoro esquenta na praia, qual a decisão a se tomar?</p>	
	<p>“Parar”. (aluno homem 10)</p>	
	<p>“Esfriar a coisa” e continua “<u>O melhor é a coisa esfriar, a praia não é lugar</u>”. (aluna mulher 2)</p>	
	<p>Pesquisadora: Tem lugar certo para o namoro esquenta?</p>	
	<p>“No quarto”. (aluno homem 10)</p>	
	<p>“<u>Sim, só os dois, na cama de casal</u>”. (aluna mulher 2)</p>	
	<p>Pesquisadora: Lembra que</p>	

	<p>falamos de freio social, freio quer dizer parar. Se o motorista aperta o freio o carro para, certo? O freio social é quando temos que parar diante de certas ações quando estamos juntos de outras pessoas. Algumas coisas não podemos fazer quando estamos no meio de outras pessoas para preservar o nosso corpo e a outra pessoa, que pode ser a namorada ou namorado.</p> <p><u>“No cinema também não pode”</u> e continua <u>“tem câmera e várias pessoas”</u>, (aluno homem 10)</p> <p>Pesquisadora: Exatamente, por isso chamamos de freio social, é para sabermos que em espaços que são frequentados por outras pessoas, temos que pensar em nosso comportamento.</p>	
<p>PENTA 5</p> <p>Hoje você se viu no espelho e notou que seu corpo é de um adulto. Mas ficou em dúvida sobre as diferenças e semelhanças entre o corpo do homem e da mulher. Como você nunca tinha pensado sobre isso foi perguntar a um amigo, que riu de você, pois achou engraçado pensar sobre o assunto.</p> <p>Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências</p>	<p>Pesquisadora: Vamos pensar: adulto tem que pensar sobre seu corpo?</p> <p>Todos: Tem!</p> <p>Apresenta a situação problema.</p> <p>Então, qual o problema: <u>“O erro está em rir da cara dos outros”</u>. (aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Vamos pensar sobre as características do corpo do ser humano. Quais partes formam o corpo humano?</p> <p>Alunos: “cabeça, corpo, nariz, olhos, pernas, quadril, bunda, braço, músculos”</p> <p>“Por que... (fica sem jeito) a mulher não tem barba e o homem tem, a mulher não tem cabelo embaixo do braço? Ela tira?” (Aluna mulher 2)</p> <p><u>“Vai falar besteira”!</u> (Aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Besteira por quê? Falamos de nariz, olhos e isso é besteira? (alunos: “Não”). Então <u>por que falar de outras partes do corpo é besteira?</u></p>	<p>40. O erro está em rir da cara dos outros</p> <p>41. Vai falar besteira</p> <p>42. Por que falar de outras partes do corpo é besteira?</p> <p>43. Mulher tem aquele negócio</p> <p>44. Estamos falando de algo muito natural, vagina e pênis são partes do corpo humano. Para que servem?</p> <p>45. A mulher abre a perna e o médico abre com a chave o cofre e de lá sai o tesouro que é o neném, sai daqui de baixo, não posso falar o nome que é palavrão.</p> <p>46. Homem pode ter filho na barriga?</p> <p>47. Homem não</p>

<p>positivas e negativas A (+) A (-) B (+) B (-) T Tomar a decisão (A/B) A Agir e Avaliar</p>	<p><u>“Mulher tem aquele negócio”</u>. (Aluna mulher 2) Pesquisadora: Vagina, vamos falar o nome certo ok. Mulheres têm vagina, homens têm pênis, esses nomes são besteira? Será que o amigo que riu já sabe de tudo? Vamos pensar: para que servem os olhos? “Para olhar” (todos). Uma pessoa que não enxerga é? “cega” (todos). Pessoa que nasceu ou perdeu a capacidade de enxergar é cega, tem deficiência visual, pois a capacidade de enxergar foi prejudicada. E o ouvido, serve para? “Escutar, ouvir” (todos), uma pessoa que tem dificuldade de ouvir ou não ouve, tem deficiência auditiva, é surda. Quando a gente fala disso, percebemos que as partes do nosso corpo têm funções. Para que serve o estômago? Ele está lá dentro da barriga, ninguém aqui olha para seu estômago, mas ele está lá e serve para processar os alimentos que comemos, tem uma função muito importante. E para quê homens e mulheres têm órgãos sexuais? Vagina e pênis têm funções? (risos de todos) Mas <u>estamos falando de algo muito natural, vagina e pênis são partes do corpo humano. Para que servem?</u> “Parto normal, mas dói”. (Aluna mulher 2) Pesquisadora: Para que serve a vagina na hora do parto normal? “Professora (se abaixando em frente a professora 1, que estava sentada) <u>a mulher abre a perna e o médico abre com a chave o cofre e de lá sai o tesouro que é o neném, sai daqui de baixo (aponta), não posso falar o nome que é palavrão</u>”. (Aluno homem 8) Pesquisadora: Não é palavrão, é um nome, é vagina, órgão da</p>	<p>pode engravidar. Só a mulher fica grávida 48. Por que vocês acham que o homem tem órgão sexual para fora do corpo e a mulher tem órgão sexual interno, dentro do corpo? (...) Agora tem que fazer matemática! 49. O homem engravida a mulher 50. Em algum momento o corpo do homem e da mulher se encontram? (...) Ato sexual, amor, fazer amor, prazer. 51. Tem que usar camisinha (...) É verdade que tem vários sabores? Como assim? 52. Vocês sabem o que é ejaculação? 53. Isso é bobagem</p>
---	---	--

	<p>mulher. No parto normal ou natural o osso da bacia da mulher dilata, abre, para que o bebê saia pelo canal vaginal.</p> <p><u>“Homem pode ter filho na barriga?”</u> (Aluno homem 14)</p> <p>Pesquisadora: Homem não tem órgãos sexuais femininos, <u>homem não pode engravidar. Só a mulher fica grávida.</u> Homem tem pênis, mulher tem vagina. Homem não, pois para engravidar é preciso ter órgãos que só a mulher tem, como útero, a mulher também tem ovários, trompas, que o homem não tem. A mulher tem a vagina, que é um canal para dentro do corpo e o homem tem o pênis que fica para fora do corpo. Vamos pensar na natureza: <u>Por que vocês acham que o homem tem órgão sexual para fora do corpo e a mulher tem órgão sexual interno, dentro do corpo?</u></p> <p><u>“Agora tem que fazer matemática!”</u> (Aluno homem 12)</p> <p>“Eva e Adão, né”. (Aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Mas vamos pensar no corpo, ok. Foca no corpo. (repetição da pergunta).</p> <p><u>“O homem engravida a mulher”.</u> (Aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Ok, mas <u>em algum momento o corpo do homem e da mulher se encontram?”</u></p> <p>Todos: “Sim!”</p> <p><u>“Ato sexual, amor, fazer amor, prazer”.</u> (Aluno homem 11)</p> <p><u>“Tem que usar camisinha”.</u> (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Todos sabem o que é camisinha?</p> <p>Não respondem.</p> <p><u>“É verdade que tem vários sabores? Como assim?”</u> (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Tem. O fabricante resolveu que poderia fazer de vários sabores, pois há um ato</p>	
--	--	--

	<p>sexual que utiliza a boca. E como o aluno 11 falou, no ato sexual o órgão sexual masculino, pênis, é introduzido no órgão sexual feminino, vagina. No ato sexual acontece a ejaculação do homem. <u>Vocês sabem o que é ejaculação?</u></p> <p>“ihhhh!” (Aluna mulher 2)</p> <p>Todos ficam calados.</p> <p>Pesquisadora: é quando sai do pênis do homem um líquido, e aluno homem 12 completa, “branco”. E neste líquido estão os espermatozóides.</p> <p>“Isso é bobagem”. (Aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Não é bobagem. Quando o homem sente prazer a ponto de ejacular, sai o sêmen e junto os espermatozóides que estavam no saco escrotal.</p> <p>“Tá e ai o que acontece?”. (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Quando o órgão sexual masculino, pênis, está dentro do órgão sexual feminino, vagina, e acontece a ejaculação do homem e esse homem não está usando camisinha, os espermatozóides vão para dentro do corpo da mulher, se movimentam e vão buscar o óvulo que está no útero da mulher. O espermatozóide é a célula reprodutora do homem e o óvulo é a célula reprodutora da mulher. O espermatozóide é que se movimenta e vai em direção ao óvulo, vários tentam, um consegue entrar no óvulo e ocorre a fecundação, começando uma nova vida, a mulher fica grávida (uso de desenho no quadro). Então falar de órgão sexual masculino e feminino é muito importante, para entendermos a função dos órgãos. A camisinha é para evitar a gravidez ou doenças que são transmitidas por contato sexual, pois quando o homem</p>	
--	--	--

	<p>ejacula o sêmen fica dentro da camisinha e não vai para dentro do corpo da mulher, ok.</p> <p>“Professora você pode falar mais da gravidez?” (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Vamos falar disso em um de nossos encontros, hoje não há mais tempo.</p>	
<p>PENTA 6 Você mudou de escola e lá conheceu um rapaz(moça) pelo(a) qual se apaixonou a primeira vista. Quando sua família o(a) conheceu, não aprovou o namoro, proibindo você de ficar junto dele(a). Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas A B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas A (+) A (-) B (+) B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p>“O problema é que a família não gostou do namorado”. (aluna mulher 3)</p> <p>Professora 1: O que fazer para tentar resolver esse problema?</p> <p>“<u>Tentar conversar</u> com a mãe e o pai ou outra pessoa da família”. (aluno homem 13)</p> <p>Pesquisadora: E vocês conversam com alguém da família sobre seus problemas e sobre o que estão sentindo?</p> <p>“<u>Conversei e foi difícil</u>”. (aluno homem 15)</p> <p>“Com minha mãe e meu padrasto” (aluno homem 7)</p> <p>“Com minha mãe”. (aluna mulher 6)</p> <p>“Converso com minha avó e tia, mas sobre sexo converso com meu primo”. (aluno homem 10)</p> <p>“Eu converso mais com o meu pai, com a minha mãe é mais difícil, meu pai chega para conversar ou a minha prima e minha tia, <u>eu queria ir ao médico para tomar remédio, mas a minha mãe acha que é muito cedo</u>, ela tem medo de eu pegar uma doença”. (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: Alguém sabe o que é doença sexualmente transmissível? (apenas aluna mulher 3 disse saber) Tem risco de pegar doença sexualmente transmissível se usar camisinha?</p> <p>“<u>Se a camisinha arrebentar sim</u>”. (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: O que você faria para resolver o problema que falamos?</p>	<p>54. Tentar conversar</p> <p>55. Conversei e foi difícil</p> <p>56. Eu queria ir ao médico para tomar remédio, mas a minha mãe acha que é muito cedo</p> <p>57. Se a camisinha arrebentar sim</p> <p>58. Eu falei porque eu não tenho que me esconder</p> <p>59. A gente namora pelo telefone, ele nunca foi a minha casa, nem eu na dele, ele me convidou para a casa de praia e eu falei, mãe eu vou dormir do lado dele</p> <p>60. Não pode dormir junto do namorado, a mãe não deixa</p> <p>61. Eu já tenho 29 anos</p> <p>62. A família não permitiu o namoro, proibiu, foi muito ruim, né</p> <p>63. Eu sofri muito, até fugi, foi muito difícil</p>

	<p>“Eu ia tentar mostrar para minha família que ele é bom (aponta para o namorado), dizer o que sinto por ele, dizer que ele é estudioso, trabalhador. Eu falei com minha mãe que ia namorar com ele, <u>eu falei porque eu não tenho que me esconder. A gente namora pelo telefone, ele nunca foi a minha casa, nem eu na dele, ele me convidou para a casa de praia e eu falei, mãe eu vou dormir do lado dele</u>”. (aluna mulher 3)</p> <p>“Será que sua mãe vai deixar?” (aluno homem 13)</p> <p>“<u>Não pode dormir junto do namorado, a mãe não deixa</u>”. (aluno homem 15)</p> <p>“<u>Eu já tenho 29 anos</u>”. (aluna mulher 3).</p> <p>Pesquisadora: Mas o que vocês acham que precisa para a mãe deixar dormir junto? (eles não souberam responder)</p> <p>“Minha mãe ligou pra dela e pediu para ela passar um fim de semana na casa de praia”. (aluno homem 13)</p> <p>“Mas a minha mãe não deixou, ficou com medo de eu ir sozinha, eu respeitei, mas fiquei triste. Se minha mãe tivesse proibido o namoro eu ia obedecer”. (aluna mulher 3)</p> <p>“A X passou por isso (se referindo a uma colega presente), <u>a família não permitiu o namoro, proibiu, foi muito ruim, né X</u>”. (aluno homem 10)</p> <p>“<u>Eu sofri muito, até fugi, foi muito difícil</u>”. (aluna mulher 4)</p>	
<p>PENTA 7</p> <p>Todos os meses a mulher tem seu ciclo menstrual. O seu namorado acha que</p>	<p>“Homem <u>não tem que saber de menstruação</u>” – (aluna mulher 2)</p> <p>“O problema é que o homem pergunta se você está chata por estar com raiva dele, com TPM” –</p>	<p>64. Não tem que saber de menstruação</p> <p>65. Os homens falam que a mulher</p>

<p>falar de menstruação é coisa de mulher. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas</p> <p>A (+)</p> <p>A (-)</p> <p>B (+)</p> <p>B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p>(aluna mulher 5)</p> <p>“O problema é que <u>os homens falam que a mulher está chata</u>” – (aluna mulher 1)</p> <p>Pesquisadora: Mas se mulheres convivem com homens: maridos, irmãos, namorados, filhos, etc, qual é o papel dos homens nesta fase menstrual da mulher?</p> <p>“Meu irmão sabe” – (aluna mulher 1)</p> <p>Pesquisadora: Se eu digo: Hoje estou com muita cólica. Como o homem vai entender o fato de eu estar com cólica se ele não conhece nada de menstruação? O homem tem que saber ou não tem que saber?</p> <p>“<u>Tem que saber para ajudar</u>” – (alunos homens 9, 11 e 12)</p> <p>“<u>Ele percebe</u>” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Mas não é importante a mulher falar?</p> <p>“É, a mulher fala, tô com dor de cabeça, no corpo, enjoada, não quero sair, não quero fazer nada, não me irrite” – (aluna mulher 2)</p> <p>“Por que o homem tem que saber também?” – (aluno homem 11)</p> <p>“Porque a mulher está grávida” – (aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: A mulher está menstruada. Não está grávida.</p> <p>“A mulher precisa dizer ao companheiro que está menstruada, <u>ele tem que saber para não achar que ela é uma chata</u>, ele conhece, ele sabe o que está acontecendo” – (aluno homem 12)</p> <p>Pesquisadora: Então menstruação não é coisa só de mulher?</p> <p>Todos: não.</p> <p>Pesquisadora: Homem menstrua?</p> <p>Todos: não.</p> <p>Pesquisadora: Não, com certeza não. Pois para menstruar é preciso ter os órgãos de uma mulher. O homem tem que saber o que é menstruação para entender.</p>	<p>está chata</p> <p>66. Tem que saber para ajudar</p> <p>67. Ele percebe</p> <p>68. Ele tem que saber para não achar que ela é uma chata</p> <p>69. Não quero nem falar disso</p> <p>70. Com abas é melhor, fica mais preso</p> <p>71. É sangue, né</p> <p>72. É mesmo absorvente? Isso?</p> <p>73. Homem também</p> <p>74. Como é? Como abre? Para quê essa cordinha?</p> <p>75. É remédio?</p> <p>76. Como enche de sangue?</p> <p>77. Pode pegar?</p> <p>78. A médica me explicou isso</p>
--	---	--

	<p>Trouxe para vocês verem os tipos de absorventes. Vocês sabem para que serve um absorvente? “Podemos pedir ao namorado ou marido para comprar” – (aluna mulher 5)</p> <p>Aluna mulher 1 retirou da sua mochila o absorvente externo que trazia na bolsa e mostrou aos demais colegas. “Sempre trago na bolsa, posso menstruar e vou fazer o quê”.</p> <p>“Menstruar é dolorido, dói tudo. A gente se irrita” – (aluna mulher 2)</p> <p>Aluno homem 8 não quis nem olhar para os absorventes externos que a pesquisadora trouxe. <u>“Não quero nem falar disso”</u></p> <p>Pesquisadora: Agora quem quiser pode vir ver como é o absorvente externo, com e sem abas. Podem perceber que há uma parte com uma cola e outra macia onde fica depositada a menstruação. Para que serve a cola?</p> <p>Alunas mulheres 1, 2 e 5 – “Para grudar na calcinha”. Todas dizem ter preferência por absorvente com abas. <u>“Com abas é melhor, fica mais preso”</u> – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: A menstruação sai pelo canal vaginal. <u>“É sangue, né?”</u> – (aluno homem 9)</p> <p>Pesquisadora: Sim, é sangue menstrual. Pensei uma coisa aqui, se um de vocês, homens, está em uma festa e repara que tem uma amiga com a roupa suja de sangue (menstrual), ou por ter menstruado naquela hora ou por não ter trocado o absorvente a tempo, o que precisa fazer?</p> <p>“Ajudar” – (alunos homens 11 e 12)</p> <p>“O homem precisa ajudar, avisar” - (aluno homem 12)</p> <p>“E se ele ficar com vergonha? Ah, pode chegar em outra amiga e</p>	
--	--	--

	<p>falar para ela avisar” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Concordo, mas a gente não tem que ter vergonha por ajudar outra pessoa. Mas tem outro tipo de absorvente, é o interno. Vocês conhecem (apresenta o objeto para que os alunos visualizem e todos respondem que nunca viram o objeto, alunos mulheres e homens).</p> <p>Pesquisadora (demonstrando os objetos): Então vamos lembrar: absorvente externo fica grudado na calcinha, certo. Fica por fora, tem com aba e sem aba. A aba serve para prender por baixo da calcinha. Tem uma colinha.</p> <p>Neste momento todos os alunos tocam os absorventes, até os que a princípio não se sentiram a vontade. É projetada uma imagem desenhada de um absorvente com sangue menstrual com objetivo de demonstrar como a menstruação fica retida no absorvente.</p> <p>“E esse outro tipo professora? <u>É mesmo absorvente? Isso?</u>” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: É absorvente interno, colocado dentro do canal vaginal e não é toda mulher que pode usar, tem que ser utilizado por mulheres que já tiveram relação sexual.</p> <p>“<u>Homem também?</u>” (aluno homem 8)</p> <p>Pesquisadora: Homem não menstrua. Isso (mostra o objeto) é um absorvente interno, colocado dentro da vagina para reter a menstruação, então não é para homem, certo? Homem não tem vagina.</p> <p>“<u>Como é? Como abre? Para quê essa cordinha?</u>” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: (demonstra como abre). Depois de aberto é introduzido no canal vaginal e a</p>	
--	--	--

	<p>cordinha fica para fora, a cordinha serve para a hora de retirar, puxando com cuidado.</p> <p>“Mas dói?” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Não dói, se doer tem algo errado. Mas lembra que eu falei que só pode ser usado por mulheres que já tiveram relação sexual.</p> <p>“<u>É remédio?</u>” – (aluno homem 14)</p> <p>Pesquisadora responde: Não. É absorvente interno, para quando a mulher está menstruada.</p> <p>“<u>Como enche de sangue?</u>” – (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: pega um recipiente com água e mergulha o absorvente interno por um tempo até que ele ao absorver o líquido mude de volume, objetivando experimentar algo semelhante ao que acontece com seu uso. Explicando que o sangue menstrual escorre pelo canal vaginal e é absorvido pelo absorvente interno, que incha ao receber o líquido.</p> <p>“<u>Pode pegar?</u>” – (aluno homem 8)</p> <p>Pesquisadora: Deixa-os a vontade para manusear os objetos.</p> <p>“Aprendi o que é” – (aluna mulher 2)</p> <p>Aluno homem 8 - pegou, cheirou, sem o receio inicial.</p> <p>Pesquisadora: O absorvente interno é muito utilizado por mulheres que têm vida sexual ativa quando vão a praia. O absorvente externo não é legal na praia. Projetou-se imagem sobre o ciclo menstrual com explicação aos alunos sobre a saída do óvulo do ovário, passando pelas trompas, em direção ao útero. No útero o óvulo se aloja, se prendendo na parede que está pronta para recebê-lo com uma camada espessa e almofadada. Quando não há fecundação neste óvulo, ele é expulso junto a</p>	
--	--	--

	<p>camada que recobria o útero e esta descamação é a menstruação, que uma vez desfeita desce pelo canal vaginal. A mulher não engravidou. (explicação dada com recurso visual).</p> <p>“<u>A médica me explicou isso</u>” – (aluna mulher 5)</p> <p>“Já tinha ouvido falar mais ou menos” – (aluna mulher 1)</p> <p>Pesquisadora: Então para finalizar vamos pensar em tudo que falamos: quem menstrua? Mulher (todos). Homem menstrua? Não (todos). Quais são os tipos de absorvente? Interno e externo (nem todos responderam). Homem tem que saber de menstruação? Sim (todos).</p>	
<p>PENTA 8 Sua família lhe deu a notícia de que sua prima está grávida. Vai ter um bebê. Ela não tem um namorado ou marido. O bebê está crescendo dentro dela e você não sabe direito como é que ela ficou grávida. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas</p> <p>A (+)</p> <p>A (-)</p> <p>B (+)</p> <p>B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p>	<p>“<u>O problema é como se faz um bebê</u>”. (aluna mulher 5)</p> <p>“<u>Como vai para dentro da barriga?</u>” (aluna mulher 6)</p> <p>“Como o bebê sai da barriga?” (aluno homem 13)</p> <p>“E tem o umbigo, para que serve o umbigo?” (aluno homem 10)</p> <p>“<u>O umbigo serve para escutar o bebê quando ele está lá dentro.</u>” (aluno homem 13)</p> <p>Pesquisadora: O umbigo teve função quando a gente estava dentro da barriga da nossa mãe, o umbigo do bebê é ligado a placenta e é pela placenta que chegam os nutrientes, como o alimento, que vai fazer o bebê ficar forte e crescer, se desenvolver. Agora todos os umbigos dessa sala são cicatrizes, só serviram para a gente quando estávamos dentro da barriga da nossa mãe, agora não servem para nada. Mas tem o problema né, o que precisa acontecer para um bebê ir parar dentro da barriga da mulher? (não responderam)</p> <p>Neste momento pesquisadora faz</p>	<p>79. O problema é como se faz um bebê</p> <p>80. Como vai para dentro da barriga?</p> <p>81. O umbigo serve para escutar o bebê quando ele está lá dentro</p> <p>82. É por causa do girino. A mulher tem uma lua e os bichinhos vão entrando</p> <p>83. Eu pensava que isso era besteira</p> <p>84. Pra nascer o bebê tem que ter o encontro entre um homem e uma mulher</p> <p>85. Dentro da bolsa que fica o bebê tem ar?</p> <p>86. A mulher não pode espirrar senão o neném nasce</p> <p>87. Minha sobrinha nasceu né, no</p>

<p>A Agir e Avaliar</p>	<p>um resumo dos grupos focais já vivenciados, diferenças e semelhanças no corpo do homem e da mulher, órgãos do sistema reprodutor feminino e masculino (alguns sujeitos afirmaram que mulher tem testículos, todos sabiam que pênis é do homem e vagina da mulher), retomamos a intervenção de que falar do corpo humano não é vergonha, não é palavrão, não é coisa feia. E então: o que acontece entre um homem e uma mulher para que aconteça a gravidez?</p> <p>“Não sei.” (aluno homem 13)</p> <p>Ninguém mais sabe dizer, até que aluno homem 10 se pronuncia “<u>é por causa do girino. A mulher tem uma lua e os bichinhos vão entrando</u>”, (se levanta e faz o desenho no quadro).</p> <p>Pesquisadora: Então, vamos aproveitar o desenho feito pelo colega. O que ele chamou de lua é o óvulo, que é a célula reprodutora da mulher, que sai dos ovários, desce pelas trompas e se fixa no útero quando a mulher entra em seu período fértil, pronta para engravidar. É no útero, que é um órgão feminino, da mulher, que o feto se desenvolve. Quando há uma relação sexual entre um homem e uma mulher esse óvulo pode ser fecundado pelo que o X chamou de “girino”, que se chama espermatozóide. Quando o pênis é introduzido na vagina e o homem ejacula, liberando os espermatozoides, o espermatozóide (célula reprodutora do homem) rompe o óvulo (célula reprodutora da mulher), acontece a fecundação e a mulher engravida. (utilizamos desenho no quadro ao apresentar a explicação). Projetamos posteriormente vídeo sobre o desenvolvimento do embrião, feto</p>	<p>começo deu muito trabalho, agora está com sete meses, não é fácil, limpar a fralda de cocô, fralda é muito caro, chora de madrugada, chora quando tem cólica e tem que fazer chá, dá febre para nascer os dentes, tem que ter dinheiro para médico, remédio e fraldas</p> <p>88. Com que idade a mulher pode ficar grávida?</p> <p>89. Relação sexual é ruim?</p> <p>90. Como é quando dá vontade?</p> <p>91. Eu fico assustada quando sinto vontade</p> <p>92. Não pode mais vir para a escola, tem que cuidar do neném</p> <p>93. Eu fico com vontade de ter mais intimidade com meu namorado</p> <p>94. Eu não consigo</p>
--------------------------------	---	--

	<p>e recém nascido, a bolsa d'água com líquido amniótico, o cordão umbilical, a dilatação, descida pelo canal vaginal e nascimento. Após retornamos ao problema do PENTA. O que é preciso para uma mulher ficar grávida? (a maioria ainda não consegue responder, demonstrando vergonha). A pesquisadora continua: Se usar camisinha fica grávida? O que é ejaculação? (ainda não respondem)</p> <p>“Ejaculação tem cor branca”. (aluno homem 10)</p> <p><u>“Eu pensava que isso era besteira”</u>. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: Mas mudou de opinião?</p> <p>“É”. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: Ok, voltando ao nosso problema: Qual é o problema?</p> <p>“Quem é o pai?”. (aluno homem 13)</p> <p>“Fazer sexo com uma pessoa que não era nem namorado, nem marido, é errado isso”. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: E o que podemos fazer, quais alternativas?</p> <p>“Ela pode arrumar uma pessoa para ajudar a ela a criar o filho”. (aluno homem 15)</p> <p>“Não pode ter preconceito, uma vez uma pessoa na minha rua falou pra mim que eu não sabia fazer nada, que eu não sabia andar sozinho na rua, eu sei, mas é que minha mãe não deixa, se preocupa por causa das convulsões”. (aluno homem 13)</p> <p>Tomaram a decisão de não ao preconceito, de nenhuma forma.</p> <p><u>“Pra nascer o bebê tem que ter o encontro entre um homem e uma mulher, nosso pai e nossa mãe?”</u> (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Sim, é preciso que haja uma relação sexual entre um</p>	
--	---	--

	<p>homem e uma mulher para acontecer a fecundação, que é quando o espermatozóide encontra o óvulo e assim acontece a gravidez. Só a mulher fica grávida.</p> <p>“E se o espermatozóide não conseguir chegar até o óvulo?”. (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Se não conseguir não acontece a gravidez (repito o vídeo que mostra o momento da fecundação). A mulher já nasce com todos os óvulos que irá liberar durante toda sua vida reprodutiva, quando a mulher entra na menopausa, para de menstruar e isso quer dizer que não ovula mais, ou seja, não libera mais óvulos, mais ou menos em torno dos 50 anos de idade. O homem é diferente, seu organismo produz espermatozóide por toda vida. Vamos pensar no motivo pelo qual a natureza fez isso? Sexo masculino com capacidade reprodutiva por toda vida e o feminino (mulher) não. Será que uma mulher com 60 anos teria facilidade em manter uma gravidez e sofrer todas as transformações que a gravidez traz ao corpo? Ela está normalmente mais cansada, pode ter mais problemas de saúde, na coluna, pressão, diabetes, seus órgãos estão mais envelhecidos. Já pensaram, quantos anos suas mães têm, mais ou menos? (uma das alunas diz que a mãe tem 77 anos), então, como seria para uma mulher engravidar aos 77 anos? O homem pode fazer filhos por toda sua vida, se sua saúde estiver boa, não é um problema para sua natureza e idade.</p> <p><u>“Dentro da bolsa que fica o bebê tem ar?”</u>. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: Tem água</p> <p>“Então se afoga”. (aluno homem</p>	
--	---	--

	<p>15)</p> <p>Pesquisadora: Só respiramos pelos pulmões quando saímos da barriga da mãe.</p> <p><u>“A mulher não pode espirrar senão o neném nasce”</u>. (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: Não é verdade isso, o neném só sai pelo canal vaginal quando há dilatação da bacia (aponta os ossos da bacia) e quando a mulher tem as contrações, que são cólicas bem fortes que têm a função de expulsar o neném, a mulher sente dor, sinal que o neném está para nascer, ela pode espirrar sim, sem problemas.</p> <p>“E o umbigo?”. (aluna mulher 2)</p> <p>“Só serve para limpar”. (aluno homem 14)</p> <p>Pesquisadora: Sim, agora nosso umbigo, que é uma cicatriz, só serve para limpar, mas quando nós estávamos dentro da barriga da nossa mãe, foi pelo umbigo que recebemos a alimentação para nos desenvolvermos, pegando nutrientes da placenta, todos os mamíferos são assim.</p> <p>“Dá para ter dois bebês na barriga?”. (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Sim, dá para ter até mais de dois, mas nós mulheres fomos feitas para gerar um bebê de cada vez e por isso uma gravidez de gêmeos é sempre mais arriscada, por exemplo, o cachorro e o gato também são mamíferos, e têm muito filhotes de uma só vez, não é? Mas a mulher não foi feita para isso, é uma gravidez de risco. Já ouvi um caso de uma mulher que teve seis. São duas maneiras do bebê nascer, parto normal (pelo canal vaginal) e cesárea (com um corte na barriga, bem embaixo). Neste momento aluno homem 8 encena que quando a mulher abre a perna é possível com uma chave retirar o</p>	
--	--	--

	<p>tesouro lá de dentro (como já havia feito em outro grupo focal). Explico sobre o parto normal, que a mulher faz uma força parecida a da hora de evacuar e que é assim que o bebê sai pelo canal vaginal, não há chave, não há baú do tesouro, apesar de um filho ser tão importante.</p> <p>“Eu vi na televisão uma avó que levou na barriga dela o neto, a filha não podia ter o bebê na barriga”. (aluna mulher 5)</p> <p>Pesquisadora: Pode acontecer de por algum problema uma mulher não puder gerar, levar na barriga, seu filho. Neste caso relatado a mãe/avó ofereceu sua barriga para que a filha pudesse ter seu filho, então a fecundação, em casos assim, é feita fora do corpo da mulher, o médico pega o óvulo da mulher e o espermatozóide do homem e faz a fecundação fora do corpo da mulher, sem relação sexual, depois que foi feita a fecundação coloca ou implanta o embrião no útero de outra mulher, que vai ficar grávida. A lei no Brasil permite isso quando não há cobrança de valores em dinheiro para gerar o bebê, nesse caso foi a avó que gerou o neto. A avó só emprestou a barriga. Hoje quando chegarem em casa peçam para ver fotos suas de quando nasceram e reparem nos detalhes.</p> <p>“Eu não tenho nenhuma foto de quando eu era bebê, minha mãe me abandonou e minha avó que me criou”. (aluna mulher 4)</p> <p><u>“Minha sobrinha nasceu né, no começo deu muito trabalho, agora está com sete meses, não é fácil, limpar a fralda de cocô, fralda é muito caro, chora de madrugada, chora quando tem cólica e tem que fazer chá, dá febre para nascer os dentes, tem que ter dinheiro para médico, remédio e</u></p>	
--	---	--

	<p><u>fraldas</u>". (aluno homem 13)</p> <p><u>"Com que idade a mulher pode ficar grávida?"</u> (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Desde o momento em que começa a ovular. Lembram que a menstruação acontece após a ovulação em uma mulher saudável, então ovulou já pode engravidar. Se acontecer uma relação sexual entre o homem e a mulher e o homem ejacular dentro ou bem na entrada da vagina, pode acontecer a fecundação do óvulo, pelo espermatozóide e a mulher vai ficar grávida.</p> <p>"Então com 13 anos a mulher pode engravidar? Eu fiquei menstruada com 13 anos". (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Sim, mas tem que acontecer uma relação sexual, sempre.</p> <p><u>"Relação sexual é ruim?"</u> (aluna mulher 2) e continua <u>"Como é quando dá vontade?"</u></p> <p>Pesquisadora: Quando você e seu namorado estão juntos trocando beijo e carinhos é ruim ou bom?</p> <p>"Bom". (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: A relação sexual é algo que acontece quando o casal quer aumentar sua intimidade, é o encontro entre dois corpos.</p> <p><u>"Eu fico assustada quando sinto vontade"</u>. (aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: É muito importante conversar com a família. Vida a dois não é somente relação sexual, envolve compromissos, carinho, rotina, responsabilidades.</p> <p>"A x (aluna cita o nome de uma colega que engravidou em 2016) fez uma coisa muito errada, é uma besteira, <u>não pode mais vir para a escola, tem que cuidar do neném</u>" e continua "A mulher tem que ter cabeça". (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: Só a mulher que tem que ter cabeça, só a mulher é</p>	
--	---	--

	<p>responsável pela gravidez? Todos; “Não, o homem também”. <u>“Eu fico com vontade de ter mais intimidade com meu namorado”</u>. (aluna mulher 2) Pesquisadora: O que é importante a gente pensar: o namoro está esquentando, o clima fervendo, e a vontade aumentando, vontade de ter uma relação sexual, que vai acabar acontecendo se os namorados tiverem uma oportunidade. Então eu não vejo outra alternativa: tem que chamar a mãe e conversar sobre o que está sentindo, é muito melhor conversar do que ficar sem saber o que fazer e o pior, o namoro esquentar e não ter como se controlar e ter uma relação sexual sem se proteger e ficar grávida, ficar grávida sem se preparar, em um momento que não seria ideal, entende. A mãe, ou alguém da família que tenha maior atenção com vocês, é a pessoa que vai poder levar ao médico, para que o médico diga qual a melhor maneira de evitar a gravidez (pílula, injeção, camisinha) <u>“Eu não consigo”</u>. (aluna mulher 2) Pesquisadora: Mas precisa. “Não dá”. (aluna mulher 2) Pesquisadora: Eu conversei com todas as famílias para vocês estarem aqui e as famílias acharam muito bom, sua mãe achou muito bom, então chega perto dela, fala do que a gente tem conversado, é um começo.</p>	
<p>PENTA 9 Você tem notado mudanças no seu corpo. Pêlos, espinhas, contornos, tom da voz, e outras. As pessoas não têm</p>	<p>“O problema é que <u>nem todo mundo conversa sobre isso em casa</u>”. (Aluno homem 13) “Eu não converso em casa, na escola está dando para conversar agora, só falei com a psicóloga, nunca tinha falado na escola sobre</p>	<p>95. Nem todo mundo conversa sobre isso em casa 96. Nunca tinha falado na escola sobre sexualidade 97. Por que às</p>

<p>paciência com você. Não tem ninguém que você possa conversar sobre o que está sentindo e só seu espelho que lhe ouve. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas</p> <p>A (+)</p> <p>A (-)</p> <p>B (+)</p> <p>B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p><u>sexualidade</u>". (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Sexualidade tem a ver com corpo, não quer dizer relação sexual, tem a ver com sensações, prazeres. Se faço carinho, dou abraço, falo "pode contar comigo", tem a ver com o que a gente sente, corpo e mente. Tem a ver com um cheiro gostoso, seja de um bolo no forno ou de um perfume, tem a ver com tudo que nos dá prazer.</p> <p><u>"Por que às vezes dói aqui (apontando para o peito), eu não sei o que é isso, o que é isso?"</u>. (Aluna mulher 2)</p> <p>Pesquisadora: Pode ser ansiedade, angústia, alguma tristeza, talvez não estar respirando direito, por isso é sempre bom conversar, tirar as angústias, as dúvidas. Depois que tivemos aquele encontro em que falamos das diferenças que existem entre o corpo do homem e o da mulher, vocês notaram que ficaram diferentes, mais informados?</p> <p>"Ficou mais fácil". (Aluna mulher 5)</p> <p><u>"Se eu falar de namorada minha mãe fala, é a vassoura"</u>. (Aluno homem 14)</p> <p>"Eu tenho namorada, mas é o X (referindo-se ao colega) que sabe". (Aluno homem 8). O colega se pronuncia dizendo que "a menina não sabe, <u>o namoro é por uma rede social</u>" (Aluno homem 11).</p> <p>"A minha mãe falou um pouco sobre as mudanças no corpo". (Aluna mulher 1)</p> <p>"Não falo disso em casa". (Aluno homem 15)</p> <p>"Ninguém conversa". (Aluno homem 12)</p> <p>"Ninguém conversa, falo um pouco com a Y (referindo-se a uma prima, segundo ele), mas não posso falar de namoro". (Aluno</p>	<p>vezes dói aqui (apontando para o peito), eu não sei o que é isso, o que é isso?</p> <p>98. Se eu falar de namorada minha mãe fala, é a vassoura</p> <p>99. O namoro é por uma rede social</p> <p>100. Falo com meu pai, ele falou sobre o corpo, falou mais depois que comecei a namorar</p> <p>101. Minha mãe um dia quis falar alguma coisa de fazer amor, ela me perguntou e eu falei não sei o que é isso</p> <p>102. Eu ia responder sim ou não</p>
--	--	---

	<p>homem 14) <u>“Falo com meu pai, ele falou sobre o corpo, falou mais depois que comecei a namorar”</u>. (Aluno homem 11) <u>“Só falei com a psicóloga, minha mãe um dia quis falar alguma coisa de fazer amor, ela me perguntou e eu falei não sei o que é isso”</u>. (Aluna mulher 2) Professora 1: E se ela perguntasse hoje? <u>“Eu ia responder sim ou não”</u>. (Aluna mulher 2)</p>	
<p>PENTA 10 O namorado da minha melhor amiga está cheio de gracinhas para o meu lado. No dia do meu aniversário eu percebi que ele estava querendo ficar comigo, e gostei. Ela ficou muito aborrecida e disse que não seremos mais amigas. Eu não sei o que fazer. Qual é o problema? P Qual é o problema? E Elaborar alternativas A B N Negociar consequências positivas e negativas A (+) A (-) B (+) B (-) T Tomar a decisão (A/B) A Agir e Avaliar</p>	<p>Pesquisadora: Vamos fazer um teatro dessa situação? Todos concordam. Fazemos a encenação da situação. Pesquisadora: E agora? Qual o problema? <u>“Ah, isso é fura olho”</u>. (aluno homem 10) <u>“A amiga é fura olho”</u>. (aluna mulher 3) Pesquisadora: Mas e o namorado que estava cheio de gracinhas? <u>“Xiiiiiiii”</u> (aluna mulher 3) (Neste momento a pesquisadora observa que uma das alunas participantes do grupo está achando que a situação encenada é sobre ela e seu namorado, intervindo e explicando que se trata de um teatro, ela afirma ter entendido, então. Pesquisadora: O que é preciso o namorado fazer nesse caso? <u>“Tem que primeiro separar para poder ficar com a outra”</u>. (aluno homem 11) <u>“Se ele terminar ai pode ficar com a outra”</u>. (aluna mulher 3) <u>“Eu acho que pode dar briga”</u>. (aluno homem 11) <u>“A namorada tem que ficar de olho, depois se fosse comigo eu ia falar: Depois eu falo com você</u></p>	<p>103. Isso é fura olho 104. Tem que primeiro separar para poder ficar com a outra 105. Eu acho que pode dar briga 106. Quer ficar com quem? Vai ficar comigo ou com ela. Daí eu ia tocar minha vida</p>

	<p>bonita!” (aluna mulher 3)</p> <p>Pesquisadora: Vocês entendem que essa situação pode acontecer com qualquer casal? Mas aqui nesse caso, estamos fazendo uma encenação, não é de verdade, entendem?</p> <p>“Sim”! (todos)</p> <p>“Eu ia perguntar para meu namorado: <u>quer ficar com quem? Vai ficar comigo ou com ela. Daí eu ia tocar minha vida</u>”. (aluna mulher 2)</p> <p>“Acabo a amizade na hora” e continua, “Depois ia conversar com os dois”. (aluno homem 11)</p> <p>Pesquisadora: O que tem de positivo em primeiro terminar um namoro antes de começar outro?</p> <p>“Pra não furar o olho”. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: Para não trair?</p> <p>“Isso”! (aluno homem 10)</p> <p>“Eu mandava logo os dois embora” (aluno homem 15)</p> <p>“Eu conversava com minha namorada, quer ficar com quem?” (aluno homem 10)</p> <p>“Ia ser muito triste passar por isso” e continua relatando situação vivida com o namorado quando ele retirou a aliança de compromisso e deu para outra garota, “Ele não agiu como homem, ele foi moleque, não foi o homem que eu amava”. (aluna mulher 3)</p> <p>“Eu ia ficar tranqüilo, se ela não quisesse mais”. (aluno homem 9)</p>	
<p>PENTA 11</p> <p>Tocando meu próprio corpo, principalmente nas partes íntimas, tenho sensações que eu não conhecia. Mas eu não sei como</p>	<p>“O problema é aquele negócio, tem a ver com o pai e a mãe”. (aluno homem 15)</p> <p>Os demais não se pronunciam.</p> <p>Pesquisadora: Não estamos falando de nada feio, ok.</p> <p>“<u>Negócio de amor e sexo</u>”. (aluno</p>	<p>107. Negócio de amor e sexo</p> <p>108. Não posso falar isso não, tenho vergonha</p> <p>109. Não sei, estou pensando</p>

<p>posso viver esses momentos de intimidade comigo. Estou com muitas dúvidas. Qual é o problema?</p> <p>P Qual é o problema?</p> <p>E Elaborar alternativas</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>N Negociar consequências positivas e negativas</p> <p>A (+)</p> <p>A (-)</p> <p>B (+)</p> <p>B (-)</p> <p>T Tomar a decisão (A/B)</p> <p>A Agir e Avaliar</p>	<p>homem 10)</p> <p>“Tem a ver com namorar, tirar a roupa”. (aluna mulher 6)</p> <p>”<u>Não posso falar isso não, tenho vergonha</u>”. (aluno homem 15)</p> <p>“É sexo”. (aluno homem 14)</p> <p>“Duas pessoas namorando, <u>não sei, estou pensando</u>”. (aluno homem 7)</p> <p>“O problema é a sexualidade, quando não tem um companheiro, mas quer um companheiro, sexo é uma coisa muito complicada, por exemplo, <u>você está em casa e diz estou com vontade, quero fazer sexo, fica na ansiedade</u>”. (aluna mulher 3)</p> <p>“Não sei”. (aluna mulher 4)</p> <p>Pesquisadora: Ok, vamos pensar, quando a gente fala sexualidade temos que pensar em três coisas: primeiro a palavra sexo, que é quando queremos dizer feminino ou masculino, então os tipos de sexo são feminino (mulher) e masculino (homem), vocês sabiam disso?</p> <p>“Não”. (todos)</p> <p>Se eu falo, X (aluno homem 13), qual é o seu sexo? Feminino ou masculino?</p> <p>“Masculino, eu sou homem”. (aluno homem 13)</p> <p>Pesquisadora: Segunda coisa para pensar – relação sexual. O que é? Quem sabe?</p> <p>“O cara usa camisinha e a mulher toma remédio, se transar a camisinha entra no canal vaginal”. (aluna mulher 3) e continua “na relação sexual a mulher pode sentir prazer”.</p> <p>“E ficar grávida”. (aluno homem 15)</p> <p>“Pra não ficar grávida o homem pode usar camisinha”. (aluno homem 13)</p> <p>Pesquisadora: E a sexualidade engloba os sexos, a relação sexual e todas as sensações que</p>	<p>110. Você está em casa e diz estou com vontade, quero fazer sexo, fica na ansiedade</p> <p>111. Não pode</p> <p>112. Meu padrasto falou que não pode fazer na frente de ninguém</p> <p>113. Isso é errado</p>
---	---	--

	<p>sentimos, por exemplo, ao chegar em casa sente um cheiro vindo da cozinha, de bolo de chocolate, é uma sensação boa né, como passar ao lado de uma pessoa com um cheiro bom.</p> <p>“No caso, o tesão que a mulher sente é quando ela se sente amada”.</p> <p>Pesquisadora: Alguém aqui já se sentiu amado(a)?</p> <p>“Nunca me senti amada”. (aluna mulher 4)</p> <p>Pesquisadora: Voltando ao nosso problema (releio), algumas vezes homens e mulheres querem ficar se tocando, tocando o órgão sexual e fazem isso na frente de outras pessoas, o que vocês acham disso?</p> <p>“<u>Não pode!</u>”. (todos)</p> <p>Pesquisadora: Tem uma coisa chamada intimidade, que é o que podemos fazer quando estamos no banheiro, no quarto, sozinhos. Quando uma pessoa fica tocando o órgão sexual na frente de outra pessoa, essa pessoa pode se sentir chateada.</p> <p>“<u>Meu padrasto falou que não pode fazer na frente de ninguém</u>”. (aluno homem 14)</p> <p>Pesquisadora: Tocar o nosso corpo só na intimidade, pois exige respeitar o direito da outra pessoa. Ninguém precisa ficar vendo o órgão sexual da gente, na frente de todo mundo, todo mundo olhando, não é para ficar mostrando, tem que ter cuidado com o corpo, tem que ser na intimidade, tem que ter cuidado para não se machucar, já ouvi mãe dizer que o filho estava se machucando de tanto se tocar, o nome é masturbação.</p> <p>“<u>Isso é errado!</u>”. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: O que? Se tocar?</p> <p>“É”. (aluno homem 15)</p> <p>Pesquisadora: não é legal na</p>	
--	---	--

	<p>frente de outras pessoas, mas se está sozinho(a) no banheiro, banho, no quarto, ficando sozinho não é errado, mas tem que tomar cuidado para não se machucar, não pode se machucar. Na frente dos outros, dos pais, eles podem se chatear, diga que em algum momento você precisa de privacidade, que eles vão entender, na sua intimidade não é errado. Chama privacidade, quando se pode estar sozinho e se tocar, ter intimidade com o próprio corpo.</p>	
--	---	--

Os dados obtidos foram, substancialmente, extraídos dos discursos dos sujeitos.

A partir destes dados tornou-se possível à elaboração das categorias de análise. Uma vez definidas estas categorias, através de repetidas leituras analíticas dos discursos, foram sendo desveladas as percepções dos sujeitos sobre temas ligados a sexualidade. Assim, as categorias selecionadas constam na tabela 4.

Tabela 4 – Categorias temáticas

Categoria	Definição
<p>1. Sexualidade, Sexo e Relação Sexual</p> <p>1.1 Conceito de Sexualidade</p> <p>1.2 Conhecimento sobre Sexualidade, Sexo e Relação Sexual</p> <p>1.3 Identificação do papel da família e diálogo</p> <p>PENTA(S) em que foram encontradas: 1, 5, 6, 7, 8, 9 e 11</p>	<p>Mencionam sua forma de compreender: o uso de preservativos; formas de aquisição de preservativos; orientação dada (ou não) pela família; ciclo menstrual, menstruação, TPM, tipos de absorventes; concepção, gravidez, parto, relação sexual, desejo;</p>

	<p>corpo e vida adulta; namoro, diálogo familiar; toque e intimidade, inibições e privacidade.</p>
<p>2.0 Segurança Pessoal</p> <p>2.1 Autodefensoria</p> <p>2.2 Assédio Sexual</p> <p>2.3 Abuso Sexual</p> <p>PENTA(S) em que foram encontradas: 2</p>	<p>Revelam fatores ligados à segurança pessoal e formas de violência envolvidas em uma relação abusiva.</p>
<p>3.0 Namoro, Afeto e Relações interpessoais</p> <p>3.1 Família e Namoro</p> <p>3.2 Namoro e Gravidez</p> <p>3.3 Sentimentos envolvidos</p> <p>3.4 Freio social</p> <p>PENTA(S) em que foram encontradas: 3, 4, 6, 9 e 10</p>	<p>Expõem as relações familiares diante do namoro ou desejo de namoro; preocupações relacionadas à gravidez e sentimentos que surgem no namoro; comportamentos aceitáveis em público ou na intimidade/ privacidade.</p>
<p>4.0 Vida Adulta e Corpo</p> <p>4.1 Corpo Humano</p> <p>4.2 Diferenças entre o corpo do homem e da mulher</p> <p>4.2 Concepção, Gravidez e Parto</p> <p>4.3 Contracepção e Doenças sexualmente transmissíveis</p> <p>PENTA(S) em que foram encontradas: 1, 5, 6 e 8</p>	<p>Relatam conhecimentos prévios acerca do corpo, seus órgãos, particularidades no corpo de homens e mulheres; aspectos ligados à concepção, doenças sexualmente transmissíveis, concepção, gravidez e parto.</p>

Tabela 5 – Confluências e Congruências, considerando as categorias temáticas, nas situações-problemas abordadas nos PENTAS.

Categoria/Subcategoria	Definição	PENTA(S) em que foram encontradas
Sexualidade, Sexo e Relação Sexual	Relatos de como os sujeitos demonstram compreender os conceitos de sexualidade, sexo e relação sexual.	1, 5, 7, 9 e 11
Conceito de Sexualidade	Abordagem do conceito de sexualidade para além da sexualidade genital.	9 e 11
Conhecimento sobre Sexualidade, Sexo e Relação Sexual	Levantamento dos conhecimentos demonstrados pelos sujeitos acerca de temas ligados à sexualidade, sexo e relação sexual.	5, 9 e 11
Identificação do papel da família e diálogo	Relatos dos sujeitos sobre o papel desempenhado pelas famílias ao abordarem (ou não), temas ligados à sexualidade, sexo e relação sexual.	1, 6, 8 e 9
Segurança Pessoal	Considerações acerca da segurança pessoal.	2
Autodefensoria	Considerações sobre autodefensoria, explicitando maneiras de se proteger, com assertividade e autonomia, diante de situações que comprometam a segurança	2

	peçoal.	
Assédio Sexual	Relatos de situações ligadas ao tema assédio sexual; riscos envolvidos.	2
Abuso Sexual	Relatos que envolvem situações de abuso sexual; riscos envolvidos.	2
Namoro, Afeto e Relações Interpessoais	Exposição de situações que envolvem namoro, afeto e relações interpessoais.	3, 9 e 10
Família e Namoro	Relatos de aspectos abordados pelas famílias diante do tema namoro.	3, 6 e 9
Namoro e Gravidez	Relatos de aspectos relacionados à gravidez, quando há namoro.	3
Sentimentos envolvidos	Relatos dos sentimentos envolvidos em relações interpessoais, quando há namoro.	3
Freio social	Considerações sobre comportamentos aceitáveis em locais públicos e comportamentos em locais privados.	4
Vida Adulta e Corpo	Conhecimento sobre o corpo e o corpo adulto.	5
Corpo Humano	Conhecimento sobre o corpo humano, seus órgãos sexuais e	5

	funções.	
Diferenças entre o corpo do homem e da mulher	Abordagem das diferenças existentes entre o corpo de homens e mulheres.	5
Concepção, Gravidez e Parto	Exploração de assuntos ligados à concepção, gravidez e parto.	5 e 8
Contraceção e Doenças sexualmente transmissíveis	Levantamento de temas que abordam métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis.	1, 5 e 6

3.3.2 Discussão dos Resultados

Considerando os dados obtidos e a revisão da literatura discutiremos as categorias e subcategorias do quadro 4.

Quanto à categoria – **Sexo, Sexualidade e Relação Sexual** – a partir da proposição dos PENTAS 1, 7, 9 e 11, foi possível perceber que os jovens e adultos com deficiência intelectual participantes dos grupos focais têm dúvidas e falta de informação acerca dos temas abordados.

O PENTA 7 aborda assuntos ligados ao ciclo menstrual. Foi possível constatar que a maioria dos participantes, principalmente do sexo masculino, não tinha informações sobre o tema, inclusive alguns indicando, a princípio, que o assunto seria para as mulheres. A abordagem buscou desconstruir tal ideia, a partir da busca pelo entendimento de que homens e mulheres convivem e que precisam se conhecer para entenderem um ao outro. Alguns participantes relataram conhecer e identificar casos de TPM.

O tema trouxe muitas dúvidas, alguns alunos nunca tinham visto um absorvente externo e a princípio se mantiveram distantes dos objetos levados pela pesquisadora. Um dado que chamou atenção foi o fato de todos os participantes, homens e mulheres, nunca terem visto um absorvente interno, fato que causou muita curiosidade. Foi possível perceber que a temática foi

absolutamente nova para alguns, inclusive com perguntas sobre se era possível o homem menstruar, como podemos perceber nas seguintes falas:

“Homem não tem que saber de menstruação” – (aluna mulher 2)

“Tem que saber para ajudar” – (alunos homens 9, 11 e 12)

“A mulher precisa dizer ao companheiro que está menstruada, ele tem que saber para não achar que ela é uma chata, ele conhece, ele sabe o que está acontecendo” – (aluno homem 12)

“Não quero nem falar disso.” (Aluno homem 8)

“É sangue, né?” – (aluno homem 9)

“Homem também?” (aluno homem 8)

“Como é? Como abre? Para quê essa cordinha?” – (aluna mulher 2)

Assim, este estudo evidenciou que nem todos os sujeitos, jovens e adultos com deficiência intelectual, conhecem o termo menstruação ou mesmo sabem do que se trata. Entre os que conhecem e têm algum entendimento sobre menstruação, mulheres em maioria expressiva, não relacionam a menstruação a uma função do corpo.

A subcategoria - **Conceito de Sexualidade** – foi encontrada na fala da pesquisadora. Ficou evidente na participação dos jovens e adultos com deficiência intelectual que não havia distinção entre os conceitos de sexo, sexualidade e relação sexual.

Nesse entendimento buscou-se definir os conceitos a partir das ideias de que: Sexualidade tem a ver com corpo, não é sinônimo de relação sexual, é mais ampla, pois permite a experimentação de sensações, toque, carinho, olhar, conquista, etc. Como quando damos um abraço, falamos “pode contar comigo”, é o que a gente sente, corpo e mente. Se traduz ainda em um cheiro gostoso, seja de um bolo no forno ou de um perfume; é tudo que nos dá prazer.

Já sexo existe o masculino e o feminino. Muitos dos jovens e adultos com deficiência intelectual não souberam usar corretamente os termos masculino e feminino, com mais apropriação dos termos homem e mulher.

E a relação sexual ligada à sexualidade genital.

Maia (2010) traz considerações sobre os conceitos sexo e sexualidade. Para a autora, sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para reprodução. Propõe reflexão sobre seu significado no mundo moderno, quando o termo passa a ser compreendido como fazer sexo, referindo-se as relações físicas para o prazer sexual. No senso comum sexo é “relação sexual”,

“orgasmo”, “órgãos genitais”, “pênis”. E a sexualidade é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo, pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo, indicando o conceito de sexo restrito à genitália. Destaque às falas:

“O cara usa camisinha e a mulher toma remédio, se transar a camisinha entra no canal vaginal”. (aluna mulher 3) e continua “na relação sexual a mulher pode sentir prazer”.

“Negócio de amor e sexo”. (aluno homem 10)

Partindo do pressuposto vislumbrado em Justo (1998), sexualidade inclui todos os aspectos da vida humana, que se relacionam com a importância do ser humano indivisível. A sexualidade inclui a área central das relações humanas, carinho, sensualidade, erotismo, todos os fenômenos que influenciam a vida humana. Inclui ainda a sexualidade genital. Quanto ao sexo, para a autora, a consciência da personalidade inclui a consciência do próprio sexo, sendo importante os sujeitos se sentirem como homens e mulheres, podendo expressar suas características típicas, sua sexualidade.

Leme e Cruz (2008) definem sexualidade como um complexo formado por componentes biológicos, psicoafetivos e sociais. Para as autoras, educação sexual são todas as atitudes e informações obtidas na área da sexualidade durante a vida do sujeito, seja em casa, na escola, em outros ambientes sociais ou nos meios de comunicação. Sendo este um processo mais amplo que a orientação sexual, uma vez que este consiste na organização e na expressão das “informações recebidas, exteriorizando-se pela maneira como a pessoa revela sua condição de ser homem ou mulher pelos gestos, vestes, maneira de andar, falar, etc.” (LEME e CRUZ, 2008, p. 32).

Segundo Maia e Marques (2013) a educação sexual está presente no cotidiano, de maneira não intencional, seja na mídia, no comentário e comportamento do outro, estabelecendo seus limites quanto às regras sociais. Mas há uma educação sexual intencional, que se estabelece em uma proposta planejada de maneira sistemática e se propõe a tratar assuntos ligados à sexualidade. A autora defende que esse papel intencional de formação e informação sobre a sexualidade é papel da família e das escolas.

Ficou evidente na participação dos jovens e adultos com deficiência intelectual que há uma grande lacuna e desconhecimento sobre o conceito de sexualidade. Não sabem definir e explicar assuntos referentes ao conceito, até mesmo fatores orgânicos não foram levantados de maneira assertiva. A revisão da literatura acerca do tema já apontava esta possibilidade. A sexualidade, como fato que constitui a todos os indivíduos, não deve ser negligenciada, ainda que consideremos toda construção social e cultural implicada no conceito. Neste aspecto podemos considerar que,

A sexualidade é parte integrante, constitucional e formativa de todo ser humano. Assim, somos obrigados – a não ser que adotemos abertamente a atitude de que pessoas com deficiência mental são qualitativamente diferentes dos outros seres humanos – a aceitar que elas têm os mesmos desejos e o mesmo direito de vivenciar plenamente sua sexualidade como todos nós. E mais ainda, a entender que a repressão sexual, no deficiente mental como em qualquer outra pessoa, é um dos maiores fatores de desajuste psicológico, social e até mesmo físico. (GLAT, 1992, p.72)

Na subcategoria - **Conhecimento sobre sexualidade, sexo e relação sexual** – Foi possível observar durante a proposição do PENTA 1, que a maioria dos participantes diz conhecer ou já ter ouvido falar sobre o preservativo masculino (camisinha), e desconhecimento sobre a feminina, apenas uma aluna já ouviu de uma médica no posto de saúde.

O PENTA 9, permite considerarmos que tais conhecimentos precisam fazer parte da vida dos jovens e adultos com deficiência intelectual, abordado curricularmente na escola e espaços terapêuticos, e mais ainda, nas famílias. A seguir, algumas falas que evidenciam o exposto acima:

“Falo com meu pai, ele falou sobre o corpo, falou mais depois que comecei a namorar”. (Aluno homem 11)

“Só falei com a psicóloga, minha mãe um dia quis falar alguma coisa de fazer amor, ela me perguntou e eu falei não sei o que é isso”. (Aluna mulher 2)

Pesquisadora: E se ela perguntasse hoje?

“Eu ia responder sim ou não”. (Aluna mulher 2)

“Eu não converso em casa, na escola está dando para conversar agora, só falei com a psicóloga, nunca tinha falado na escola sobre sexualidade”. (aluna mulher 2)

O PENTA 5, traz considerações sobre como os jovens e adultos com deficiência intelectual abordam o tema relação sexual. Como nas falas a seguir:

Pesquisadora: Ok, mas em algum momento o corpo do homem e da mulher se encontram?"

Todos: "Sim!"

"Ato sexual, amor, fazer amor, prazer". (Aluno homem 11)

Pesquisadora: Vocês sabem o que é ejaculação?"

"ihhhh!" (Aluna mulher)

"Isso é bobagem". (Aluno homem 9)

Justo (1998) afirma ser a sexualidade um bem que deve ser administrado por seu proprietário e que, administrar significa cuidar, ser responsável, explorar com atenção as possibilidades daquilo que se possui. Neste entendimento, é primordial que informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade sejam dadas as pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual, no intuito de ampliar a consciência sobre os cuidados que cada um deve ter com seu corpo, de uma maneira integral.

O PENTA 11 traz discussão sobre uma situação problema ligada à masturbação. Os participantes, de maneira geral, deram contribuições pertinentes sobre o tema, apesar da inabilidade no uso de alguns termos verificada em todos os grupos focais (masturbação, vagina, pênis, espermatozóide, óvulo, ejaculação, etc). Ao pronunciar estes termos foi possível perceber desconhecimento, desconforto ou ainda, ataques de riso diante de um assunto tratado como tabu, por parte dos jovens e adultos com deficiência intelectual.

É preciso destacar que esta foi nossa última situação-problema trabalhada e que já havia uma maior confiança dos participantes em relação ao grupo e, ainda, puderam ampliar, construir e desconstruir conceitos durante os PENTAS realizados anteriormente. Contudo, podemos observar nas falas destacadas abaixo que para muitos ainda é muito difícil trazer considerações sobre este tema.

"Não posso falar isso não, tenho vergonha". (aluno homem 15)

“O problema é a sexualidade, quando não tem um companheiro, mas quer um companheiro, sexo é uma coisa muito complicada, por exemplo, você está em casa e diz estou com vontade, quero fazer sexo, fica na ansiedade”. (aluna mulher 3)

“Meu padrasto falou que não pode fazer na frente de ninguém”. (aluno homem 14)

“Isso é errado!”. (aluno homem 15)

Pesquisadora: O que? Se tocar?

“É”. (aluno homem 15)

De acordo com Leme e Cruz (2008) a palavra masturbação tem uma conotação negativa, cercada de pré-conceitos como: aumento de pêlos na mão, de que é pecado, que causa debilidade, aumenta a acne, etc. Para as autoras com a puberdade o “aumento dos hormônios sexuais é acompanhado pelos impulsos e estímulos sexuais. Nessas circunstâncias a masturbação é uma consequência natural do desejo” (LEME e CRUZ, 2008, p. 33).

Parece comum verificarmos uma maior apreensão por parte da escola e das famílias de jovens e adultos com deficiência intelectual acerca deste tema, “por não receberem prazeres de outras atividades, recorrem à masturbação para aliviar a tensão” (LEME e CRUZ, 2008, p. 33). Neste entendimento, é muito importante que família e escola estejam atentas diante de um jovem ou adulto com deficiência intelectual que recorre inapropriadamente, seja em público ou recorrentemente, à masturbação. Isto pode indicar “poucas oportunidades de socialização e de obtenção de prazer” (LEME e CRUZ, 2008, p. 33). E ainda, a falta de espaço com privacidade, como se a manifestação do desejo sexual fosse inexistente e proibida.

Precisa-se compreender que isto é consequência do fato de que outras poucas atividades das quais ele se ocupa não trazem parte do prazer que a masturbação o faz. Assim, repito, se o excepcional¹⁴ passa tempo demasiado se masturbando, isto não é porque ele tenha necessidades sexuais exageradas, mas sim porque não têm disponível outras fontes de prazer e de alegria. (LIPP, 1986, p. 15)

Portanto, a orientação para as pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual sobre a masturbação deve considerar a preservação da intimidade, da privacidade, o cuidado com o corpo e explicação sobre o que é permitido

¹⁴ Termo utilizado à época do estudo. Hoje utiliza-se pessoa com deficiência intelectual.

em local público e o que é permitido em local privado. Segundo Cunha¹⁵ (1981, p. 24, apud SILVA e MAIA, 2013, p. 679) “[...] a masturbação é um fenômeno comum entre machos e fêmeas de qualquer idade”.

Nesse sentido, a revisão da literatura estudada sugere a necessidade de uma educação sexual para todos, incluindo pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual, sem repressão. Para Silva e Maia (2013), o importante é mostrar que o problema está no local onde se manifesta a manipulação dos órgãos sexuais, que pode não ser apropriado para isto, e não o fato de ocorrer o autoerotismo.

As autoras supracitadas identificaram neste mesmo estudo, que diante da manifestação autoerótica em sala de aula, os professores agem segundo suas concepções pessoais e não baseados em teorias, destacando que este fato evidencia o despreparo e carência de formação acadêmica e informação científica para lidar de maneira pedagógica com educação sexual na escola. Nenhuma das professoras participantes da pesquisa abordou o tema durante a entrevista inicial.

Comumente a escola opta por discutir a sexualidade exclusivamente a partir de temas que consideram a genitália, enfatizando aspectos da sexualidade humana como: DST's, corpo, diferenças sexuais, métodos anticoncepcionais, aparelho reprodutor feminino e masculino, com exploração dos aspectos biológicos e preventivos. Esta pesquisa, evidentemente sem desprezar qualquer dos aspectos levantados acima, pretendeu extrapolar os aspectos biológicos da sexualidade, trazendo reflexão sobre seu contexto social e cultural.

A subcategoria - **Identificação do papel da família e diálogo** - foi amplamente abordada em diversas situações problema. O PENTA 1 demonstrou que poucos conversam com as famílias e a maioria relata que camisinha é um assunto proibido em casa. Segue alguns relatos:

“Eu converso com as paredes, meu pai não dá pra falar isso, ele mais fica fora de casa do que dentro, com minha mãe não dá, então converso com as paredes”. (aluno homem 12)

“Tem que ser depois do casamento ou pode ser antes?” (aluna mulher 2)

¹⁵ CUNHA, P. F. L. A longa história da repressão sexual. In: Psicologia em curso. Brasília, v.2, n. 8, p. 19-26, 1981. Apud SILVA e MAIA, 2013, p. 679.

O PENTA 8, sobre gravidez, também trouxe à tona a dificuldade que os participantes têm em relação ao diálogo com a família na busca por ajuda para diluir uma quantidade enorme de dúvidas. É preciso destacar que algumas orientações específicas precisam ser dadas pela família. Em todos os momentos que surgiram dúvidas nas quais seria imprescindível o olhar da família, o participante foi estimulado a buscar o diálogo, o encontro com algum integrante da família, inclusive com relato da pesquisadora de que todas as famílias haviam consentido na participação dos sujeitos ali presentes e que estavam contentes em saber que trataríamos assuntos ligados à sexualidade, por entenderem como algo importante para suas vidas. Com destaque às falas:

“Eu fico com vontade de ter mais intimidade com meu namorado”. (aluna mulher 2)

“Relação sexual é ruim?” (aluna mulher 2) e continua “Como é quando dá vontade?”

Leme e Cruz (2008) identificaram em pesquisa com responsáveis de jovens com deficiência intelectual, que os mesmos consideram importante fornecer educação sexual a seus filhos, que precisam de ajuda para esta tarefa, mas nem todos confiam esta responsabilidade à escola, temendo interferências quanto a valores familiares e religiosos. Este dado foi considerado nesta pesquisa, a partir do entendimento de que a todo o momento foi feita referência às famílias, principalmente diante de dúvidas que colocavam em questão os valores que podem ser eleitos pelas famílias diante do tema.

Este dado aumenta a responsabilidade das escolas na proposição do tema sexualidade e pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual, sendo imprescindível a formação e informação adequada por parte dos professores, para inclusive criar junto às famílias um clima colaborativo, de confiança, motivação e interação, satisfatório para todos os envolvidos.

O PENTA 9 traz um problema relacionado as alterações que acontecem no corpo da puberdade a fase adulta, também há destaque ao papel da família, com uma fala que destaca o papel da escola e da terapeuta durante período de transição para vida adulta e vida adulta em si. Como podemos ver a seguir:

“O problema é que nem todo mundo conversa sobre isso em casa”. (Aluno homem 13)

“Eu não converso em casa, na escola está dando para conversar agora, só falei com a psicóloga, nunca tinha falado na escola sobre sexualidade”. (Aluna mulher 2)

No PENTA 6 encontramos o seguinte relato:

“Eu queria ir ao médico para tomar remédio, mas a minha mãe acha que é muito cedo, ela tem medo de eu pegar uma doença”. (aluna mulher 3)

A integração família-escola, nos assuntos relacionados à sexualidade, fundamentalmente se estabelece a partir do diálogo, no intuito de se estabelecer referenciais necessários a serem trabalhados em ambos os espaços, como parte do processo de formação e orientação às pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual. As falas dos sujeitos jovens e adultos com deficiência intelectual demonstram que o diálogo em casa tem sido pouco, ou nenhum. Não há escuta no que diz respeito às necessidades e desejos relacionados à vida como um todo, incluindo a sexualidade.

Leme e Cruz (2008) destacam que a pessoa com deficiência tem o direito de exercer sua cidadania de maneira integral. Quando a escola se propõe a estreitar os laços com as famílias, tem a oportunidade de conhecer a percepção dos mesmos quanto à sexualidade dos filhos e a partir daí desenvolver ações que suscitem o debate, minimizando resistências existentes, seja por receio cultural, falta de informação ou por inibição para tratar o assunto.

Em pesquisa com responsáveis de pessoas com deficiência intelectual, realizada pelas autoras citadas acima, ao conceituar sexualidade a maioria relacionou-a a questão genital e sexual e, “72% dos pais concordam que a sexualidade existe, porém deve ser vivida com limites” (LEME e CRUZ, 2008, p. 32).

Esta pesquisa com responsáveis traz outros dados que merecem destaque, em relação a atitudes de caráter sexual, presenciadas pelos pais, houve referência ao “só falam em namoro” (LEME e CRUZ, 2008, p. 33), considerando os dados obtidos pelas autoras que 50% dos responsáveis ignoram atitudes mais expressivas. Entre as atitudes de caráter sexual ou não, as autoras selecionaram: beijo na boca, abraço, mãos dadas, sonhos eróticos, masturbação, ereção, ejaculação, fantasias sexuais com artistas, leituras de

revistas pornográficas, assistir filmes pornográficos e conversas sobre temas sexuais.

Oliveira e Maio (2011) trazem considerações acerca do mito perpetuado de que pessoas com deficiência intelectual são assexuadas e de que não são capazes de expressar sua afetividade e manter relacionamentos afetivos. Destaca a autora que este entendimento contribui com a ideia de que a pessoa com deficiência intelectual é uma eterna criança. Em relação ao mito que considera essas pessoas hiperssexuadas, as autoras avaliam que nenhum tipo de ensino voltado à sexualidade é disponibilizado para que possam se comportar adequadamente em público. Assim, se não houver uma educação em relação à sexualidade, comportamentos no meio social sempre serão entendidos como inadequados.

Durante os anos em que tenho tido oportunidade de trabalhar com jovens e adultos com deficiência intelectual, alguns relatos de responsáveis corroboram com o estudo acima. Ocasões em que famílias expõem verbalmente a negação dos desejos e manifestações sexuais do filho(a) adulto(a), inclusive sempre utilizando o termo “crianças” a fazerem referência ao filho(a) e colegas da escola; relato de uma mãe que diante da ereção do filho, pegou uma garrafa de água gelada na geladeira e derramou sobre o pênis do mesmo, dizendo que não sabia o que fazer; relatos de famílias que ‘resolveram’ as questões da ‘sexualidade’ instalando aparelho de DVD no quarto do filho e providenciando filmes pornôis; entre outros.

Pinheiro (2004) percebe que as famílias tendem, até mesmo na esfera da fantasia, a conceber o filho como uma eterna criança, sem padrões de crítica e valores que caracterizam um adulto, entendendo as manifestações da sexualidade como inconcebíveis, incontroláveis e catastróficas. Assim, diante da literatura estudada, defende-se a concepção de que nem angelical, nem selvagem, a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual tem direito a ser compreendida considerando sua faixa etária e todas as implicações que a vida adulta traz, uma vez que qualitativamente sua sexualidade não se diferencia de quaisquer pessoas.

A família é um grupo com seus próprios valores, o primeiro grupo social ao qual pertencemos, que em conjunto com o ambiente sociocultural, permite-nos construir uma identidade pessoal e social. O tema sexualidade e pessoa

jovem e adulta com deficiência intelectual envolve uma amplitude de fatores, entre estes, a manifestação de desejos, relações que envolvem afeto, relações interpessoais, libido, genitalidade (produção do prazer incluindo os genitais ou órgãos genitais), vínculos afetivos, etc. Estes múltiplos fatores se expressarão, de acordo com Maia e Ribeiro (2010) nas influências culturais, sociais e familiares, por meio de ideologias e crenças morais, religiosas, entre outras. Um implicado complexo, nada simples de se explicar e viver, portanto.

Leme e Cruz (2008) indagaram os responsáveis sobre como se sentiam e agiam diante de perguntas feitas pelos filhos sobre sexualidade, quando a maioria afirma precisar de ajuda. “São os pais, muitas vezes, quem propicia ou não um ambiente favorável às intimidades, possibilitando uma adequada orientação sexual para esses jovens” (LEME e CRUZ, 2008, p. 35).

Estes dados corroboram com os levantados neste estudo, uma vez que a grande maioria dos jovens e adultos com deficiência intelectual revela a extrema dificuldade de conversar com os responsáveis sobre temas ligados à sexualidade. Muitos deixam claro que tais assuntos são proibidos ou negligenciados, acarretando desinformação, informação inconsistente ou fantasiosa, curiosidades, muitas dúvidas, medos e angústias.

Em sua pesquisa, Pinheiro (2004) constatou que os pais encaram a sexualidade de seus filhos como mais um problema, e um grande grupo lhes sonegam informações tentando evitar estímulo a sexualidade ou que o fato de trazerem informações caracterizaria autorização para manterem relação sexual.

Este estudo considera que é papel da família propor momentos de discussão de temas relacionados à sexualidade. Abordar aspectos biopsicossociais da sexualidade, no intuito de proteção “contra a discriminação e, contribuindo para a maturação emocional e uma construção de identidade sexual dos jovens” (LEME e CRUZ, 2008, p. 36).

Na categoria - **Segurança Pessoal** – explicitada a partir de situação-problema no PENTA 2, fica evidente que a maioria dos participantes entendem que podem passar por riscos quanto sua segurança pessoal. Apenas um dos participantes, conforme fala destacada abaixo, se mostrou confuso em relação a aceitar ir com um estranho a um lugar desconhecido.

“Eu vou”. (aluno homem 8)

Em relação ao medo de pegar uma doença sexualmente transmissível, no PENTA 6, há relato de uma participante:

“Eu queria ir ao médico para tomar remédio, mas a minha mãe acha que é muito cedo, ela tem medo de eu pegar uma doença”. (aluna mulher 3)

Pesquisadora: Alguém sabe o que é doença sexualmente transmissível? (apenas aluna mulher 3 disse saber). Tem risco de pegar doença sexualmente transmissível se usar camisinha?

“Se a camisinha arrebentar sim”. (aluna mulher 3)

A subcategoria – **Autodefensoria** – foi notada a partir de relatos que evidenciam como os participantes vêm se impondo no mundo e como tomam decisões. Foi explicitada durante situação problema do PENTA 2, como podemos ver a seguir.

“Então se não conhece a pessoa, não pode aceitar o presente”. (aluna mulher 6)

“A decisão é não ir nunca com o estranho”. (aluno homem 9)

“Ficar esperto, se afastar, sair correndo, pegar táxi, pedir ajuda (alunos homem 9, 11 e 12 e alunas mulheres 2 e 5, respectivamente).

“Também podemos chamar a polícia, ir lá na cabine”. (aluna mulher 2)

“Boa noite cinderela é quando um estranho coloca remédio na bebida que faz a pessoa dormir, para roubar, fazer maldade”. (Aluno homem 9)

Aluna mulher 2 faz relato sobre o tema – “Um estranho me chamou quando eu estava voltando da capoeira, me chamou para ir ao bar, me dizendo que ia pagar uma comida, eu falei não e o outro cara me ofereceu uma bebida, eu senti medo e atravessei a rua. Minha mãe não estava perto de mim, eu estava voltando sozinha”.

De acordo com documento do Projeto Sinergia (BRASIL, 2009), a autodefensoria é um termo que abriga o conceito do envolvimento da própria pessoa com deficiência intelectual na defesa de seus direitos e na expressão de suas necessidades e no direito de participação da própria pessoa, fazendo valer a sua opinião nas decisões que lhe dizem respeito e que, na maioria das vezes, poderão determinar a sua cidadania.

A escola lócus da pesquisa possui em sua diretriz curricular o Programa de Autogerenciamento que visa o desenvolvimento do senso de autonomia,

autogerenciamento e autodefensoria para o processo de transição para vida adulta, desenvolvido por meio de projetos.

Nessa proposta curricular, os objetivos traçados visam: Estimular a autoavaliação em uma situação problema; Desenvolver a capacidade de tomada de decisão e escolhas; Falar por si próprio: momentos em que o aluno expressa seus desejos, opiniões e necessidades; Refletir sobre a importância de se auto defender; Conhecer seus direitos e responsabilidades; Trabalhar identidade pessoal; Diferenciar o eu e o outro; Ser capaz de explicar sobre suas dificuldades; Aprender a pedir ajuda; Aprender a negociar; Reconhecer seus pontos fortes e fracos; Gerenciar a rotina diária; Elencar objetivos futuros possíveis e positivos; Adquirir/Melhorar o conhecimento sobre habilidades de segurança e autoproteção; Refletir sobre o tripé: saúde física, mental e sexual e Promover Fóruns de alunos.

Os relatos dos jovens e adultos com deficiência intelectual estão de acordo com os objetivos pedagógicos traçados na proposta de Autogerenciamento, vivenciados pelos sujeitos, desde o ano de 2015.

A subcategoria - **Assédio Sexual** – surge na fala de um participante ao ouvir relato de assédio sexual feito por um colega.

“Eu vi um estranho alisando a perna da moça no ônibus”. (aluno homem 8)

“Isso é assédio sexual”. (aluno homem 9)

Os demais não se pronunciaram sobre o termo. Não ficou evidenciado se têm o domínio de seu significado.

A subcategoria - **Abuso sexual** – surge em diferentes relatos. Fica evidente a dúvida dos participantes sobre abuso sexual cometido contra homens, por terem a ideia de que apenas mulheres são abusadas sexualmente. A maioria dos participantes demonstrou ter algum conhecimento sobre o tema, inclusive identificando a situação de vulnerabilidade de outros alunos da Instituição de Ensino. Segue relatos destacados:

“A pessoa pode abusar de você”. (aluna mulher 2)

Pesquisadora: Uma pergunta, vocês acham que em uma situação como a do problema, vocês correriam algum risco sexual?

Todos: “Sim”.

Aluno homem 9 – “Estupro”.

Pesquisadora: Vocês acham que todos os alunos aqui da escola de vocês saberiam se defender e proteger de uma tentativa de estupro?

Todos: “Não”.

Aluno homem 12 – “Uns 20%. Muitos nunca ouviram falar, as pessoas vão conseguir enganar”

Aluna mulher 1 – “Não iam saber falar”.

Pesquisadora: É preciso ficar muito atento, pois pessoas com má intenção podem querer usar o corpo de uma pessoa indefesa, homem ou mulher, para ato sexual sem consentimento, que é estupro.

Aluna mulher 2 – “Até do homem? Por quê?”

A revisão da literatura nos mostra que a inexistência de uma educação sexual contribui gravemente com a violência (inicial ou perpetuada) a que muitas pessoas com deficiência, principalmente intelectual, podem ser submetidas.

Para Kaufman, Silverberg e Odette¹⁶ (2003, apud MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 165), as pessoas com deficiência são mais facilmente vítimas de violência sexual do que aquelas que não vivem com deficiências. O poder abusivo de cuidadores, a falta de punição para os agressores e o silêncio nas instituições, são situações que podem aumentar ou agravar a ocorrência de estupro ou de outras formas de violência.

Maia e Marques (2013) destacam que pessoas com deficiência intelectual têm se permitido relações amorosas e sexuais. Necessitando assim de maiores esclarecimentos e informações sobre sexualidade. São mais vulneráveis as situações de violência e saúde sexual, sendo de fato relevante a reflexão sobre comportamentos sexuais adequados, discutindo sobre gênero e diversidade, prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual.

Na categoria - **Namoro, afeto e relações interpessoais** - é possível considerar que a maioria sabe o que é namoro, porém alguns entendem o namoro como algo à distância ou mesmo algo que não depende da aprovação ou conhecimento do outro. Há relatos de que nunca se sentiram amados.

No PENTA 9 o aluno homem 8 traz a seguinte consideração:

¹⁶ KAUFMAN, Míriam; SILVERBERG, Cory; ODETTE, Fran. The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness. 2. ed. Califórnia/ USA, Cleis Press, 2003. Apud MAIA e RIBEIRO, 2010.

“Eu tenho namorada, mas é o X (referindo-se ao colega) que sabe”. O colega se pronuncia dizendo que “a menina não sabe, o namoro é por uma rede social”.

Uma fala no PENTA 8 traz relato sobre a intimidade nas relações de afeto que envolvem o namoro.

“Eu fico com vontade de ter mais intimidade com meu namorado”. (aluna mulher 2)

Ficou evidente, em relação ao namoro, a preocupação de alguns quanto a questões ligadas à fidelidade do casal, casamento e ciúmes. Destaca-se que,

Sexualidade, portanto, é social e cultural, aprende-se em diferentes culturas o sentido do prazer, do desejo, do erotismo humano e damos significados diferentes para o que se define como amor, fidelidade, casamento, paquera, etc. [...] a partir da cultura e da educação há uma construção sobre a escolha de nossos objetos amorosos. (MAIA e RIBEIRO, 2010, p.170)

Destacamos os relatos:

“O problema são as brigas, o ciúme”. (aluno homem 10) e continua “é ruim, porque se ela tinha um namorado, antes de trocar de namorado tem que conversar”.

“Não pode namorar duas ao mesmo tempo? Não, não dá”. (aluna mulher 3)

“Mas para casar tem que ter o material para fazer a casa, ter trabalho, ter como sustentar a família”. (aluno homem 10)

“Eu já tive uma namorada muito ciumenta, pegava no meu pé e aí não deu certo, terminei”. (aluno homem 13)

“No namoro eu fiquei com ciúmes, reclamei, ficamos um tempo separados, eu não tive outro namorado, voltamos”. (aluna mulher 4)

“Ah, isso é fura olho”. (aluno homem 10)

“Tem que primeiro separar para poder ficar com a outra”. (aluno homem 11)

“Eu ia perguntar para meu namorado: quer ficar com quem? Vai ficar comigo ou com ela. Daí eu ia tocar minha vida”. (aluna mulher 2)

Entre os jovens e adultos com deficiência intelectual sujeitos da pesquisa, foi possível perceber que é mais comum que as relações de amizade e namoro estejam restritas aos colegas da escola. As experiências de namoro geralmente se efetivam entre pessoas da escola pesquisada, limitadas a pouco

contato físico, considerando o ambiente escolar, passeios com supervisão dos pais, a pouca intimidade e sem relações sexuais. Também foi possível observar relatos de namoros que acontecem de maneira virtual, com uso de telefone e redes sociais, em alguns relatos parecendo ser um namoro unilateral.

É possível perceber tanto nas falas dos alunos, quanto na dinâmica do dia a dia da instituição lócus da pesquisa, dados que expõem dificuldades de uso assertivo das redes sociais, considerando comportamentos inadequados e exposição do corpo. Durante aplicação da pesquisa uma professora envolvida (professora 1) solicitou exploração do tema.

Na subcategoria - **Família e namoro** – foi identificada na fala dos participantes muitas questões ligadas à família. Alguns relatam diálogo em casa, mas a maioria afirma que não há diálogo ou que é algo muito difícil.

“Se eu falar de namorada minha mãe fala, é a vassoura” (aluno homem 14)

“Eu não falei para minha família, eles não deixam”. (aluna mulher 4)

Pesquisadora: A família não quer, é preciso tentar conversar, buscar saber, tentar conversar sobre os defeitos que a família vê no namorado. “Ah, ele é muito agitado”. (aluna mulher 4)

“O tempo pode ajudar, namorar escondido não é uma boa solução”. (aluno homem 13)

“Tentar conversar com a mãe e o pai ou outra pessoa da família”. (aluno homem 13)

“Conversei e foi difícil”. (aluno homem 15)

Eu falei com minha mãe que ia namorar com ele, eu falei porque eu não tenho que me esconder. A gente namora pelo telefone, ele nunca foi a minha casa, nem eu na dele, ele me convidou para a casa de praia e eu falei, mãe eu vou dormir do lado dele”. (aluna mulher 3)

“Não pode dormir junto do namorado, a mãe não deixa”. (aluno homem 15)

“Eu já tenho 29 anos”. (aluna mulher 3).

“A X passou por isso (se referindo a uma colega presente), a família não permitiu o namoro, proibiu, foi muito ruim, né X”. (aluno homem 10)

“Eu sofri muito, até fugi, foi muito difícil”. (aluna mulher 4)

“É difícil conversar em casa, às vezes quero falar uma coisa que minha avó não quer ouvir”. (aluna mulher 4)

A revisão da literatura destaca a percepção dos responsáveis sobre namoro. Pesquisa de Leme e Cruz (2008) indica que o apoio ao namoro com limites é sempre o dado mais expressivo; há ainda menção de apoio ao namoro com liberdade e parcela significativa que não permitiria o namoro. Esses dados também se estendem a considerações acerca do casamento,

muito poucas famílias relatam permitir com liberdade, mais da metade da população estudada diz autorizar com supervisão e há ainda os que não permitiriam. É preciso relatar que “nenhum responsável permitiria a procriação de forma livre” (LEME e CRUZ, 2008, p. 34).

Os medos apresentados pelas famílias pesquisadas, também se revelam nas escutas diárias ao longo destes anos trabalhando junto ao público jovem e adulto com deficiência intelectual. Referem-se a questões emocionais, afetivas e financeiras, de responsabilidade, independência, autonomia e autogerenciamento. Há um temor grande das famílias relacionada à procriação e futura criação de uma criança, aumentada pelo medo de nascer com alguma deficiência.

Glat (1992) destaca que as atitudes e comportamentos apresentados por jovens e adultos com deficiência intelectual leve e moderada são perfeitamente normais e saudáveis, no que se refere ao desejo de casar, ter filhos, ter consciência da necessidade de auto-suficiência, estão em acordo com as expectativas de qualquer jovem/adulto, “rechaçando os famosos mitos a respeito da sexualidade dos deficientes” (GLAT, 1992, p.70).

Afirma ainda que:

Outro ponto que precisa ser enfatizado é que como todos os seres humanos, pessoas portadoras de deficiência mental¹⁷ são capazes de manter relacionamentos afetivos e esses relacionamentos são de importância fundamental para suas vidas. Não podemos esquecer que amar e ser amado é um desejo e um direito de todos, independente do nível intelectual de cada um. (GLAT, 1992, p.71)

Na subcategoria - **Namoro e Gravidez** – a fala de algumas participantes expõe relatos de preocupação das famílias sobre gravidez quando há namoro.

“Minha avó tem medo de eu ficar grávida, igual minha mãe”.

Pesquisadora: Mas ela tem razão em ter medo?

“Tem”. (aluna mulher 4)

“Minha mãe já teve muito medo de eu ficar grávida, conversamos muito”. (aluna mulher 3)

¹⁷ Pessoa portadora de deficiência mental era o termo utilizado à época, atualmente utilizamos pessoa com deficiência intelectual.

Pinheiro (2004) avalia que a gravidez é uma preocupação dos pais, uma vez que consideram seus filhos incapazes de cuidar dos futuros filhos, destacando que seus estudos revelam um número expressivo de pais favoráveis à esterilização.

Os apontamentos de Maia e Ribeiro (2010) discorrem que no caso de pessoas com deficiência intelectual, a decisão de ter ou não filhos é mais difícil, é uma decisão que envolve os pais ou responsáveis. Na dinamização das situações-problemas que envolveram gravidez não houve referência de nenhum dos participantes ao incentivo das famílias à autonomia e responsabilidade para exercício de uma vida sexual, considerando prevenção a uma gravidez não programada.

Entre os jovens e adultos com deficiência intelectual desta pesquisa há os que não demonstraram saber como se engravida, principalmente do sexo masculino. Com afirmações fantasiosas, descontextualizadas ou incipientes, indicando que o que até agora lhes foi ensinado está muito aquém de suas necessidades.

A subcategoria - **Sentimentos envolvidos** – se expressa durante situações-problemas que envolvem namoro. Conforme relatos abaixo:

“la ser muito triste passar por isso” e continua relatando situação vivida com o namorado quando ele retirou a aliança de compromisso e deu para outra garota, “Ele não agiu como homem, ele foi moleque, não foi o homem que eu amava”. (aluna mulher 3)

“Eu ia ficar tranquilo, se ela não quisesse mais”. (aluno homem 9)

“Eu acho que pode dar briga”. (aluno homem 11)

A subcategoria - **Freio social** – ficou evidenciada na fala de alguns participantes durante situação-problema apresentada no PENTA 4. Entendemos como freio social o olhar do outro objetivando reprimir uma atitude questionável, levando-os a pensar sobre seus direitos, o direito dos outros e atitudes que são aceitáveis em locais públicos e outras aceitáveis em locais privados. Uma participante questiona a proposição do tema.

“Por que a gente tem que saber disso?” (aluna mulher 2)

Pesquisadora: Vocês vão à praia?

“Vamos”. (Todos)

Pesquisadora: Então saber disso é importante para quando vocês estiverem com o (a) namorado (a) na praia, para aqueles momentos em que o namoro esquenta, para saber que as pessoas ao redor podem se aborrecer com o comportamento de um casal trocando intimidades em público, o que você acha?

“Ah, entendi agora”. (aluna mulher 2)

E seguem as considerações sobre comportamento em local público/privado.

“Na praia é proibido.” (aluno homem 13)

“Beijar e abraçar muito na praia não é bom, porque pode rolar mais alguma coisa.” (aluno homem 10)

Pesquisadora: O que o casal tem que fazer nessa situação quando parece que vai rolar mais alguma coisa?”

“Procurar um motel.” (aluno homem 10)

“Porque todo mundo vai olhar o casal fazendo as coisas”. (aluna mulher 2)

“Esfriar a coisa” e continua “O melhor é a coisa esfriar, a praia não é lugar”. (aluna mulher 2)

“No cinema também não pode” e continua “tem câmera e várias pessoas”, (aluno homem 10)

Maia e Ribeiro (2010) analisam que é a partir de regras nem sempre bem explicadas e esclarecidas, estabelecidas pelas diferentes culturas e sociedades, que as pessoas aprendem sobre o que seria desejável em relação à maneira com que devem se comportar em público. Este estudo corrobora com a ideia de que a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual deve ser informada sobre comportamentos aceitáveis em locais públicos, e assim conduzirem suas vidas e momentos vividos com autonomia, entendendo e escolhendo seus comportamentos em público.

Identificam as autoras citadas acima, que descumprir tais comportamentos aceitáveis, no que diz respeito às regras em relação à sexualidade humana, é sair da normalidade e, assim, romper com os padrões que *devem*¹⁸ ser obedecidos. Estes padrões se revelam na mídia televisiva, propaganda, novelas, discursos, entre outros. Como são padrões que tentam direcionar comportamentos aceitáveis ou não, trazem explícito ou implícito, diante de normas e repressão, um modelo preestabelecido a ser seguido ou almejado.

¹⁸ Grifo meu.

Podemos perceber que os mitos abrangem os modelos normativos relativos à sexualidade (vida social, afetiva e amorosa que envolve os relacionamentos, a auto-imagem, questões de estética e atratividade, sedução, questões de gênero) e às práticas sociais (desempenho sexual funcional e o sexo considerado saudável). Em todos os casos baseiam-se em modelos normativos que são ideológicos e construídos socialmente e prometem uma felicidade idealizada e exagerada a todos nós, mas que atinge, diretamente, àqueles que vivem com uma deficiência visível e por ela são estigmatizados. (MAIA e RIBEIRO, 2010, p.164)

A análise dos depoimentos, no que se refere à categoria - **Vida adulta e corpo** - revela o (des)conhecimento e dúvidas dos jovens e adultos com deficiência intelectual sobre o corpo.

“Por que... (fica sem jeito) a mulher não tem barba e o homem tem, a mulher não tem cabelo embaixo do braço? Ela tira?” (Aluna mulher 2)

“Vai falar besteira!” (Aluno homem 9)

A subcategoria - **Corpo Humano** – revela que os jovens e adultos participantes do grupo focal puderam citar órgãos do corpo humano, porém, apresentaram grande dificuldade em dizer os nomes dos órgãos genitais masculinos e femininos. A única participante a citar uma função do órgão genital, se referiu à hora do parto, conforme podemos observar abaixo nos relatos em destaque:

Pesquisadora: Vamos pensar sobre as características do corpo do ser humano. Quais partes formam o corpo humano?

Alunos: “cabeça, corpo, nariz, olhos, pernas, quadril, bunda, braço, músculos”

“Vai falar besteira!” (Aluno homem 9)

Pesquisadora: Besteira por quê? Falamos de nariz, olhos e isso é besteira? (alunos: “Não”). Então, por que falar de outras partes do corpo é besteira?

“Mulher tem aquele negócio”. (Aluna mulher 2)

E para quê homens e mulheres têm órgãos sexuais? Vagina e pênis têm funções? (risos de todos) Mas estamos falando de algo muito natural, vagina e pênis são partes do corpo humano.

Para que servem?

Aluna mulher 2 – “parto normal, mas dói”.

Corroborando com as percepções analisadas nesta situação-problema, Pinheiro (2004) avalia o uso correto dos termos ligados ao estudo da sexualidade junto a jovens e adultos com deficiência intelectual, afirma que sobre a discriminação das partes do corpo (vagina, pênis), há grande dificuldade de verbalização apropriada dos termos. Entre os participantes desta pesquisa verificou-se a busca por meios de não usar os termos, como se fosse errado, besteira, palavrão. Foi necessário desconstruirmos esta ideia, fazendo uma reflexão sobre nomes de órgãos que compõem o corpo humano e que, dentre estes, estão os órgãos genitais.

A subcategoria - **Diferenças entre o corpo do homem e da mulher** – também evidencia, a partir da fala dos envolvidos, as dificuldades que apresentam para levantar considerações sobre o tema, ainda que a pesquisadora tenha buscado diferentes argumentos na abordagem.

Pesquisadora: Estamos falando de algo muito natural, vagina e pênis são partes do corpo humano. Para que servem?

Pesquisadora: Por que vocês acham que o homem tem órgão sexual para fora do corpo e a mulher tem órgão sexual interno, dentro do corpo?

“Agora tem que fazer matemática!” (Aluno homem 12)

A subcategoria - **Concepção, gravidez e parto** – se evidencia em alguns PENTAS. O PENTA 8 aborda assuntos relacionados a concepção e gravidez. Abordar esse assunto demandou a desconstrução de que seria um assunto “feio”, “besteira”, conforme a fala de alguns. A maioria teve grande dificuldade de se pronunciar e quando se pronunciaram demonstraram pouco ou nenhum conhecimento acerca do tema. Foi necessária uma longa explicação sobre o assunto, com uso de recursos visuais para compreensão dos conceitos. De maneira geral ficou evidente o desconhecimento e/ou fantasias criadas por informações errôneas ou desencontradas dada aos participantes ao longo de suas vidas, isto considerando os que tiveram algum tipo de informação, mesmo que inconsistente. Como nas falas a seguir:

“É por causa do girino. A mulher tem uma lua e os bichinhos vão entrando” (aluno homem 10)

“Pra nascer o bebê tem que ter o encontro entre um homem e uma mulher, nosso pai e nossa mãe?” (aluna mulher 2)

“A mulher não pode espirrar senão o neném nasce”. (aluna mulher 3)

No PENTA 5, um dos sujeitos relata:

“O homem engravida a mulher”. (Aluno homem 9)

No entanto, outras falas evidenciam o desconhecimento ou informação fantasiosa dada aos sujeitos ao longo de suas vidas.

“Professora (aluno se abaixando na frente dela, que estava sentada) a mulher abre a perna e o médico abre com a chave o cofre e de lá sai o tesouro que é o neném, sai daqui de baixo (aponta), não posso falar o nome que é palavrão” (Aluno homem 8)

“Homem pode ter filho na barriga?” (Aluno homem 14)

Pesquisadora: Homem não pode engravidar. Só a mulher fica grávida.

A subcategoria – **Contraceção e Doenças sexualmente transmissíveis** – encontrada nos PENTAS 1 e 5, trazem algumas falas que evidenciam que a maioria dos sujeitos já ouviu falar ou conhece o preservativo masculino (camisinha), todos apresentaram grandes curiosidades sobre o tema. Há relatos sobre a dificuldade de tratar o tema em casa, não havendo diálogo e consentimento da família na hora da aquisição da camisinha, na maioria dos casos. Uma preocupação da pesquisadora foi abordar aspectos para prevenção de doenças sexualmente transmissível, porém, apenas em um breve momento uma das jovens (aluna mulher 6), levantou consideração sobre este tema, a maioria demonstrou saber que camisinha é um meio de evitar a gravidez, tão somente.

Algumas falas levantadas durante reflexão sobre situação-problema apresentada no PENTA 1:

“Peguei a camisinha na UPA, mas minha mãe não sabe” (aluno homem 14)

“Tem gente que tem camisinha em casa, mas a família não pode saber”.

Pesquisadora: A família não pode saber?

Todos os alunos riem com a pergunta.

“É muito complicado.” (aluna mulher 2)

“Eu sei que na hora de colocar a camisinha tem que apertar a ponta.” (aluno homem 12)

Pesquisadora: Mas você sabe pra quê?

“Não”. (aluno homem 12)

E no PENTA 5,

Aluna mulher 2 – “Tem que usar camisinha”.

Aluna mulher 2 – “É verdade que tem vários sabores? Como assim?”

No PENTA 6, há uma menção.

Pesquisadora: Alguém sabe o que é doença sexualmente transmissível? (apenas aluna mulher 3 disse saber) Tem risco de pegar doença sexualmente transmissível se usar camisinha?

“Se a camisinha arrebentar sim”. (aluna mulher 3).

Esta participante da pesquisa contribui, ainda, no PENTA 11, com a seguinte afirmativa:

“O cara usa camisinha e a mulher toma remédio, se transar a camisinha entra no canal vaginal”. (aluna mulher 3)

É preciso destacar o fato de que em nenhum momento qualquer dos jovens e adultos com deficiência intelectual sugeriu algum tipo de DST's. Não contribuíram com o assunto, apesar de recorrentes abordagens da pesquisadora. Este pode ser um indicativo de uma educação sexual incompleta ou inexistente, que contribui com a vulnerabilidade a qual esses sujeitos ficam expostos. Urge o tempo de uma educação sexual preventiva, no que se refere à saúde sexual e reprodutiva.

Bastos e Deslandes (2005) lamentam a ausência de programas abrangentes de educação sexual, assim como de campanhas para prevenção de DST's que atinjam pessoas com deficiência intelectual. Há sete anos atuando com o público jovem e adulto com deficiência intelectual, até os dias atuais, desconheço mudanças no argumento levantado pelas autoras.

A discussão sobre métodos contraceptivos seja para evitar uma gravidez fruto de um relacionamento consentido, ou de um estupro, não foi abordada pela maioria dos jovens e adultos com deficiência intelectual. Um dos sujeitos relatou no decorrer da pesquisa que fez vasectomia, fora do grupo focal. A revisão da literatura aborda o tema da esterilização, entendida como uma “forma de evitar a gravidez decorrente do abuso sexual [...] defendendo que só

precisariam do consentimento dos pais para a realização da laqueadura” (BASTOS e DESLANDES, 2005, p.395), escolha feita a partir de princípios morais ou eugênicos da sociedade.

Durante a dinamização dos grupos focais, considerando as proposições das situações-problemas apresentadas, é preciso destacar que em nenhum momento os participantes abordaram questões a respeito de homossexualidade ou identidade de gênero.

STOFFELEN et al. (2013) apontam que os estudos a respeito da homossexualidade entre pessoas com deficiência intelectual são limitados, existindo poucos relatos destes indivíduos sobre experiências pessoais com identificação homossexual. Este estudo, realizado na Holanda, concluiu que alguns problemas específicos afetam a vida das pessoas homossexuais com deficiência intelectual, citando entre estes, a alta prevalência de experiências sexuais negativas, a falta de apoio da família, a falta de uma educação sexual, e a dificuldade no encontro de um parceiro adequado.

Durante os anos de atuação profissional junto a pessoas com deficiência intelectual e suas famílias, muitos relatos e vivências se colocam em consonância com os apontamentos levantados no estudo. A título de ilustração, uma vez que esta pesquisa não se propôs a analisar as unidades de significado nas falas das famílias, ao solicitar a mãe de um dos alunos sujeitos da pesquisa consentimento para participação, a mesma se disse muito satisfeita em permitir a presença do filho, relatando um fato ocorrido em casa, quando diante da ereção do filho, sem saber o que fazer, foi à geladeira, pegou uma garrafa com água gelada e derramou sobre a genitália do filho. O despreparo em lidar com as questões da sexualidade, mesmo as mais básicas, ainda é um grande entrave e transtorno para as famílias, como podemos observar em muitos relatos dos alunos participantes diante dos PENTAS.

Recordo-me ainda de um aluno que conheci há alguns anos, adulto com deficiência intelectual, que sofreu diante do sentimento que nutria por um colega de classe, do mesmo sexo, o que causou até momentos de desajuste emocional e violência, uma vez que a família insistia em apresentar a todos a namorada que idealizavam, sem considerar os desejos e sentimentos do filho, muito menos permitir que o assunto identidade de gênero ou homossexualidade entrasse em pauta.

Em pesquisa realizada na Alemanha, DUDEK; JESCHKE e LEHMKUHL (2006) estudaram como o comportamento homossexual é tratado nas instalações residenciais alemãs para pessoas com deficiência intelectual. Analisando as declarações dos funcionários, verificaram que: A homossexualidade é tratada como um tabu; A homossexualidade é desvalorizada; Os residentes homossexuais não são suportados e; A homossexualidade não é discriminada (apenas na fala de um enfermeiro). Destacam ainda que há um déficit de conhecimento sobre homossexualidade e deficiência intelectual na Alemanha, o que pode ser observado na teoria e na prática.

No Brasil, a 4ª Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, sob o tema - Os desafios na implementação da política da pessoa com deficiência: A transversalidade como radicalidade dos Direitos Humanos, aponta a partir de seu documento norteador (BRASIL, 2016), em seu eixo I – Gênero, raça e etnia, diversidades sexual e geracional, que a invisibilidade histórica herança do modelo médico da deficiência, permite que as pessoas com deficiência frequentemente sejam vistas ou entendidas como um público homogêneo e/ou linear, quase sempre desconhecendo a deficiência como uma condição humana que atravessa as questões de gênero, raça e etnia, ciclos de vida, diversidade sexual, etc.

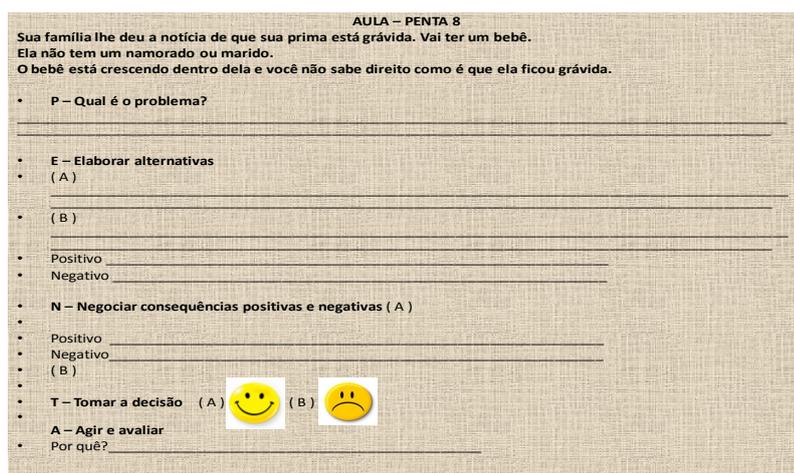
Diante do exposto, é possível considerar que em relação à pessoa com deficiência intelectual as discussões precisam ser ampliadas, uma vez que quando acontecem, concentram-se na sexualidade com comportamento heterossexual. A negação da sexualidade ou infantilização dos sujeitos jovens e adultos com deficiência intelectual, por parte das famílias e da sociedade, apresenta-se claramente como uma idéia alicerçada na deficiência entendida como doença e limitação, sendo a homossexualidade omitida, consciente ou inconscientemente, pela reprodução de preconceitos enraizados na sociedade.

Assim, a sexualidade traz representações simbólicas, como fato cultural e histórico, e se efetiva nas crenças e valores de uma determinada sociedade. Expressar, viver seus afetos, desejos e possibilidades, ainda é algo negado as pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual.

3.3.3 O Produto do estudo

Esta pesquisa é fruto do estudo sobre sexualidade e a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual, considerando a proposição do tema nas escolas e produção de um jogo pedagógico sobre o tema. Compõe a Linha de Pesquisa Produção de Materiais e Novas Tecnologias. Faz parte do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, do Departamento de Biologia Celular e Molecular, da Universidade Federal Fluminense. Vinculado ao grupo de pesquisa Produção de Material Didático Acessível a Alunos com Deficiência em Contextos Formais e Informais de Educação, do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI/UERJ). Como fruto do estudo teórico e empírico realizado, tendo em vista a aplicação prática do conhecimento, desenvolvemos um produto a ser compartilhado com a sociedade, o jogo Sexualidade nas Trilhas da Inclusão.

Foi possível a partir da proposição dos PENTAS (exemplificado na figura 1), considerando a dinamização dos grupos focais e a análise do discurso dos sujeitos, promover a discussão do tema sexualidade com participação de professores especialistas em Educação Especial¹⁹ e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual, identificar os temas relacionados à sexualidade que vieram a compor o jogo pedagógico.



AULA - PENTA 8
Sua família lhe deu a notícia de que sua prima está grávida. Vai ter um bebê.
Ela não tem um namorado ou marido.
O bebê está crescendo dentro dela e você não sabe direito como é que ela ficou grávida.

- P - Qual é o problema?

- E - Elaborar alternativas
- (A)

- (B)

- Positivo

- Negativo

- N - Negociar consequências positivas e negativas (A)
- Positivo

- Negativo

- (B)

- T - Tomar a decisão (A)  (B) 
- A - Agir e avaliar
Por quê?

Figura 1

¹⁹ Durante a pesquisa de campo ocorreram circunstâncias adversas, como greve e licenças de professoras especialistas em Educação Especial participantes.

Com os resultados obtidos, posteriormente, efetivou-se a produção final do jogo pedagógico sobre o tema sexualidade e a pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual. O jogo é formado por um tabuleiro (figura 2) em que se observa uma trilha com figuras (emotion)²⁰ e números; peões; dado e 70 cartas (exemplo na figura 3) contendo no verso figuras encontradas no tabuleiro. Composto ainda por um manual que, como um guia prático, traz explicações sobre o funcionamento do jogo.



Figura 2

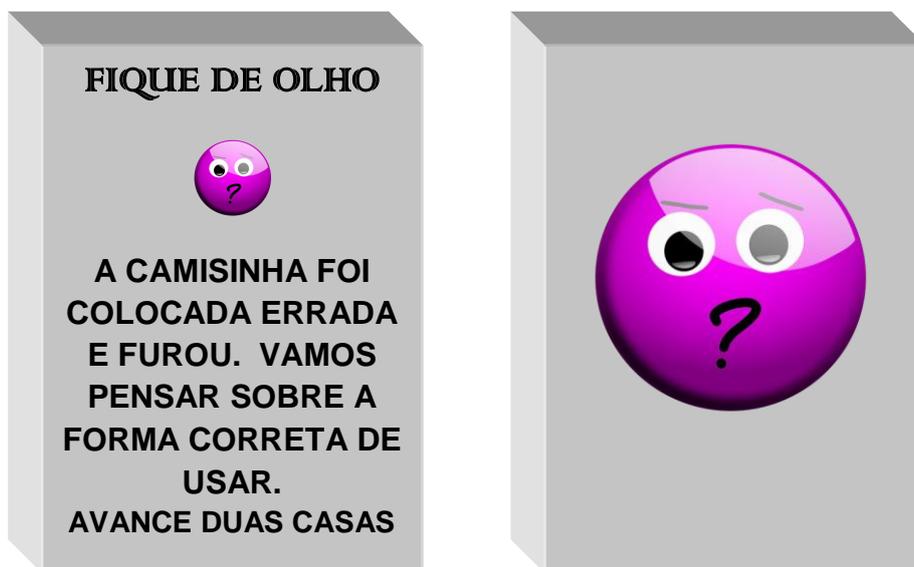


Figura 3

²⁰ Publicdomainvectors.org – Acesso em 13 de março de 2016.

A validação do produto ocorreu na instituição de ensino lócus da pesquisa e foi possível concluir que:

- ✓ O jogo pedagógico SEXUALIDADE NAS TRILHAS DA INCLUSÃO traz como proposta principal a interação e o aprendizado sobre temas ligados à sexualidade.
- ✓ O caráter ativo do jogo se estabeleceu na interação entre os participantes à medida que os temas foram sendo apresentados, a partir de registros escritos nas cartas.
- ✓ Importante esclarecer que uma grande parcela de pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual apresenta dificuldade com a leitura (alguns não alfabetizados). A proposta interativa também aqui se fortalece, uma vez que muitas estratégias podem ser adotadas pelos professores, objetivando não tornar este fato um impedimento à participação dos sujeitos. Os emotions se configuraram como fator de inclusão aos que não lêem, com uso de linguagem não-verbal.
- ✓ A dinamização do jogo parte da organização de quem inicia a rodada. O primeiro jogador (ou a primeira dupla/grupo) lança o dado e anda o número de casas correspondentes, e assim sucessivamente. As figuras que compõem o tabuleiro e as cartas interagem com os participantes uma vez que indicam bônus (ex: avançar duas casas), ônus (ex: ficar uma rodada sem jogar) e o que chamo de “Fique de olho”, que se expressa em uma figura que apresenta uma informação relevante sobre o tema.
- ✓ Os participantes dialogam o tempo todo com o jogo e o grupo, para que possam avançar.
- ✓ É possível que o professor selecione previamente os temas que deseje trabalhar. Para tanto acompanha o jogo um manual com dicas de uso.
- ✓ O jogo finaliza quando um jogador (dupla ou grupo) chega ao FIM da trilha.
- ✓ De certo que como se trata de um jogo pedagógico, além do objetivo principal de abordar assuntos ligados à sexualidade, pôde contribuir com o raciocínio lógico, concentração, tomada de atitude, desenvolvimento de estratégia, motivação para a leitura, formulação de hipóteses sobre os assuntos abordados, seleção de informações, assertividade nas

respostas, respeito e uso das regras e desenvolvimento de atitudes de colaboração, interação e troca de experiências.

Assim, conclui-se tratar de um jogo de uso coletivo, desenvolvido para ser mediado por professores em sala de aula, considerando o aluno jovem e adulto com deficiência intelectual.

Os pós testes foram aplicados após validação do jogo, indicando ampliação dos conhecimentos prévios levantados na aplicação dos pré testes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 – Conclusão

Esta pesquisa se fundamentou no discurso de jovens e adultos com deficiência intelectual e professores especialistas em Educação Especial, participantes de grupos focais. Ao considerarmos o fato de que o tema sexualidade para as pessoas com deficiência intelectual ainda é cercado de preconceitos e estigmas, a proposta deste estudo considerou desmistificar este assunto, a partir da construção de um produto final do mestrado: um jogo pedagógico de baixo custo que trata sobre a temática da sexualidade de forma clara, didática, lúdica, informativa e relevante.

A revisão da literatura que embasou esta análise permite afirmar, que a pessoa com deficiência intelectual tem sua sexualidade como qualquer outro indivíduo e que existem muitos mitos e tabus em relação à sua sexualidade.

O retorno ao problema e objetivos da pesquisa se faz necessário, no intuito de confirmarmos se na análise do discurso dos sujeitos pesquisados encontramos respostas às investigações propostas. Assim, todos os objetivos de investigação foram atingidos. É preciso apenas ressaltar o fato de que a participação das professoras da escola lócus da pesquisa não se deu como desejado, uma vez que ocorreram licenças, período de greve, entre outros fatores. Contudo, mesmo diante deste impasse, foi possível realizar com os professores a aplicação dos questionários e participação de alguns nos grupos focais.

Na busca de resposta ao problema, o estudo permitiu avaliar que é papel da escola, em estreita relação com as famílias, criar caminhos de orientação a respeito das questões relacionadas à sexualidade. Este argumento se fortalece ao considerarmos algumas limitações inerentes à deficiência intelectual, ao pouco ou nenhum diálogo sobre o tema, ao controle excessivo de pais ou profissionais e a falta de programas curriculares que contemplem tais aspectos de maneira contundente e científica nas escolas.

A pesquisa desenvolvida na escola evidenciou que a temática da sexualidade é uma lacuna, tanto no que diz respeito à formação dos professores, quanto da compreensão dos alunos. Daí a necessidade de

inserção deste tema no cotidiano escolar e na formação dos profissionais. Inserir na escola o debate acerca da sexualidade é uma possibilidade fundamental para desvelar questões necessárias para a vida destes jovens, de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Além de facilitar a abordagem dos professores sempre que estas questões se fizerem presentes em seu trabalho.

Esta análise permite avaliar, considerando os objetivos propostos e alcançados, a importância da proposição do tema sexualidade nas escolas a partir de um jogo pedagógico que foi desenvolvido no encontro entre os sujeitos envolvidos, a partir de suas vivências, suas dúvidas e pré-concepções, buscando atender ao paradigma de suporte da AAIDD (2010).

A partir do levantamento e análise das categorias temáticas e da revisão da literatura estudada foi possível considerar que o tema sexualidade da pessoa com deficiência vem recebendo maior atenção tanto no meio acadêmico quanto clínico, sem, contudo nos parecer ter avançado nas propostas curriculares ofertadas nas escolas.

É necessário mais uma vez discorrer sobre a necessidade dos cursos de formação inicial ou continuada em Educação Especial contemplarem em seus currículos aspectos ligados à sexualidade, de forma a proporcionar aos envolvidos a percepção de que sua atuação e interação se dará com pessoas reais e integrais, compostas por corpo, intelecto, sexualidade e emoções.

Considerando a fala espontânea dos sujeitos, o estudo avaliou que as relações de amizade e namoro se estabelecem entre os colegas da escola lócus da pesquisa, especializada no atendimento a pessoas com deficiência intelectual. Os relatos mostram que os participantes são pessoas sexuadas, que vivem sua sexualidade, mesmo não verbalizando conceitos ligados ao tema ou ainda sem compreender ao certo seus desejos.

Os conhecimentos em relação à sexualidade, funções executadas pelo corpo, concepção/contracepção, relação sexual, entre outros abordados nos grupos focais, se mostraram bastante superficiais ou limitados, principalmente se avaliarmos a idade dos alunos envolvidos. Estes recebem pouca, ou nenhuma informação sobre como seu corpo funciona e muitas das orientações que receberam ao longo da vida sobre sexualidade parecem ter se dado a

partir de desaprovações, no intuito de reprimir quaisquer manifestações. Nenhum dos alunos relatou já ter discutido o tema na escola.

Temáticas ligadas à homossexualidade/identidade de gênero não emergiram durante a dinamização dos grupos focais. O comportamento heterossexual permeou as discussões durante todas as situações-problemas apresentadas. O tema sexualidade ainda é tratado como tabu, nem mesmo nomear o órgão genital é algo que o façam sem constrangimento ou repressão a si e ao outro. Diante disto, discutir ou colocar em pauta a homossexualidade, não parece ser algo que tenham propriedade ou mesmo coragem de tratar, considerando a vivência dos envolvidos nesta pesquisa, no momento.

Em todo processo histórico precisamos levar em consideração a dialética de continuidade-ruptura, onde o novo se faz a partir do velho e, então, por algum tempo velho e novo convivem de forma tensa, visto o compromisso de superação. Apesar das dificuldades não podemos deixar de lutar para que o novo possa emergir na forma de novas relações interpessoais, de modo crítico e inovador.

Ainda hoje a escola se depara com as marcas de sua raiz intelectualista, costuma cuidar pouco de questões que extrapolem os conteúdos tradicionais. Parece que nossa educação destrói possibilidades, pela imposição de conhecimentos que não consideram o ser humano integral e suas interrelações.

Os tópicos de estudo destinados à questão da formação do professor e proposição do tema na escola se alicerçam na importância de se enfatizar o papel ativo do professor frente a um programa educacional que discuta o tema sexualidade. É fundamental que o professor se capacite previamente, contribuindo com um ambiente facilitador de aprendizagens tanto no que se refere à apropriação do conteúdo a ser discutido, quanto na maneira como vivencia sua própria sexualidade, “caso contrário, corremos o risco de racionalizar nossas dificuldades ou repressões internas, transformando-as em valores morais preconceituosos” (GLAT, 1992, p. 70).

É um momento de ressignificar as relações professor x aluno. Para que os alunos vejam na figura do professor uma pessoa de confiança, que pode estar ali para ouvi-lo e que não vai julgá-lo e nem ver nele uma criança, mas

sim um sujeito dotado de autonomia sobre si e que tem o direito a exercer a sua sexualidade de forma plena e saudável.

No que se refere à busca de transformação da ação educativa cabe destacar que a pesquisa mostrou, a partir do relato dos alunos sobre vivências no espaço escolar, que assuntos ligados à sexualidade não fazem parte do currículo escolar. Este fato pode ser mudado a partir da quebra de paradigmas que, enraizados no tempo e nas práticas, acabam por contribuir com o engessamento do sistema educacional. A massificação imposta pelos conteúdos escolares acaba por dificultar a valorização da percepção do sujeito de forma subjetiva, particular e humanizante. É urgente a valorização do saber inacabado, de um sujeito em transformação, produtor de novos saberes.

O estudo busca ainda estar em consonância com seu tempo histórico, tempo no qual o acesso à internet e as informações nela contidas podem se dar a todo momento. Este fato levanta algumas questões, como o uso do celular, que envolve: trocas de imagens/fotos em grupos criados em redes sociais (algumas vezes de conteúdo íntimo), disseminação destas imagens, conteúdo pornográfico de fácil acesso, etc. De fato, falta informação sobre como os alunos devem reagir diante destas questões. O que foi possível observar é que nem todos os alunos participantes sabem o que fazer assertivamente diante de tais conteúdos.

Emergiram, também durante o estudo, questões ligadas ao preconceito. Entendemos que a superação dos preconceitos em relação à sexualidade da pessoa com deficiência intelectual muito se pauta nos ideais de normalidade e anormalidade, a partir de padrões que buscam definir quem devemos ser e como devemos agir. O que seria o (a)normal, o socialmente (in)aceitável? Os parâmetros que sustentam estas discussões se afirmam na ideia de que:

A deficiência e a doença sempre foram fenômenos associados à dor, ao sofrimento e à morte e parece difícil diminuir o estigma de desvantagem social que pesa sobre essas pessoas. Parece ser mais fácil a muitos não deficientes, que se colocam no campo da normalidade e da vantagem social, manter essa diferenciação, o que justifica a manutenção de tantos mitos sobre as dificuldades destas pessoas distanciando-as do *normal*²¹. (MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 172)

²¹ Grifo das autoras.

Em tempos de inclusão entende-se que escola, família e sociedade devem tomar para si as respectivas responsabilidades na consideração dos direitos que toda pessoa jovem e adulta com deficiência intelectual tem de viver sua sexualidade, principalmente no que se refere à superação de mitos perpetuados e usados para justificar padrões de normalidade. A partir de “uma leitura social e cultural da deficiência e da sexualidade” (MAIA e RIBEIRO, 2010, p. 173), traçaremos caminhos promissores na superação das discriminações que retardam a consolidação de uma sociedade de fato inclusiva.

4.2 – Perspectivas

O estudo buscou desenvolver na escola o tema sexualidade considerando o público jovem e adulto com deficiência intelectual a partir de caminhos para levantamento de temas ligados à sexualidade e produção de um jogo pedagógico. Para tanto, propõe ampliar a discussão do tema a outros espaços educacionais, a partir deste recurso pedagógico, o jogo “Sexualidade nas Trilhas da Inclusão”.

Entre as expectativas ao se propor o jogo nas escolas está à redução dos riscos causados por abuso sexual e por comportamentos socialmente inadequados; prevenção a DST's e gravidez em hora indesejada; superação dos mitos de que pessoas com deficiência intelectual são ora assexuadas, ora hiperssexuadas; do mito de que estas pessoas dificilmente se envolvem em relações de namoro, casamento, gravidez; e fundamentalmente propor a discussão do tema nas escolas, considerando suas propostas curriculares.

Assim, outra proposição é a formação de grupos de estudo sobre sexualidade no espaço da escola, proporcionando ampliação dos conhecimentos sobre o assunto, permitindo que cada envolvido revise suas práticas, tendo como princípio, meio e fim o fazer pedagógico pautado no sujeito e suas interações e em argumentações científicas sobre o tema.

Muitos aspectos da pesquisa nos remeteram ao papel da família. Defendemos que cabe a esta assumir a educação intencional sobre sexualidade. Com o objetivo de ampliar o presente estudo, sugerimos

pesquisas futuras em psicoeducação, objetivando informar e orientar as famílias de pessoas jovens e adultas com deficiência intelectual a adotarem uma postura ativa frente às discussões de temas ligados à sexualidade, com reflexões para além da sexualidade heterossexual, considerando a identidade de gênero e a homossexualidade, permitindo aos envolvidos espaços de interação, exposição das dúvidas e pensamentos. Neste tocante é possível que o produto deste estudo, o jogo, seja um colaborador em potencial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. **Intellectual disability: definition, classification, and systems of supports**. Washington, DC: AAIDD, 2010.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Paradigma da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. In: **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Ano XI, nº. 21, p. 160 – 163, março, 2001.

BASTOS, Olga Maria e DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. In: **Ciência e Saúde Coletiva**. 10(2): 389-397, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHOLLO, Márcia Fernandes. O lazer numa perspectiva lúdica e criativa. In: **Cinergis**. Santa Cruz do Sul. V.2, n.1, p. 89-99, jan/jun, 2001.

BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In: **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 70-102

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Comitê de Ajudas Técnicas**. Tecnologia Assistiva. – Brasília: CORDE, 2009.

BRASIL. 4ª Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência - CONADE. Os desafios na implementação da política da pessoa com deficiência: A transversalidade como radicalidade dos Direitos Humanos. Brasília, 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: Corde, 1994.

_____. Secretaria da Educação Especial. **Decreto nº 7611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014//2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em: 15 de Junho de 2016

_____. **LEI Nº 11.741**, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da

educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm. Acesso em 15 de junho de 2016.

_____. Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Educação. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação 291/04**. Estabelece normas para a Educação Especial na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades, no sistema de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cee.rj.gov.br/coletanea/d291.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2016.

BRASIL. Autogestão e Autodefensoria: Conquistando autonomia e participação. **Projeto Sinergia**. Volume 3. Brasília, 2009.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

CARVALHO, RositaEdler. **Removendo Barreiras para aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CHAGAS, Patrícia Monteiro Lima; PACHECO, Ana Paula de Carvalho Machado. Transição para o Mundo do Trabalho: uma proposta curricular para jovens-adultos com deficiência intelectual. In: **Anais do 6º Congresso Brasileiro de Educação Especial**. São Carlos: UFSCAR, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17648/galoa-cbee-6>. Acesso em 27 Jun. 2016.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CUNHA, P. F. L. A longa história da repressão sexual. In: **Psicologia em curso**. Brasília, v.2, n. 8, p. 19-26, 1981.

DUDEK, Sonja; JESCHKE, Karin; LEHMKUHL, Ulrike. Institutionalized Queers: Homosexuality in Residential Facilities for People with Cognitive Disabilities. IN: **Disability Studies Quarterly Spring**. Volume 26, No. 2, 2006.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. “Educação para todos -- Saúde para todos”: a urgência da adoção de um paradigma multidisciplinar nas políticas públicas de atenção à pessoas portadoras de deficiências. **Revista do Benjamim Constant**, 5 (14), pg. 3-19, 1999.

_____. Da deficiência à funcionalidade: novos paradigmas de avaliação e acompanhamento de pessoas com deficiência mental/intelectual. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia. (Org). **Das Margens ao Centro: perspectivas para as políticas educacionais no contexto especial inclusiva**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010. p.159-168.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; CORRÊA, Maria Ângela Monteiro. **Processo de Ensino-Aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais: o aluno com Deficiência Mental**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; ORRICO, Helio Ferreira. **Acessibilidade e inclusão social**. Rio de Janeiro: Deescubra, 2012.

FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda. Na prática a teoria é outra? In: FORTI, V. e Guerra, Y. (Organizadoras). **Serviço Social: Temas, Textos e Contextos**. Coletânea Nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Júris Editora, 2011.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vols. XV e XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1a. edição (1916-1917 [1915-1917]).

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GARCIA, Wallisten Passos. Apontamentos e reflexões sobre a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. In: **Psicologia Argumento**, v.30, n. 68, p. 149-160, Curitiba, 2012.

GLAT, Rosana. "A sexualidade da pessoa com deficiência mental". In: **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.1, p. 65-74, 1992.

_____. "Saúde Sexual, Deficiência e Juventude em risco". Relatório de consultoria técnica. – Banco Mundial Brasil – UERJ – Núcleo de Educação Inclusiva, 2004.

_____. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rosana Glat (org.). Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

JUSTO, Tânia Maria. **Orientação Sexual na Escola**. Bolando aula. São Paulo, 1998.

KAUFMAN, Míriam; SILVERBERG, Cory; ODETTE, Fran. **The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness**. 2. ed. Califórnia/ USA, Cleis Press, 2003.

LEME, Cássia V. D. e CRUZ, Emirene M. T. N. Sexualidade e Síndrome de Down: uma visão dos pais. In: **Arq Ciência e Saúde**, jan-mar; 15(1), p. 29 – 37, 2008.

LIPP, Marilda Novaes. **Sexo para deficientes mentais: sexo e excepcional dependente e não-dependente**. 3ª Ed – São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Psicopedagogia On Line**, v. 1, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125065>>. Acesso em 29 out 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo Mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. IN: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 16, n. 2, p. 159 – 176, mai – ago , 2010.

MAIA, A. C.; ARANHA, M. S. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. **Interação em Psicologia**. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 103- 116, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3290/2634>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

MAIA, A. C.; MARQUES, Priscila Foger. Sexualidade, Deficiência Intelectual e Vulnerabilidade: a importância da educação sexual. III Simpósio Internacional de Educação Sexual. **Corpos, Identidade de gênero e heteronormatividade no espaço escolar**. Maringá, Paraná, 2013.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

OLIVEIRA, Renata R. Rocha e MAIO, Eliane Rose. Sexualidade e Síndrome de Down: a importância do ensino. II Simpósio Internacional de Educação Sexual. **Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares**. Maringá, Paraná, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências na formação e atuação docente. In: PIMENTA, S. G. et al. (org.). **Pesquisa em Educação: alternativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PINHEIRO, Sílvia Nara Siqueira. Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas. In: **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. Vol. 8, n. 2 p. 199-206, 2004.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisa. In: **Educar em Revista**, v. 33, p. 143-156, Paraná, 2009.

_____. Educação Especial e Inclusão Escolar: uma radiografia do atendimento educacional especializado nas redes de ensino da Baixada Fluminense /RJ. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**. RJ: EDUR, V. 34, n.12, jan / jun, p. 31-48, 2012.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol 16, n. 2, p. 159-176, Mai-Ago, 2010.

RODRIGUES, Silvana.Terume et al. O despreparo de professores diante da educação sexual e diversidade sexual na escola. In: **8o ENUDS- Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual**. Campinas. Trabalhos Seleccionados. Campinas: Unicamp, 2011. p. 1-11.

ROSENBAUM, Yudith. Manoel Bandeira: uma poesia da ausência. 2 ed. – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2002.

SÁNCHEZ, Luz Pérez; GÓMEZ, Diana Cabezas. Programa de entrenamiento em solución de problemas prácticos aplicado a personas com discapacidad intelectual. In: **Psicothema**. Vol. 19, nº 4, p. 578 – 584, 2007.

SANTIN, Sílvia. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre, RS: ESEF – UFRGS, 1994.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 39 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Luciene. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006.

SILVA, Ricardo Desidério da; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Autoerotismo em sala de aula: o que pensam, como reagem e dizem fazer os professores. In: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. V. 8, n. 3, p. 678-687, 2013.

STOFFELEN, J.; KOK, G.; HOSPERS, H.; CURFS, L. M. G. Homosexuality among people with a mild intellectual disability: an explorative study on the lived experiences of homosexual people in the Netherlands with a mild intellectual disability. In: **Journal of Intellectual Disability Research**. Volume 57, Issue 3. March, 2013. Pages 257–267. Acesso em Jun/2017.

VITALIANO, C. R.; MANZINI, E. J. A formação inicial de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. In: VITALIANO, C.R.(org.). **Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: Eduel, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

6. APÊNDICES E ANEXOS

6.1 APÊNDICES

6.1.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

6.1.2 Pré e pós teste alunos

6.1.3 Pré e pós teste professores especialistas em Educação Especial

6.1.4 PENTAS - Disparadores dos Grupos Focais

6.1.5 - TABELA 6 – Disciplinas Coursadas

6.1.6 - TABELA 7 – Produções e Publicações

6.2 ANEXOS

6.2.1 Termo de Anuência

6.2.2 Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa / UFF

6.1 APÊNDICES

6.1.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) _____

O(A) Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, intitulado "Sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual: proposição do tema nas escolas" e que está sendo escrito pela pesquisadora Patrícia Monteiro Lima Chagas, tel: 2458-8136 (res.) e 98248-7185 (cel). Suas respostas contribuirão para a elaboração de um Jogo Pedagógico acerca do tema Sexualidade e pessoa com deficiência intelectual, a ser utilizado por professores especialistas em Educação Especial e alunos jovens e adultos com deficiência intelectual. Todas as informações coletadas ajudarão na estruturação do jogo, da dissertação de mestrado e na elaboração de artigos e/ou trabalhos que poderão ser publicados em encontros e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária** e sua identidade não será revelada em nenhum momento de produção ou publicação deste documento, sendo garantido o sigilo total sobre sua participação.

Você pode **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, contudo os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o seu direito ao sigilo e o nosso de utilização das informações prestadas até o momento em que cessou sua vontade de participação e de contribuir com o estudo. Fica garantido que seu envolvimento em nossa proposta não trará à sua pessoa qualquer vantagem ou prejuízo de qualquer ordem ou tipo. Sua contribuição consistirá em participações nos grupos focais, gravados, contribuindo para levantamento das temáticas que serão abordadas durante a elaboração do Jogo Pedagógico, sem a necessidade de que seja identificado com seu nome.

As temáticas de discussão poderão acontecer por meio de entrevistas e/ou por meio de perguntas abertas e versarão sobre o tema sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual. O conhecimento dos participantes é fundamental para que o Jogo atenda as necessidades reais dos alunos jovens e adultos com deficiência intelectual e professores de Educação Especial nas escolas, ajudando na estruturação de uma educação inclusiva com qualidade.
Cordialmente,

Patrícia Monteiro Lima Chagas

Os participantes de pesquisa, e comunidade em geral, poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações:
E.mail: etica@vm.uff.br Tel/fax: (21) 26299189



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,

RG _____ declaro que li as informações da página 1 deste termo de livre consentimento e esclarecimento e estou de acordo em participar voluntariamente com informações orais e escritas para o projeto de pesquisa “Sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual: proposição do tema nas escolas”. Estou ciente de que está assegurado o sigilo das informações por mim prestadas, com a garantia de não haver ônus ou bônus à minha pessoa. Estou ciente de que o destino das informações que serão fornecidas pela minha pessoa contribuirão para elaboração da dissertação de mestrado da pesquisadora Patrícia Monteiro Lima Chagas e do (produto) Jogo Pedagógico sobre o tema Sexualidade . Entendo também que essa contribuição não se configura autoria ou qualquer vantagem ou direito sobre a dissertação de mestrado ou sobre o jogo pedagógico que será produzido.

Estou ciente de que posso **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, mas que os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o meu direito ao sigilo.

Local e data

Assinatura do participante



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Eu, _____, RG nº _____,
_____, responsável legal por
_____, RG nº _____

declaro que li as informações da página 1 deste termo de consentimento livre e esclarecido e estou de acordo em autorizar participação e voluntariamente contribuir com informações orais e escritas para o projeto de pesquisa “Sexualidade e a pessoa com deficiência intelectual: proposição do tema nas escolas”. Estou ciente de que está assegurado o sigilo das informações por mim prestadas, com a garantia de não haver ônus ou bônus à minha pessoa. Estou ciente de que o destino das informações que serão fornecidas pela minha pessoa contribuirão para elaboração da dissertação de mestrado da pesquisadora Patrícia Monteiro Lima Chagas e do (produto) Jogo Pedagógico sobre o tema Sexualidade. Entendo também que essa contribuição não se configura autoria ou qualquer vantagem ou direito sobre a dissertação de mestrado ou sobre o jogo pedagógico que será produzido.

Estou ciente de que posso **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, mas que os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o meu direito ao sigilo.

Local e data

Assinatura do

participante

Testemunha

Testemunha

6.1.2 Pré e pós teste alunos

SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS ESCOLAS

**PATRÍCIA MONTEIRO LIMA CHAGAS
EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES**

Trabalho desenvolvido no Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

PRÉ E PÓS TESTE A SER APLICADO AOS ALUNOS

1 – Das alternativas abaixo o que faz você pensar no tema sexualidade?

- () Namoro.
- () Toque.
- () Cheiro bom.
- () Correr.
- () Relação sexual.
- () Escola.

2 – O que é permitido entre um casal no namoro em local público?

- () Beijo na boca.
- () Beijo no rosto.
- () Carícias íntimas.
- () Ficar sem roupa.
- () Abraços.
- () Mãos dadas.

3 – O que é permitido entre um casal em local privado quando há intimidade?

- () Beijo na boca.
- () Beijo no rosto.
- () Carícias íntimas.
- () Ficar sem roupa.
- () Abraços.
- () Mãos dadas.

4 – Como você pode se proteger de pessoas estranhas.

- () Aceitar estranhos nas redes sociais.
- () Enviar fotos íntimas pelas redes sociais.
- () Aceitar presentes de estranhos.
- () Nunca aceitar estranhos nas redes sociais.
- () Nunca aceitar presentes de estranhos.
- () Nunca aceitar convite de estranhos para encontros.

5 – Marque as alternativas que mostram as diferenças que notou em seu corpo de adolescente/adulto?

5.1 - Meninos

- () Nascimento de pêlos no corpo (peito, pernas, axilas, genitália, rosto).
- () Engrossamento do timbre da voz.
- () Surgimento de erupções na pele (acne).
- () Alteração do comportamento (irritação, agressividade, agitação).
- () Ejaculações.
- () Mais suor.

5.2 - Meninas

- () Aumento dos seios.
- () Aparecimento de pêlos pubianos na genitália e nas axilas.
- () Surgimento de erupções na pele (acne).
- () Menstruação.

- () Cólicas.
- () Alteração do comportamento (irritação, agressividade, agitação).

6 – O que você entende por masturbação?

- () Proporciona conhecer o próprio corpo.
- () Faz mal para a saúde.
- () Nunca ouvi falar.
- () É pecado, sujeira.
- () É tocar o órgão sexual por prazer.
- () É uma forma possível de satisfazer os desejos sexuais .

7 – Você conhece métodos ou maneiras de se proteger de uma gravidez indesejada? Se sim, quais?

- () SIM
- () NÃO
- () preservativo (Camisinha).
- () Anticoncepcional oral (Pílula).
- () Dispositivo intra-uterino (DIU).
- () Tabela (Tabelinha).
- () Vasectomia (homem).
- () Histerectomia (mulher).

8 – Você sabe como ocorre a gravidez? Em caso afirmativo indique as alternativas corretas.

- () SIM
- () NÃO
- () Em um abraço.
- () Através da relação sexual entre um homem e uma mulher.
- () Com beijo na boca.
- () Na união do óvulo (mulher) com o espermatozóide (homem).
- () outra alternativa _____.

9 – O que você sabe sobre ciclo menstrual?

- Homens podem ter menstruação.
- A menstruação ocorre de forma natural, quando há sangramento causado pela descamação da membrana interna do útero quando o óvulo não foi fecundado.
- Faz parte do ciclo reprodutivo da mulher e acontece todo mês.
- Dura normalmente de três a cinco dias.
- É comum a mulher ter cólicas durante o período menstrual.
- Durante o ciclo menstrual é preciso que a mulher utilize absorvente externo ou interno.

10 – Você já ouviu falar em doenças sexualmente transmissíveis (DST's)? Quais dos itens abaixo estão relacionados à DST's?

- SIM
- NÃO
- AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).
- Podem ser transmitidas por relação sexual, sangue contaminado, seringas e agulhas contaminadas, e em alguns casos da mãe para o bebê.
- Doenças sexualmente transmissíveis quando não tratadas adequadamente podem causar complicações graves e até a morte.
- São DST's: Sífilis, gonorréia, HPV (Condiloma Acuminado), entre outras.
- O método mais eficaz de se evitar DST's é usando preservativo.
- Pessoas com DST's não merecem atenção e respeito.

Muito obrigada por sua participação!

6.1.3 Pré e pós teste professores especialistas em Educação

Especial

SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS ESCOLAS

PATRÍCIA MONTEIRO LIMA CHAGAS

EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES

Trabalho desenvolvido no Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

PRÉ E PÓS TESTE A SER APLICADO AOS PROFESSORES ESPECIALISTAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Os pré e pós testes serão aplicados em forma de questionário impresso.

1 – Há quanto tempo trabalha com alunos jovens e adultos com deficiência intelectual?

2 – Você já planejou aulas com conteúdos ligados a sexualidade para alunos jovens e adultos com deficiência intelectual?

3 – Se sim, quais temas foram abordados?

4 – Quais temas relacionados à sexualidade considera relevante para abordar em sala de aula considerando o aluno jovem e adulto com deficiência intelectual?

5 – Quais recursos considera indispensáveis na proposição do tema sexualidade para alunos jovens e adultos com deficiência intelectual?

Muito obrigada por sua participação!

6.1.4 PENTAS - Disparadores dos Grupos Focais

PENTAS - Disparadores Grupos Focais

PENTA 1 – Disparador Grupo Focal

Sexualidade, sexo e relação sexual

Na época do Carnaval você viu na televisão uma propaganda sobre camisinha feminina e camisinha masculina. Não deu para entender muito bem como é utilizada e você ficou com algumas dúvidas e perguntou ao seu(sua) irmão(ã). Mas ele(a) não soube lhe responder.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

Positivo _____

(B) Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 2 – Disparador Grupo Focal

Segurança Pessoal

Você está na rua e uma pessoa (homem ou mulher) estranha chega perto.

Essa pessoa estranha oferece a você um “presente” se você for até a casa dele(a).

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 3 – Disparador Grupo Focal

Namoro

Uma amiga está namorando sério com um rapaz. Em uma festa, sem o namorado, encontrou um colega de escola que não via há muito tempo.

Rolou um clima e sua amiga resolveu trocar de namorado, mas não avisou ao namorado sobre sua decisão e ficou com o colega.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 4 – Disparador Grupo Focal

Inibição Social – “Freio Social”

Você estava na praia com sua namorada. Era um sábado de sol, a praia estava cheia. Vocês começaram a se beijar, abraçar e o clima foi esquentando. As pessoas começaram a olhar para vocês dois de uma maneira estranha.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 5 – Disparador Grupo Focal

Vida Adulta e o corpo

Hoje você se viu no espelho e notou que seu corpo é de um adulto. Mas ficou em dúvida sobre as diferenças e semelhanças entre o corpo do homem e da mulher. Como você nunca tinha pensado sobre isso foi perguntar a um amigo, que riu de você, pois achou engraçado pensar sobre o assunto.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 6 – Disparador Grupo Focal

Afeto e Relações Familiares

Você mudou de escola e lá conheceu um rapaz(moça) pelo(a) qual se apaixonou a primeira vista. Quando sua família o(a) conheceu, não aprovou o namoro, proibindo você de ficar junto dele(a).

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 7 – Disparador Grupo Focal

Sexualidade, sexo e relação sexual

Todos os meses a mulher tem seu ciclo menstrual. O seu namorado acha que falar de menstruação é coisa de mulher.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

Positivo _____

(B)

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 8 – Disparador Grupo Focal

Sexualidade, sexo e relação sexual

Sua família lhe deu a notícia de que sua prima está grávida. Vai ter um bebê. Ela não tem um namorado ou marido. O bebê está crescendo dentro dela e você não sabe direito como é que ela ficou grávida.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

Positivo _____

(B)

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 9 – Disparador Grupo Focal

Sexualidade, sexo e relação sexual

Você tem notado mudanças no seu corpo. Pêlos, espinhas, contornos, tom da voz, e outras. As pessoas não têm paciência com você. Não tem ninguém que você possa conversar sobre o que está sentindo e só seu espelho que lhe ouve.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

Positivo _____

(B)

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 10 – Disparador Grupo Focal

Afeto e Relações

O namorado da minha melhor amiga está cheio de gracinhas para o meu lado. No dia do meu aniversário eu percebi que ele estava querendo ficar comigo, e gostei. Ela ficou muito aborrecida e disse que não seremos mais amigas. Eu não sei o que fazer.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

PENTA 11 – Disparador Grupo Focal

Sexualidade, sexo e relação sexual

Tocando meu próprio corpo, principalmente nas partes íntimas, tenho sensações que eu não conhecia. Mas eu não sei como posso viver esses momentos de intimidade comigo. Estou com muitas dúvidas.

P – Qual é o problema?

E – Elaborar alternativas

(A)

(B)

N – Negociar consequências positivas e negativas

(A) Positivo _____

Negativo _____

(B) Positivo _____

Negativo _____

T – Tomar a decisão (A)



(B)



A – Agir e avaliar

Por quê? _____

6.1.5 TABELA 6 – Disciplinas Cursadas

Disciplinas Básicas (obrigatórias)	SEMESTRE / ANO	Carga Horária
Bases Legais, Políticas, Técnicas de Ensino e Sociais da Diversidade e Inclusão	2º/2015	60 h
Diversidade e Inclusão – relatos de experiência	2º/2015	30 h
LIBRAS I – uma língua brasileira a conhecer	2º/2015	30 h
BRAILLE I - aprendendo uma linguagem escrita	2º/2015	30 h
Defesa de Projeto	2º/2015	30 h
Metodologia e Produção Científica	2º/2015	30 h
Atualização Profissional	1º/2016	30 h
Práticas Profissionais e Processos na Diversidade e Inclusão	2º/2015	60 h
Disciplinas Específicas	SEMESTRE / ANO	Carga Horária
Políticas Públicas em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva	2º/2015	30 h
Necessidades Especiais, Síndromes e Transtornos – como reconhecer, contribuir e trabalhar	1º/2016	30 h
Tópicos Especiais Em Ciência Cognitiva	1º/2016	30 h
Autismo e Escola	1º/2016	30 h
Inclusão e Sociedade: tensões entre a igualdade e a diferença	1º/2016	30 h
Contribuições da Psicopedagogia no contexto da inclusão	1º/2016	30 h

6.1.6 TABELA 7 – Produções e Publicações

Título	Autores	Onde?	Ano	Tipo
Inclusão Escolar e Recursos Pedagógicos	Patrícia Monteiro Lima Chagas e Edicléa Mascarenhas Fernandes	III Congresso Internacional e XXIII Brasileiro da ABENEPI, XXIII Congresso Anual de la AINP e ao XX Congresso Latinoamericano de Flapia/Campos do Jordão – SP..	09/2015	Resumo (Curso pré-congresso)
Nada sobre nós sem os nossos: as funcionalidades das pessoas com deficiência intelectual	Patrícia Monteiro Lima Chagas; Sônia Mendes Ferreira Lopes, Débora Coelho e Edicléa Mascarenhas Fernandes	II Encontro Diversidade e Inclusão – CMPDI/UFF- RJ	12/2015	Oficina
Autogerenciamento: uma proposta inclusiva e interdisciplinar para adultos com deficiência intelectual baseado no Paradigma da Funcionalidade	Patrícia Monteiro Lima Chagas; Sônia Mendes Ferreira Lopes e Edicléa	CONINTER	2015	Comunicação Oral

	Mascarenhas Fernandes			
A pessoa com deficiência: estigmas, preconceitos e pré- conceitos	Patrícia Monteiro Lima Chagas	Museu Histórico Nacional/UFRJ	2016	Curso de Extensão - Formação de Mediadores
PEI Plano de Ensino Individualizado	Patrícia Monteiro Lima Chagas Edicléa Mascarenhas Fernandes	III Semana Científica do Departamento de Ciências Humanas Formação Profissional e Trabalho: Saberes e Sentidos I Simpósio Internacional Educação Sociedade e Trabalho UNEB/BA	SET/2016	Resumo - Comunicação Oral
Profissionalização da pessoa com deficiência intelectual: investigação e ação diante da práxis da escola inclusiva	Patrícia Monteiro Lima Chagas	III Semana Científica do Departamento de Ciências Humanas Formação Profissional e Trabalho: Saberes e Sentidos I Simpósio Internacional Educação Sociedade e	SET/2016	Resumo – Mini Curso (8h)

		Trabalho UNEB/BA		
Profissionalização da pessoa com deficiência intelectual	Patrícia Monteiro Lima Chagas	APAE Barreiras/ Bahia	SET/2016	Mini Curso (4h)
Currículo de Promoção ao Trabalho e a Pessoa Jovem e Adulta com Deficiência Intelectual	Patrícia Monteiro Lima Chagas; Ana Paula de Carvalho Machado Pacheco; Edicléa Mascarenhas Fernandes	CBEE	NOV/2016	Resumo - Relato de Experiência / Comunicação Oral
Síndrome de Rubinstein-Taybi: Um olhar psicopedagógico	Patrícia Monteiro Lima Chagas. Org. Edicléa Mascarenhas Fernandes e Hélio Orrico	Livro Alunos com Síndromes Raras: Direito à educação de qualidade	2016	Capítulo em livro

6.2 ANEXOS

6.2.1 Termo de Anuência



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Fundação de Apoio à Escola Técnica

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaramos que esta instituição tem interesse em participar do projeto **SEXUALIDADE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PROPOSIÇÃO DO TEMA NAS ESCOLAS**, proposto pela pesquisadora Patrícia Monteiro Lima Chagas, autorizando sua execução.

Declaramos ainda, conhecer e cumprir as Resoluções éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação final da proposta pelo Comitê de Ética em Pesquisa responsável por sua avaliação.

Data, assinatura e carimbo do responsável institucional

CAEP Escola Especial Favo de Mel
Rua Clarimundo de Melo, nº 847 – Quintino – Rio de Janeiro – CEP 21311-280
Tels.: (21) 2332-4137 / (21) 2332-40 CNPJ: 31.608.763/0015-49
e-mail: favodemel@faetec.rj.gov.br

FAETEC



SECRETARIA DE
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



6.2.2 Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa / UFF

Folha de Aprovação constante nas cópias impressas por estar em PDF.